Diário de Lisboa

ANO 56.º/19205 6$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

DL

O TERRORISMO EM LIBERDADE

O atentado bombista que teve lugar esta manhã destinava-se a atingir o engenheiro Lopes Cardoso. As destruições produzidas pela deflagração atestam a senha criminosa. Com maior probabilidade do que o antigo ministro da Agricultura, as vítimas poderiam ter sido Fernanda Lopes Cardoso, uma empregada, a porteira do prédio. Os criminosos não medem a repercussão material e as consequências humanas dos seus actos. Visam objectivos políticos. Este atentado visava, para além da pessoa física de António Lopes Cardoso, a sua acção militante, a sua luta pela Reforma Agrária, pela Democracia, pelo Socialismo. Pretendeu-se calar a voz de um defensor da Reforma Agrária na «Assembleia da República», e pretendeu-se, também, intimidar o Governo e o novo titular da pasta da Agricultura. A reacção fala a linguagem do terror, argumenta à bomba.

E o menos que podemos fazer é que o legalismo levado à irresponsabilidade política, e uma benevolência que admite a suspeição de cumplicidade, facilitam uma actividade criminosa de que as libertações recentes vieram a constituir como que um aplauso e um incentivo.

As lentidões processuais, as incúrias, a escassez de meios, a falta de apoio material, moral e político, explicam uma situação verdadeiramente paradoxal: os bombistas são postos em liberdade, os assassinos não são conduzidos aos tribunais, e eles, ou outros por estes exemplos animados, continuam a tarefa sinis-

Continua na pág. 24

SALGUEIRO MAIA TERÁ DADO O ALARME

NOVO 28 DE MAIO EM PREPARAÇÃO

Embora se tenha recusado a fazer declarações formais, o capitão Salgueiro Maia, que abandonou na passada semana a Escola Prática de Cavalaria, terá dito — segundo o matutino portuense, «J.N.» — a fonte muito próxima de jornal, que deixou Santarém por não querer participar «num novo 28 de Maio que se prepara».

Segundo aquele oficial uma grande parte do quadro permanente do Exército estará a preparar-se para voltar ao 24 de Abril. Chocado pelo que se está a passar neste momento e, sobretudo porque não quer fazer o papel de «fantoche», Salgueiro Maia terá denunciado, especialmente, o facto de ter sido colocado como comandante do Regimento de Cavalaria do Porto, o homem que ele teve de prender na madrugada de 24 de Abril, para poder marchar sobre Lisboa. Outro facto, por ele apontado, seria o do coronel Morgado, preso por Salgueiro Maia no 11 de Março, mas que, agora, aparece promovido a brigadeiro e colocado na direcção da Arma de Cavalaria.

Aquele «capitão de Abril» terá ainda sublinhado que depois de aprovada uma Constituição, votada por mandato popular, os militares não têm outra obrigação que não seja de garantirem a sua execução e partindo desse princípio (que entende estar a ser desrespeitado) teria decidido abandonar as suas funções operacionais.

A existência de numerosos oficiajs conservadores na E. P. C., que querem voltar ao 24 de Abril, e as frequentes querelas que terá mantido com eles, teriam acelerado, também, a decisão de Salgueiro Maia, um homem que, sublinha a fonte do «J. N.» próxima do capitão, «por coerência, nunca quis estrelas ou aumentos de vencimentos, mas que tendo participado na Revolução com a maior pureza, não podia ali continuar».

Entretanto, este caso está, aparentemente, a suscitar reacções em cadeia de militares fiéis ao espírito de Abril, que não querem ver de novo a «pata do fascismo» abater-se sobre o povo português.

ESTA MANHÃ, POUCO ANTES DAS 8 HORAS

Bomba em casa de Lopes Cardoso

«A carga que explodiu traduz a impunidade de que os bombistas têm desfrutado» — afirmou esta manhã ao «D.L.» o eng.» Lopes Cardoso directamente ao rebentamento de uma carga explosiva, uma hora antes, na sua residência, no 4.º andar direito do prédio n.º 45 da Rua Actor Vale, que não só destruiu toda a escada de serviço do seu andar como a frontaria da casa vizinha.

A explosão, ao que parece de TNT que teria sido colocado num balde de lixo, verificou-se às 7.42, minutos depois de a encarregada do prédio ter despejado os baldes dos oito inquilinos que habitam o prédio. A carga, que foi considerada de grande potência pela brigada de Minas e Armadilhas da PSP que imediatamente ali se deslocou, por pouco não atingia a porteira, que entre as 7 e as 7 e 30 percorreu todo o prédio, pela escada de serviço, na sua tarefa de arrumação.

Além da destruição parcial da escada de serviço, os vidros de todas as janelas do prédio desapareceram com a explosão. A cozinha da casa de Lopes Cardoso e do vizinho ficaram quase completamente destruídas, bem como a maioria dos electrodomésticos que ali se encontravam.

Jorge Lopes da Costa, a mulher e o filho — vizinhos de andar de Lopes Cardoso — não dormiram ali na noite passada, e tal facto terá contribuído para que não haja neste momento acidentes pessoais a lamentar. O mesmo se poderá dizer em relação a Lopes Cardoso e à esposa, Fernanda Lopes Cardoso, que no momento em que se verificou a explosão se encontravam num quarto situado no lado oposto à escada de serviço e, portanto, ao local onde a carga rebentou.

Dois minutos antes, de acordo com as declarações feitas ao nosso jornal pela esposa do ex-ministro da Agricultura, aquela dirigira-se à cozinha. Voltou ao quarto onde o marido dormia e foi estrondosamente alertada pela explosão.

Dirigiram-se para a cozinha e depararam com o «espectáculo»: um grande rombo na parede, o frigorífico destruído,

Continua na pág. 24

Pormenor das destruições na escada de serviço, junto à porta da cozinha

O comício de encerramento superlotou a praça do Campo Pequeno

P.C.P. aponta rumo para o Socialismo

O VIII Congresso do Partido Comunista Português, que ontem terminou com um grandioso comício no Campo Pequeno, constituiu um importante acontecimento na vida política nacional. O Congresso reforçado internacionalmente pela presença de 60 delegações estrangeiras, acentuou a determinação do P.C.P. de continuar a lutar pelo reforço da unidade das forças democráticas e progressistas rumo ao socialismo, de modo a derrotar o avanço das forças reaccionárias.

(Págs. 8 e 9)

ANTÓNIO HESPANHA ESCREVE SOBRE ENSINO SUPERIOR (Pág. 3)

FORÇAS DE PAZ ENTRARAM EM BEIRUTE (Pág. 17)

24 PÁGINAS

Geral

HOJE EM GENEBRA

Vai conhecer-se data para a independência da Rodésia

. A Grã-Bretanha planeia apresentar hoje formalmente propostas sobre uma data para a independência legal da Rodésia, sob a pressão dos nacionalistas africanos negros, para que ela seja fixada para 1 de Dezembro de 1977.

Espera-se que Ivor Richard, presidente da conferência, revele as suas ideias numa sessão plenária de negociação anteriormente adiada devido a uma disputa anglo-nacionalista sobre a data da independência.

Robert Mugabe e Joshua Nkomo, que chefiam duas das quatro delegações nacionalistas, insistem em que a Grã-Bretanha se compromete com uma data fixa, independentemente da altura em que as negociações terminem. Ambos propuseram precisamente a data acima mencionada. Fontes nacionalistas afirmaram que os dois dirigentes, unidos, numa aliança política para as negociações, a «Frente Patriótica», aceitariam também 1 de Março de 1978 como data de recurso, caso se provasse ser impraticável completar os processos legais e constitucionais para a independência até 1 de Dezembro de 1977.

Elementos da delegação branca afirmaram já que ficariam «muito descontentes» com a discussão de um período mais curto que 23 meses, que eles julgam ser necessário para completar os processos para a independência.

MOÇAMBICANOS SALVAM COMBOIO DE ATAQUE RODESIANO

Tropas moçambicanas e milícias populares fizeram fracassar uma tentativa de tropas rodesianas para fazer descarrilar um comboio, devido a explosão, numa via férrea perto de Chicualacuala, perto da fronteira com a Rodésia e a África do Sul — revela a Agência de Informação de Moçambique (AIM).

A notícia relata que habitantes locais alertaram o Exército para a intrusão de catorze soldados rodesianos a cavalo, através da vila fronteiriça de Pafuri.

As forças moçambicanas foram encontrar os rodesianos a colocar minas na linha de caminho-de-ferro, com o objectivo de atingir um comboio precedente de Maputo.

Os moçambicanos puseram em fuga os rodesianos, infligindo-lhes várias baixas, matando cinco cavalos e capturando uma mina antiveículos, morteiros de 60 mm, granadas e morteiros.

Não houve baixas moçambicanas.

UNIVERSIDADES PODEM PARAR NA QUARTA-FEIRA

Demissão colectiva de todos os conselhos directivos?

As resistências que o «novo» decreto-lei de gestão tem provocado, a contestação e o repúdio que tendem a generalizar-se entre as estruturas universitárias do País, podem vir a ganhar uma nova face no III Encontro Nacioal dos Conselhos Directivos e Associações de Estudantes a realizar na próxima quarta-feira. Com efeito, segundo apuramos, será apresentada uma proposta (já bem recebida em reuniões de escolas) que defende a demissão colectiva de todos os Conselhos Directivos.

Ficariam assim as escolas subitamente em oposição declarada ao decreto do MEIC e ao que ele estipula. A possibilidade de o Ministério avançar com comissões com competências das instaladoras será uma hipótese a considerar. Para já, caso a proposta venha a vingar, está seriamente comprometida a elaboração dos cadernos eleitoriais, e a questão de quem deve convocar o Conselho Científico em que o decreto-lei é omisso, torna-se mais pertinente. A ausência de Conselhos Directivos neste tempo que vai até ao dia dois de Janeiro, virá afectar, sem dúvida alguma, o funcionamento normal ou mesmo o funcionamento mínimo das escolas do Ensino Superior.

Resta saber qual será a posição do MEIC que se tem recusado sistematicamente ao diálogo.

GEOLOGIA ARDEU ANEXO ESTÁ A RUIR

Os alunos da Faculdade de Ciências interrogam-se: onde vamos ter aulas? Com efeito, o ano passado o edifício de Geologia ardeu, e na última semana, o anexo foi declarado sem condições para ser utilizado, pois de um momento para o outro pode ruir. No anexo tinham aulas, estudantes dos 1.º e 2.º anos de Engenharia, dos 2.º e 3 e 4.º anos de Matemática, assim como dos 1.º e 2.º anos de Física e Química.

A Geologia continua por funcionar. Assim, pergunta a direcção da Associação: «Onde é que agora vamos ter aulas, senhor ministro? (...) Aonde iremos agora ter aulas, se neste velho edifício da Faculdade, a Física está cheia, o Pavilhão está cheio, a Química também, assim como a Botânica e a Zoologia? (...) Porque razão as novas instalações para a Faculdade de Ciências, há tanto tempo prometidas, e cujos planos já estão feitos, foram proteladas a favor do «projecto» da Faculdade de Pedagogia?».

O problema arrasta-se, «os estudantes de Ciências querem uma solução imediata».

Entretanto haverá amanhã uma Assembleia Plenária em que embora o assunto principal seja o decreto de gestão, o problema das instalações será posto à discussão.

A DIREITA AVANÇA EM LICEUS DO PORTO

PORTO, 15 — a Comissão de Luta do Liceu António Nobre está disposta a endereçar uma «carta aberta» ao Presidente da República e de outras entidades, relatando os acontecimentos verificados naquele liceu exigindo medidas imediatas para a defesa do direito constitucional de livre expressão. Esta decisão foi anunciada durante uma conferência de Imprensa, dada por elementos de uma comissão de alunos eleita para o efeito. No encontro com os jornalistas foi feito um relato circunstanciado dos incidentes ocorridos naquele estabelecimento de ensino.

A «passividade» e até conivência das autoridades para com os estudantes fascistas foi também denunciada. Criticada ainda, a política do MEIC, acusado de seguir uma «política de concessão à direita» o que permite o seu avanço, não só no António Nobre como, também, nos liceus de Matosinhos, Rodrigues de Freitas, Garcia de Orta e, ainda, na Faculdade de Engenharia onde se constata a «presença e actuação de agitadores como foi referido.

PARA AGOSTINHO NETO

"Marxismo-leninismo sim, socialismo africano não"

LUANDA, 15 — (A OP e ADN) — O futuro partido operário marxista-leninista de Angola sairá das fileiras do MPLA — declarou o presidente Agostinho Neto em entrevista ao «Jornal de Angola».

A base científica do futuro partido será o marxismo-leninismo — afirmou o dr. Agostinho Neto, segundo o qual «não é possível construir o socialismo sem que existam as bases, e uma destas bases é a criação de um tal partido».

O presidente da RPA refutou o chamado «socialismo africano», considerando-o fenómeno que serve indirectamente o neocolonialismo e o imperialismo.

Agostinho Neto observou que o segundo ano da independência de Angola será o da reconstrução nacional: «É o ano durante o qual nos será necessário atingir um nível de produção normal».

U. R.A.P. reclama julgamento dos "pides"

Numa moção aprovada na sua ulltima reunião, e endereçada ao general Ramalho Eanes, a URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses) reclamem que «seja efectivado o julgamento dos agentes da PIDE/DGS e responsáveis pela repressão e sofrimento infligido ao nosso Povo durante dezenas de anos, bem como prossecução do inquérito relativo às actividades terroristas, até identificação e castigo dos culpados».

Duas outras moções foram aprovadas na mesma reunião: uma, dos sobreviventes antifascistas do campo de concentração do Tarrafal e de todos os antifascistas presentes à sessão, que por motivo do 40.º aniversário da fundação daquele campo, exigiram a todos os órgãos do poder que «justiça seja feita aos carrascos do povo: «pides», bombistas e demais fascistas», outra, de um grupo de jovens reunidos na mesma assembleia, a entregar na Assembleia da República aos grupos parlamentares do P. S., do P. C. P., e ao deputado da U.D.P., saudando todos os antifascistas que sempre lutaram e lutarão contra o regresso das forças do capital, e reclamando o julgamento dos «pides», exigindo que estes não sejam postos em liberdade.

Além do Presidente da República e da A. R., as moções foram também enviadas ao Primeiro-Ministro, ao ministro da Justiça e ao Conselho da Revolução.

A DECLARAÇÃO DE MITTERRAND SOBRE OTELO

Salema responde a Fernando Cascais

Em resposta a Fernando Cascais, jornalista da ANOP, Manuel Salema, advogado constituído do major Otelo Saraiva de Carvalho enviou, com pedido de publicação, ao «Diário de Lisboa» uma carta na qual contesta as afirmações daquela jornalista ao nosso jornal. Com efeito, após um artigo publicado no «DL» em que se afirmava não ter a ANOP divulgado uma declaração de François Mitterrand relacionada com o major Otelo, e de o jornalista Fernando Cascais ter dado ao dr. Manuel Salema como razão da sua não publicação «a sua inoportunidade no actual contexto político» bem como o facto de não ter sido possível «encontrar alguém que conhecesse a caligrafia daquele político francês», Fernando Cascais, contactado pela nossa redacção, afirmaria: «O sr. Salema que não invente!»

É para pôr o que considera como a verdade dos factos que Manuel Salema vem hoje responder a Fernando Cascais.

«O vosso número de 11 de Novembro (pág. 4) contém uma notícia, cujo título, «Cascais desmente Manuel Salema» me merece, por razões evidentes, os seguintes esclarecimentos:

1 — Diz-se ali que, segundo a notícia do «Diário de Lisboa», de 10 de Novembro de 1976, Fernando Cascais teria obstado à publicação de quaisquer notícias sobre a carta de François Mitterrand ao major Otelo Saraiva de Carvalho.

2 — Diz-se mais, que tal era totalmente falso, porquanto a notícia foi feita, bastando para isso compulsar o serviço da ANOP do passado dia 2.

3 — Diz-se, finalmente, que eu teria inventado que Fernando Cascais me teria dito que a notícia não fora publicada, dado a sua inoportunidade no actual contexto político.

4 — Ora, quem leu a notícia do «Diário de Lisboa» de 10 de Novembro de 1976, verificará facilmente não haver nela qualquer afirmação de que Fernando Cascais teria obstado à publicação de quaisquer notícias sobre a carta de François Mitterrand.

5 — Com efeito, ali se diz, apenas, que aquele jornalista, depois de contactado por mim, teria informado que a notícia não fora publicada, pelos dois motivos elucidados.

6 — Com efeito, no dia 2 de Novembro, pelas 15 horas, telefonei ao jornalista Fernando Cascais informando-o de que tinha em meu poder uma declaração de François Mitterrand, e perguntando-lhe se a faria publicar nos jornais. Após ter lido a declaração pelo telefone, foi-me pedido se podia mostrar à ANOP a dita declaração. Concordei com isso e, cerca das 17 horas desse mesmo dia, alguém da ANOP veio buscar a declaração, que meti num sobrescrito juntamente com uma fotocópia. Nesse dia, prestei atenção especial às duas edições do Telejornal da noite bem como aos noticiários da RDP e não saiu a mais pequena notícia sobre a dita declaração. Nos dias seguintes, 3, 4 e 5, tive o cuidado de ler os jornais diários, da manhã e da tarde, bem como de ouvir os noticiários da Televisão e da RDP, e mais uma vez nenhuma notícia vi sobre a tal declaração. Apenas, num diário da tarde de Lisboa, e creio que num diário da manhã, vinha uma notícia, segundo a qual (os termos seriam mais ou menos estes) «círculos próximos do major Otelo Saraiva de Carvalho revelaram que este teria escrito uma carta a François Mitterrand». Nos dias posteriores, mais nenhuma notícia veio sobre o assunto.

Ora, a declaração de François Mitterrand, cujo original está em meu poder, e uma fotocópia em poder da ANOP, dizia que aquele tinha recebido, em Lisboa, no dia 2 de Novembro, o advogado do major Saraiva de Carvalho, e que com ele tinha sido informado das condições e situação da detenção do mesmo major. Mais dizia, que o advogado do Major Otelo tinha entregue a François Mitterrand uma carta à qual este tinha respondido.

7 — Por volta do dia 6 de Novembro, ou talvez no dia 5, estranhando o silêncio, telefonei, cerca do meio-dia, para a ANOP, tendo-me sido dito que o jornalista Fernando Cascais, só estaria à tarde. Cerca das 15 horas, voltei a falar para a ANOP, e fui então atendido pelo jornalista Fernando Cascais, tendo-lhe pedido que me devolvesse o original da declaração de François Mitterrand. No decorrer da conversa, perguntei por que motivo a notícia não tinha saído nos órgãos da Informação, tendo-me sido respondido que o assunto tinha sido discutido e entendido não ser oportuno publicá-lo e, além disso, que tinham tentado encontrar alguém que conhecesse a letra de François Mitterrand, a fim de se poderem certificar da sua autoria. Como é óbvio não fiz quaisquer comentários e desliguei.

Em seguida, mostrei a dita declaração (original) ao jornalista Portela Filho, e ao Manuel Anta, do «Diário de Lisboa», contando-lhes o que se tinha passado. Daí, as duas notícias que saíram, sucessivamente, nos dias 11 e 12 do corrente. Tudo isto corresponde, rigorosamente, à verdade, e nem um milímetro foi inventado.

Vem agora o jornalista Fernando Cascais afirmar que a notícia foi feita: «basta consultar o serviço da ANOP do passado dia 2».

Pois bem, para além da frase escamotear o problema da não publicação por meios da comunicação (jornais, televisão e rádio), pois a ANOP não se destina a distribuir notícias pelos seus serviços internos (não vindo, portanto, a público), a única «notícia» que saiu foi a de que o major Otelo teria escrito uma carta a François Mitterrand. Se isso corresponde ao conteúdo e ao texto da declaração, cuja fotocópia entreguei à ANOP, o público deste país que o julgue. Finalmente, desafio o jornalista Fernando Cascais a provar em que telejornal em que noticiário da R.D.P. e em que jornais diários, saiu a notícia da declaração que François Mitterrand me entregou no dia 2 de Novembro.

Enfim, como se costuma pedir nos tribunais, às testemunhas, é necessário que se diga «a verdade, só a verdade e toda a verdade».

Como todos sabemos, as meias-verdades, ou parte delas, redundam sempre, sobretudo em termos de informação, em mentiras.

Situação na Maconde mantém-se

Mantém-se o «lock-out» na multinacional Maconde, em Braga. Os 400 trabalhadores que não aceitam a suspensão das dirigentes sindicais continuam nos seus postos de trabalho, enquanto os restantes são levados para Vila do Conde debaixo das pressões dos familiares a quem a gerência enviou cartas com ameaças de despedimento.

Entretanto, a manifestação efectuada no sábado reuniu muitos milhares de pessoas que percorreram artérias da cidade entre as instalações da fábrica e o Governo Civil com passagem pela delegação do Ministério do Trabalho. Ambos aqueles serviços se encontravam de portas fechadas. Junto da P. S. P., situada próxima do Governo Civil, estavam polícias equipados com capacetes, viseiras e bastões. Toda a manifestação decorreu sem indicentes. Foram gritadas entre outras as palavras de ordem: «Trabalho sim, desemprego não», «Não à repressão, liberdade sindical», «Não à greve do patrão», «Morte à C. I. P. e a quem a apoiar», «Não à repressão policial», etc.

post-scriptum

AO SR. MINISTRO DOS TRANSPORTES

Exmo. sr. ministro:

O aumento dos transportes, anunciado por V. Ex.ª e posto em prática no passado dia 1 de Novembro, foi muito mal acolhido por toda a parte, como já deve ter tido ocasião de verificar. E a prová-lo, está a comunicação que V. Ex.ª fez na TV, prometendo um melhoramento das condições dos transportes públicos e do trânsito em geral, para ver se calava os protestos que o aumento de tarifas veio provocar. Bom, se fosse só isto, embora protestasse, atribuiria estas medidas à política antipopular que o Governo teima em seguir e ficava tudo «em águas de bacalhau», mas vejamos as aberrações que acompanham este aumento:

1 — Vem a público, que o aumento será de 25 por cento; portanto um bilhete de 2$00 passaria a custar 2$50, o que aconteceu nos autocarros da Carris na zona de Lisboa, e digo de Lisboa, pois já não se verifica para as carreiras C. Sodré-Odivelas ou Rossio-Odivelas, onde o bilhete da C. Carriche-Odivelas era de 2$00 e passou a custar 3$00, a que corresponde um aumento de 50 por cento; o mesmo se passa com os bilhetes de 2$00 das carreiras interurbanas que sofreram o mesmo aumento de 50 por cento.

2 — Ouve-se que vão ser criados «passes sociais» para as carreiras interurbanas, a exemplo do que acontece na Carris e de que tem resultado bom efeito, mas estes, pelos factos que passo a apresentar, estão condenados ao malogro, senão vejamos:

a) Os «passes sociais» não são válidos para o domingo. Assim, quem trabalhar ao domingo e folgar a um dia de semana, terá de pagar o respectivo bilhete.

b) Os «passes sociais» só são válidos para as carreiras nacionalizadas, isto é, para as da Rodoviária Nacional. Ora, quem habite por exemplo em St.º António dos Cavaleiros, e que é servido na deslocação para Lisboa por várias empresas transportadoras, contando-se entre as principais e mais assíduas a Bucelense, Barraqueiro e Isidoro Duarte, terá de optar por ter um passe de uma destas empresas e ficar à espera da carreira respectiva, ou então, se quiser apanhar qualquer uma, terá de andar com 3 passes na carteira, e suportar de uma vez só um empate razoável de capital, que num casal equivale a quase um ordenado completo.

Com os «passes sociais» resolver-se-ia o problema, só que as empresas Barraqueiro e Isidoro Duarte não estão nacionalizadas e consequentemente não são abrangidas pelo passe, ficando o problema na mesma ou pior.

c) Posto isto, será melhor rever a utilidade do passe ou então ficará definitivamente a ser conhecido pelo nome que já ouvi chamar e que se ajusta, «passe anti-social».

3 — Outro problema que aflige os utentes é o trânsito, não se compreende como para percorrer 9 km de St.º Ant.º dos Cavaleiros a Lisboa se demore 1 hora e mais, de Odivelas para Lisboa queixam-se do mesmo, nos comboios da linha de Sintra nem vale a pena falar, no metro é impossível viajar, de Moscavide, da linha do Estoril, da Margem Sul, seja de onde for, toda a gente se queixa dos transportes, até mesmo dentro da cidade chega-se a esperar por um autocarro 30, 40 e 50 minutos e por vezes quando chegam não trazem lugares.

4 — Urge pôr termo a este caos na cidade de Lisboa e arredores, e para tal é necessário que se trabalhe afincadamente, com equipas de pessoal competente desse Ministério. Podia avançar com algumas soluções no que respeita à zona onde moro, mas seria indubitàvelmente insuficiente, por isso limito-me a sugerir alguns métodos de trabalho para a resolução da crise, tais como:

a) Fazer um inquérito a um número considerável de pessoas que utilizem os transportes públicos, ouvindo as suas queixas, donde surgem sempre ideias para futuras resoluções, pois quem sofre na pele os problemas sabe muito bem como deveriam ser resolvidos.

b) Pessoas que estão dentro dos problemas dos transportes deviam debruçar-se sobre as condições em que se processa o trânsito e tirarem o maior proveito de ideias surgidas por via desses inquéritos.

c) Passar imediata e rapidamente à acção, conseguindo para isso verba e pessoal, com um máximo de prioridade sobre quaisquer outros empreendimentos públicos.

5 — Sr. Ministro, isto é um desabafo de quem vê reduzido o seu poder de compra e não tem quaiquer benefícios na utilização obrigatória dos transportes.

José Gabriel de Oliveira
— SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
— LOURES

Processo ao «DL»

Pela Imprensa consta haver a preocupação de ser movido ao «DL» um «processo» por parte da Polícia Judiciária Militar.

Não sendo brilhantes, à evidência, os resultados da actuação da P.J.M. quanto ao que se pensava ser o desmantelamento da rede terrorista poderei, pessoalmente, admitir como hipótese ser esse «processo» uma manobra de diversão?

Como manobra de diversão interessaria aos implicados (conhecidos e desconhecidos) seus solidários (não imagino quem sejam!).

Seria inconveniente que a P.J.M. protelasse este «processo» para depois do desmantelamento da rede terrorista...?

Joaquim Neves Gregorio Patrício
LISBOA

A GESTÃO NO ENSINO SUPERIOR

1. PERSPECTIVA COMPARATISTA

ANTÓNIO MANUEL HESPANHA

As questões do ensino têm andado, nos últimos tempos, espartilhadas nas dimensões de uma justa. Esse lamentável abcesso que tem sido a «questão Cardia» deixou poucas forças disponíveis para um debate estratégico e ponderado acerca da escola.

Valha a verdade que o MEIC tem sido o primeiro responsável por esta situação. Não falo já da responsabbilidade originária que lhe advém de ter aberto, com medidas claramente feridas pela cegueira sectária, o contencioso e de o ter colocado no plano em que ele se encontra. Na verdade, não é razoável esperar que da chicana quase pessoal, da acusação falsa e provocatória, surja um debate rico e perspectivado para os temas fundamentais. Mas refiro-me, neste momento sobretudo, à renovada responsabilidade pela continua reincidência numa discussão mistificadora, pontilhada de afirmações dogmáticas, muitas delas rotundamente falsas outras apenas problemáticas, deserta de análises fundamentadas e críticas da situação do ensino e das suas causas, percorrida por um maniqueísmo primário.

Não é fácil cortar com isto, sobretudo quando foram criados tão grandes traumatismos. No entanto, vão-se notando sinais encorajadores de que há quem julgue urgente ultrapassar este estilo de debate. Na última semana, por exemplo, foi muito animador o colóquio dirigido por Rui Grácio, Salvado Sampaio e Graça Fernandes na Faculdade de Ciências, o primeiro de uma série de seis. Também os artigos de E. Prado Coelho no «Diário Popular» poderão ter tido um efeito positivo no sentido de (como ele diria...) operar uma ruptura discursiva.

No final de contas Sottomayor Cardia é apenas o ministro da Educação e — com todo o respeito que, constitucionalmente, os ministros nos devem merecer — a verdade, a justeza, o rigor das soluções em matéria de educação (como nas outras, de resto) são percorridos por uma lógica que não nasce necessariamente do «despacho», do papel selado ou das «comunicações televisionadas ao País».

Numa curta série de artigos, procurei situar certas questões fundamentais do ensino superior num plano em que a discussão civilizada seja possível.

OS INCÓMODOS DA QUESTÃO DEMOCRÁTICA

O primeiro dos problemas fundamentais do ensino superior que o MEIC trouxe para a discussão foi o do governo das faculdades. Isso compreende-se. Muita gente experimenta uma sensação de incomodidade perante a situação do governo das escolas nestes dois anos. A meu ver, há que distinguir, no entanto, vários tipos de incomodidade: 1.º) a daqueles que antes de 25 de Abril eram os mandarins das escolas, que gostavam disso (por razões muito diversas), e que deixaram de o ser; aos quais agrego os que indirectamente colhiam vantagens da situação dos primeiros; 2.º) os que, não sendo colaboradores activos do sistema fascista de governo universitário, retiravam dele, todavia, a vantagem da paz, da tranquilidade, da ordem, que pensavam que esta paz mole era conatural a um sistema universitário harmonioso (de onde, a falta de paz equivaleria à desarmonia do sistema); 3.º) os que não fetichizam nem a paz, nem a «investigação», nem o «nível do ensino», que sabem que tudo isto está em tensão com valores (eminentemente políticos) que a nossa revolução trouxe à tona, mas que pensam que a realização destes valores não justifica um sistemático sacrifício dessa paz, dessa «investigação», desse «nível do ensino».

Aos primeiros — os velhos e novos admiradores do antigo governo das escolas — dedicaremos o presente artigo. Muitos deles nem isto mereceriam, por se encontrarem feridos de indigndidade, dessa indignidade que resulta da sistemática subordinação dos interesses ilegítimos do poder (político, económico, social) da prepotência sobre colegas e estudantes, do imobilismo científico e desse silêncio tumular perante a indignidade dos outros, desse eterno bolinar parente os ventos de todos os azimutes.

A incomidade destes universitários perante a actual gestão das escolas só desaparecerá com a reconstituição pura e simples dos antigos senados e conselhos de faculdade, sob esta ou outro designação. Ora essa solução pensamo-lo de todo inviável.

JÁ ANTES DE ABRIL...

Ainda no tempo de Veiga Simão, os dias dos senados e conselhos (como órgãos reservados aos escalões superiores da docência universitária) estavam contados. Um **projecto de Estatuto Universitário aprontado nas férias pascais de 1974** previa a sua substituição por vários órgãos participados por assistentes e estudantes.

Ao nível da universidade, o **Conselho Universitário**, de que faziam parte docentes de todas as categorias e seis estudantes (em 18 elementos, dos quais 9 eram professores seniores); as **Comissões Curriculares** — com atribuições pedagógicas (incluindo planos de estudo, programas e avaliação) — participadas por docentes, estudantes e extra-universitários, na razão 4:4:2; a **Comissão de Pessoal Docente e de Investigação** — com atribuições no domínio do recrutamento e promoção dos docentes e investigadores — em que poderiam estar presentes assistentes e, até, estudantes. Ao nível do departamento (que, na economia do projecto, substituia as faculdades) **o Conselho de Departamento** — com as funções de direcção científica, pedagógica e administrativa desta unidade —, integrado por docccentes e investigadores, pessoal não docente e estudante na proporção de 5:1:4.

Nesse mesmo período, a opinião corrente entre os universitários mais abertos era a de que — uma vez que «o ensino e a investigação são também levados a cabo na Universidade por professores extraordinários, auxiliares, investigadores e assistentes» — «não se vê como se possa — sem desrespeito afinal pelo princípio da liberdade de ensinar e investigar — deixar de estender, não só **simbolicamente**, mas **substancialmente**, a todos estes docentes e investigadores, que não são catedráticos, o direito de participação no governo da Universidadee» (**A reforma do ensino superior. Reflexões e propostas de um grupo de professores e assistentes da Universidade de Coimbra.** Julho de 1971). Consequentemente, este grupo (de que faziam parte, entre outros, Eduardo Correia, Luís de Albuquerque, Fernandes Martins, Pinho de Brojo e Mota Pinto) propunha uma extensa participação dos assistentes e dos estudantes em todos os órgãos universitários.

NA EUROPA, EM 1972...

Esta era, de resto, já então a solução existente na esmagadora maioria dos países europeus. Os docentes «juniores» e os estudantes participavam (segundo dois estudos do Conselho da Europa, de 1972), por via de regra e em **termos não simbólicos**, no governo das escolas. Isto era ainda verdade, quanto a matérias como investigação científica e recrutamento do pessoal docente, embora alguns países introduzissem aqui certas restrições.

Na Áustria (Lei universitária de 1972), a participação reservada aos professores titulares não ultrapassava nunca os 50 por cento; na França (lei Faure, 1968), a representação estudantil podia, em certos domínios, ascender a 49 por cento, embora houvesse algumas matérias reservadas; na Holanda (Lei de 9.7.70), os docentes titulares contam com 1/3 a 1/2 dos lugres dos conselhos, estando os estudantes excluídos apenas das consultas sobre nomeação de docentes; na Itália (Reforma de 1969), os professores titutlares dispunham apenas de 40 por cento a 50 por cento dos lugares, havendo contudo certas matérrias reservadas; na Dinamarca (Lei de 4.6.1970) a regra era a de que aos professores titulares e em «full-time» devia competir a maioria dos lugares dos conselhos, mas, por exemplo, em matérias pedagógicas, havia representação paritária dos estudantes; regime muito semelhantes vigoravam nos restantes países nórdicos (Suécia, Reforma de 1968; Finlâmdia, lei de 25.1.1971). Na Suíça e na Inglaterra, a mesma tendência manifestava-se, enriquecida pela pluralidade de «cartas» das universidades ou de legislação cantonal.

RAZÕES INSTITUCIONAIS

A causa dos conselhos de faculdade parecia (e parece), portanto, estar perdida. Este consenso institucional traduz, no fim de contas, não uma cedência perante a demagogia e a contestação, mas um novo modo de ser da instituição universitária, quer quanto à sua estrutura interna, quer quanto às suas relações com a sociedade. A universidade é, hoje, uma «universidade de massa» (e não pode deixar de o ser; cf. as conclusões da **Conféreńce sur les Structures futures de l'enseignement post-secondaire**. OCDE. Paris 1974 ou Darcy Ribeiro **A universidade necessária**); o trabalho de doência e de investigação, dedoência e sob formas colectivas (e não solipsistas ou autocráticas), o ensino de enorme número de estudantes mobiliza necessariamente — caída a aula magistral — grande número de docentes de espectro muito vasto cuja colaboração é determinante não só na pos-

Continua na pág. 4

Nacional

ENTRE OUTROS DESEJOS...

C.D.S. quer dissolução da Assembleia

. PORTO, 15 — Terminou, ontem, em Braga, a quarta reunião do corrente ano do Conselho Nacional do CDS, com a aprovação de quatro moções ligadas à análise do presente momento político e à conclusão da discussão sobre a campanha eleitoral para as autarquias locais.

Freitas do Amaral acusou o Governo de não conseguir «definir na Assembleia da República uma orientação autónoma que revele a sua personalidade própria» e ainda de se refugiar «numa atitude de votação e de alinhamento constante com o Partido Comunista, em matérias onde desde sempre o PS tinha feito questão de dizer que possuia soluções próprias, como é o caso da Reforma Agrária».

Quatro moções que consubstanciam o que de mais importante foi tratado nas reuniões do Conselho Nacional daquele partido foram aprovadas por unanimidade.

No período destinado a perguntas, Freitas do Amaral adiantou que «o CDS encara todas as hipóteses de alternativa a este Governo, que sejam democráticas, que se inscrevam nos quadros da constituição e que não contem com a participação do Partido Comunista». Repudiando, como única alternativa, a ditadura militar, o dirigente centrista avançou com soluções tais como: «os Governo de coligação com várias combinações possiveis, com base na constituição da A.R.», «A constituição de um Governo de maioria presidencial, não emanado de uma coligação partidária» e ainda «a dissolução da Assembleia da República e convocação de eleições gerais antecipadas para um encontro de soluções novas com uma correlação de forças diferente das que se encontram no momento, na Assembleia da República».

Mário Silva expõe poemas ilustrados

. No dia 26 deste mês é inaugurada em Basileia uma exposição de poemas de autores portugueses, com ilustrações de Mário Silva. A exposição, que se destina a divulgar a poesia portuguesa, reveste-se de um interesse muito especial, por ter lugar na galeria Schnetz, uma das mais prestigiadas da cidade.

Vão ser expostos poemas de António Ramos Rosa, Beatriz Rodrigues Barbosa, Dinis Duarte, Manuel Alegre, Moita Macedo, Tossan e outros poetas contemporâneos. A mesma exposição estará aberta ao público no dia 20, na Casa de Portugal em Paris.

J.S.D. EM CONGRESSO

Apoio ao partido e a Sá Carneiro

. PORTO, 15 — Um discurso de Francisco Sá Carneiro encerrou ontem na Estalagem da via Norte, próximo do Porto, o II Congresso da JSD. Os trabalhos demoraram dois dias, tiveram a participação de centenas de delegados de todo o país e ainda dos Açores e da Madeira. Das conclusões ressalta o apoio da organização para a juventude do PSD-PPD à linha política desta organização e ao seu presidente, Sá Carneiro. A JSD, numa referência ao Presidente da República, reafirma-lhe também o seu apoio, mas ao mesmo tempo «advertindo-o (...) para a gravidade da situação nacional e exigindo que, se necessário, assuma os poderes que a Constituição lhe confere». Outra nota a assinalar entre as conclusões: a JSD, a dado ponto, declara o seu repúdio «pela presença em Portugal do autor do chamado documento Ponomariov», Boris Ponomariov, que veio a Lisboa para presenciar os trabalhos do Congresso do PCP. A declaração da JSD veio a público um dia depois de Ponomariov ter sido recebido em audiência no Palácio de Belém pelo PR, general Ramalho Eanes.

Durante o Congresso foram eleitos os membros da Comissão Política Nacional, do Conselho Nacional e do Conselho de Jurisdição Nacional, que vão exercer funções por dois anos. Na sua alocução, Sá Carneiro atribuiria aos eleitos «a grande honra pela sua contribuição na derrota do gonçalvismo».

O presidente do PSD/PPD congratulara-se pouco antes com a posição crítica dos jovens sociais-democratas em relação ao Governo e sobretudo pelo facto de essa posição crítica não ter desencadeado qualquer crise. E denunciou a necessidade de «alertar para os defeitos, incapacidades e falta de operacionalidade dos órgãos governamentais». Excepção feita para um ministro: Sottomayor Cardia.

REUNIÃO NO PORTO

Entretanto, ainda esta semana e na cidade do Porto, o PSD/PPD promoveu uma reunião a nível distrital para análise da linha a seguir durante as eleições para as autarquias. Na reunião participaram, entre inúmeros militantes, todos os candidatos às câmaras municipais do distrito. Entre as presenças, a de Mário Cerqueira, do partido e vice-governador civil do Porto.

No final da reunião, Amândio de Azevedo aos jornalistas: «Foi a primeira reunião do género — disse —, mas no próximo fim-de-semana haverá reuniões, também com a presença de elementos da Comissão Política Nacional em Vila Real, Bragança, Viseu e Guarda. O princípio fundamental a adoptar é o de que as eleições são um facto local que não deve ser encarado como uma luta partidária. O PSD pensa que o importante é a realidade local». Fez críticas ao PS.

ELEIÇÕES REGIONAIS

Vinte e tal recursos contra candidaturas

. Eleva-se a cerca de duas dezenas e meia o número de recursos presentes aos quatro Tribunais de Relação sobre os processos de candidaturas às eleições para as autarquias locais — segundo uma nota do STAPE dando conta do estado em que se encontram os trabalhos preparativos do processo eleitoral. A nota diz as principais razões que assistem à generalidade dos recursos: entrega, fora do prazo, dos processos de candidatura; não-inscrição no recenseamento de candidatos; e a apresentação, como candidatos, de cidadãos eventualmente abrangidos pelas incapacidades cívicas. Com a apreciação de tais recursos por parte dos tribunais competentes, encerra de vez a fase de apresentação de candidaturas.

PRAZOS

«Decorre ainda a apresentação de recursos respeitantes a incorrecções contidas nas provas tipográficas» — lembra o STAPE na sua nota. E, falando do direito que a cada lista concorrente assiste de fazer-se representar no acto de votação e em cada secção de voto por um delegado e respectivo suplente, o STAPE lembra que as diligências nesse sentido estão sujeitas a prazo.

Assim — diz a nota — até ao próximo dia 19 devem ser comunicados ao presidente da Comissão Administrativa Municipal ou ao administrador de bairro, dos nomes e demais elementos de identificação dos delegados e suplentes.

Por outro lado o prazo para os proprietários de salas de espectáculos ou de outros recintos públicos com condições para serem utilizados na campanha eleitoral declararem às Comissões Administrativas Municipais ou administradores de bairro respectivo a intenção de cedência (mais as datas de utilização) termina no dia 20.

Parlamentares na N.A.T.O.

Partiu anteontem para Nova Iorque a delegação da Assembleia da República que vai participar na 22.ª sessão da Assembleia do Atlântico Norte, que se reúne naquela cidade de amanhã a sexta-feira. A delegação integra membros dos três partidos mais votados (P.S., P.S.D. e C.D.S.)

A gestão no Ensino Superior

Continuação da pág. 3

sibilidade mas ainda na qualidade do processo de ensino, a investigação ocupa, cada vez mais claramente, um papel ancilar em relação à docência e, nesta medida, passa a interessar, por igual, a toda a comunidade escolar. Do ponto de vista externo, a universidade — onde se realiza um intenso investimento público — liga-se fortemente à colectividade, assumindo esta ligação aspectos não apenas técnicos, mas também políticos; a colectividade exige um compromisso, sem limites, da Universidade no seu destino económico, cultural mas também social e político e, para o assegurar, entende dever participar no seu governo.

É por isto que, nesse primeiro grupo de universitários a que me referi, a incomodade perante a gestão democrática há-de ser um fardo que o processo da história tornou inevitável. É por isto também que o decreto de gestão promulgado pelo I Governo constitucional constitui uma das tais soluções de antemão condenadas, seja qual for a força conjuntural que a universidade tenha para se lhe opor, seja qual for a veemência com que o Ministério venha afirmar — como infelizmente o fizeram o ministro (comunicação televisionada) e o secretário de Estado do Ensino Superior (entrevista ao «Jornal Novo», 3.11.76) que o novo-nado constitui o supra-sumo da democracidade. Ao entregar todo o poder na escola (pois o resto que do decreto consta são disfarces um tanto ingénuos a um corpo constituído exclusivamente — como nos anteriores conselhos — pelos professores «seniores», designados pelo simples facto formal de deterem certos títulos escolhe-se uma solução que, como se viu: a) não era pensável nem já no tempo de Veiga Simão: b) não era a corrente, já em 1972, nos países da Europa que constituem os modelos habituaus do actual MEIC (nos outros também não, contra o que afirmou Sottomayor Cardia; rápidas leituras poderão dissipar equívocos destes); e, finalmente, c) não está de acordo com a natureza actual da instituição universitária.

E, portanto, quando o secretário de Estado do Ensino Superior declara: «posso afirmar-lhe que o decreto-lei de gestão que aprovou a constituição dos órgãos de funcionamento interno das escolas é uma lei democrática e que é, certamente — **e nisso não tenho quaisquer dúvidas** (o sublinhado é meu) — a mais ousada e mais progressista de todas as leis de gesttão das universidades em todo o mundo» (!!!), está a emitir um juizo que, por se situar no tal plano argumentativo que é preciso evitar, não tem nada a ver com o estilo de discussão que procuro abrir com estas breves notas.

A seguir: «Gestão democrática e degradação do ensino»

DECORE A SUA CASA
E GANHE DINHEIRO
ENQUANTO ESTUDA
DECORAÇÃO

Por correspondência, apenas por 220$ mensais, incluindo material de ensino, correcção de exercícios mensais e consultas técnicas, aproveitando os seus tempos livres, CETOP, com onze anos de experiência no ensino à distância, oferece-lhe um curso praticamente único na Europa.

Poderá frequentar este curso excepcional, na sua própria casa, beneficiando das múltiplas vantagens que lhe trará o seu estudo: DECORE A SUA PRÓPRIA CASA, com o que começará a praticar, além de a embelezar. Essa será a prova do seu bom gosto e do domínio que adquirirá em DECORAÇÃO; GANHARÁ DINHEIRO ENQUANTO ESTUDA, pois durante o curso já estará em condições de realizar projectos e reformas de decoração. Com o que cobrar num projecto pagará largamente todo o curso. POSSUIRÁ, ao finalizar o curso, um ARQUIVO PROFISSIONAL formado por uma colecção de mais de 600 desenhos e uma autêntica ENCICLOPÉDIA de 1800 páginas. QUANDO já for decorador — ou decoradora —, terá trabalho assegurado, com boa remuneração e nos melhores empregos, pois serão inúmeros os trabalhos em que interferirá. Sendo decorador, poderá TRABALHAR COM ARQUITECTOS, encarregando-se da parte decorativa dos projectos e instalações; ESTABELECER-SE POR CONTA PRÓPRIA, dedicando-se a decorar interiores e habitações, estabelecimentos comerciais, salas de espectáculos, lugares públicos, etc. EMPREGUE-SE COM BOM ORDENADO em empresas de decoração e móveis, tapeçarias, grandes estabelecimentos, etc.

O QUE SE ESTUDA? Neste curso receberá uma completa formação técnico-prática sobre todas as matérias que um bom decorador deve conhecer; aprenderá praticamente TEORIA DA DECORAÇÃO, os diversos trabalhos que um decorador deve realizar, MATERIAIS, e estudará a fundo os COMPLEMENTOS DECORATIVOS que devem entrar numa decoração.

GRÁTIS, SEM COMPROMISSO, peça hoje mesmo folheto informativo do CURSO DE DECORAÇÃO

NOME: _____
MORADA: _____
LOCALIDADE: _____ Ref.ª D-372

CETOP
Centro de Ensino Técnico e Profissional à Distância
Apartado 7 — Mira-Sintra — Mem Martins — Portugal
Membro do Conselho Europeu de Ensino por Correspondência

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecção
Av. [illegible] XXI, 5-D — Rua Infante [illegible] 16, 55-C — [illegible]

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

SECTOR TÁXIS

Convocam-se todos os trabalhadores do sector táxis para uma reunião a realizar no dia 18 de Novembro, pelas 21.30 horas, na Sede do Sindicato, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Roubo de 4 táxis aos trabalhadores pelos gatunos da Firma TÁXIS ALBERTINO ABÍLIO, LDA.

COMPARECE!
EXIGIMOS QUE SE FAÇA JUSTIÇA!
OS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS UNIDOS VENCERÃO!

Lisboa, 10 de Novembro de 1976

Pel'A DIRECÇÃO

NOVA SOVENDO
AGENTE CITROËN
Av. Infante Santo, 15 A/C - Telf.: 607117 - Lisboa
AGENTE CITROËN

Que Azeite!
Que zeitinho!
Azeitíssimo
Copaz,
o Azeite.

Nacional

FESTA POPULAR EM OEIRAS

Manifestantes foram vitoriar Otelo à porta de casa

Alguns milhares de pessoas concentraram-se na tarde de ontem no Parque de Oeiras para celebrar a libertação do major Otelo Saraiva de Carvalho, restituído à situação de liberdade condicional depois de ter cumprido uma pena de 20 dias de prisão, no forte de Caxias.

Depois de duas horas de concentração os manifestantes, que exigiam a presença de Otelo na festa popular ouviram o advogado do antigo comandante do COPCON, Manuel Salema, relembrar que a detenção do major Otelo, cujo fim ontem se celebrava, devia-se precisamente, ao facto de ele ter participado numa festa popular organizada pelos GDUP's no Instituto Superior Técnico. Por esta razão o major Otelo tinha sido aconselhado a não comparecer no Parque de Oeiras, já que iria dar motivo a nova prisão.

Foi uma quase desilusão para as três mil pessoas que esperavam ver e ouvir o segundo candidato mais votado nas eleições para a Presidência da República. Quase desilusão porque, espontaneamente, se aplicou o ditado: «Se Maomé não vai ter com a Montanha, a Montanha vai ter com Maomé». E assim as pessoas, organizadas numa longa coluna, dirigiram-se para a casa do major Otelo, no Bairro Augusto de Castro em Oeiras. Perto das 18 horas, no largo fronteiro à residência de Otelo, gritava-se o nome do estratego do 25 de Abril e palavras de ordem como «Otelo amigo o povo está contigo» e «Otelo, amigo do povo».

Os manifestantes conseguiram depois ver Otelo, quando este apareceu numa das janelas da sua residência, o que foi motivo para uma enorme ovação.

No entanto, como depois explicaria o dr. Manuel Salema, Otelo não pode usar da palavra, já que isso também seria motivo para nova prisão, desta vez maior, e poderia ainda implicar a expulsão do Exército dum dos mais importantes capitães do 25 de Abril.

Depois de entoar o «Grandola, Vila Morena», hino dos GDUP's, os manifestantes dispersaram. Nem sequer uma delegação dos manifestantes, constituída por alguns dos candidatos das listas de unidade popular do concelho de Oeiras, organizadores da festa popular, pode ser recebida por Otelo, para que não fosse violado o estatudo de liberdade condicional em que este se encontra. Aliás, esta situação foi veementemente repudiada pelos manifestantes que durante largo tempo exigiram a «liberdade total para Otelo».

Durante a festa popular que decorreu no Parque de Oeiras actuaram o Grupo de Acção Cultural e o coro de Almada interpretando canções populares e ainda alguns poetas populares. Também usaram da palavra um candidato à Assembleia Municipal de Oeiras e o candidato à presidência da Câmara do conselho, Amadeu Lopes Sabino. Durante a intervenção deste foi salientada a importância do pleito eleitoral que se vai realizar em princípios de Dezembro, ao mesmo tempo que o orador apelou para o voto massivo nas listas de unidade popular, como forma de opor uma barreira à recuperação capitalista.

«MANIF» NO PORTO

. PORTO, 15 — «A despeito de o major Otelo ter sido metido na cadeia, nem por isso o povo se vergou, antes prosseguiu na luta em defesa das conquistas alcançadas e agora ameaçadas com o avanço do fascismo» — afirmou Adelino Costa durante o comício que a Comissão Distrital do Porto dos GDUP's organizou, ontem à noite, no Pavilhão do Académico para assinalar, a libertação de Otelo Saraiva de Carvalho.

Registaram-se várias intervenções e foram lidas algumas mensagens, entre as quais uma do Comité de Amizade Portugal-Frente Polisario e outra de alunos e professores antifascistas do liceu António Nobre.

Uma mensagem de saudação a enviar ao major Otelo foi aprovada, por aclamação pelos milhares de pessoas que assistiram ao comício.

Duas gerações com a mística de Otelo

Manifestantes concentrados no parque de Oeiras

José Sasportes conselheiro de embaixada

. Foi contratado para exercer o cargo de conselheiro de Imprensa junto da embaixada de Portugal em Roma, o jornalista José Estêvão Sasportes, que após ter trabalhado no «Jornal Novo», foi um dos fundadores da revista «Opção».

Sasportes substitui neste cargo João Manuel Tito de Morais, exonerado a seu pedido.

A nomeação, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi publicada no «D.R.», II Série, n.º 267.

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

deite contas à sua casa

Através dum plano de empréstimos para aquisição de CASA PROPRIA, poderá, com algumas pequenas economias e uma suave prestação mensal, passar a viver numa casa MESMO SUA

Rendimento anual médio p/ pessoa do agregado familiar — contos	Prazo do empréstimo — anos	Taxa de juro bonificada pelo Estado	Percentagem máxima do empréstimo em função de avaliação	Mensalidade por cada 100 000$00 do empréstimo
Menos de 40 contos	25	4%	95%	524$00
De 40 a 60 contos	23	5%	91%	604$00
De 60 a 80 contos	21	6%	87%	690$00
De 80 a 100 contos	19	7%	83%	782$00
De 100 a 120 contos	17	8%	79%	882$00
Mais de 120 contos	15	9%	75%	993$00

Valor por M² não superior a 6.000$00
Valor total não superior a 1.000 contos
Empréstimos até 900 contos

MONTEPIO GERAL — FUNDADO EM 1840

MONTEPIO GERAL

Lisboa · Rua do Ouro 219 a 241 · Rua Manuel Jesus Coelho, 1-B
Rua Ferreira Borges, 97 · Porto: Avenida dos Aliados, nº 90

AGÊNCIAS AVEIRO BRAGA BRAGANÇA C BRANCO COIMBRA EVORA FARO FUNCHAL MOSCAVIDE SETUBAL VISEU

BEL-ARTE

Nacional

VÊM AÍ LIVROS NOVOS

Chile, Magalhães Vilhena, Camilo

. Poderá haver para breve, no que respeita a ficção, de expressão nacional, grandes novidades nas Edições 70. Até lá, na sua programação contam-se algumas reedições, novidades no domínio do ensaio político e a continuação de colecções de reconhecida qualidade como a dos Signos, dedicada preferencialmente a material linguístico.

Assim, no campo das reedições conta-se para breve a reedição de duas obras de Luandino Vieira: «As Velhas Histórias» e «As Vidas Novas».

Registe-se a particularidade de ser feita paralelamente, uma edição especial para a União dos Escritores Angolanos.

Na colecção «Caminhos da Liberdade» aparecerá a público por estes tempos próximos uma biografia de George Seguy, «A luta de um dirigente sindical».

O Chile e o golpe fascista de Pinochet continua a ser tema. «Tejas Verdes» (as Edições 70 mantêm o título original), de Herman Valdés, vai chegar até ao leitor como o diário de um campo de concentração no Chile.

A Colecção Signos prossegue sob o signo da qualidade. Se não vejamos os próximos lançamentos. Para já «Reflexões sobre a Linguagem» de Noam Chomsky, americano já conhecido do público português, pelas «Linguagens Naturais», pelo «Arquipélago de Sangue» (a contrapartida do «Arquipélago de Goulag»), um estudo sobre a realidade política portuguesa. Na mesma colecção assinale-se ainda a próxima publicação da «Linguagem como trabalho e como mercado», de Rossi Landi.

Para lá destas novidades, as Edições 70 prosseguem a publicação de toda a obra do estruturalista francês, Roland Barthes. Nas novidades já há muito anunciadas e que só agora irão ter concretização salientam-se as obras «O Império Colonial Português», de C. Boxer e a utilíssima e indispensável «Gramática Portuguesa», de Pilar Vasquez Cuesta.

Na Biblioteca 70, a colecção de fundo da editora, estão previstos o «O Desenvolvimento Económico dos Países subdesenvolvidos», de Maurice Dobb, de quem saiu ainda há muito pouco tempo um livro nas Publicações Europa-América, e «As Origens do Comunismo» de Gerald Walter.

A colecção Esfinge, entre o mistério, a ficção científica, a magia, a espada de Calibur a vaguear pelos mares do Mundo, ou os alquimistas (Saint Germain em cada um de nós)

Chile: a angústia

a acreditarem que há ouro para lá do mineral, vai lançar do já clássico no género Fulcanelli «As Mansões Filosofais» (do mesmo autor saiu na mesma colecção «O Mistério das Catedrais».

Uma nota de estranheza nesta rápida recensão do que vai ser o ano editorial das Edições 70 — a ausência da ficção e ensaio de escritores de língua portuguesa, salve-se o caso de Luandino Vieira.

COSMOS: LOPES GRAÇA

As pequenas editoras, ainda que de grandes tradições na cultura portuguesa, como é a Cosmos, que editou Bento de Jesus Caraça, Vitorino Magalhães Godinho e edita Lopes Graça e Magalhães Vilhena, apresentam projectos de actividades editoriais obviamente limitados.

A Inquérito, por exemplo, que publicou o primeiro Kafka entre nós («O Covil») sente-se impossibilitada de editar seja o que for por falta de fundo de maneio.

A Minerva, que para além de edições para o grande público, de discutível qualidade, publicou contudo, volumes interessantes como é o caso das «Obras Poéticas», de Manuel Bandeira, não tem ainda projectos para este ano, para além de um pequeno livro.

A Cosmos, com uma lista limitada de livros a editar, apresenta, no entanto, um programa editorial de qualidade.

Assim vai sair, pela primeira vez, em português, traduzida do francês, das edições Presse Universitaires, a tese de doutoramento do prof. Magalhães Vilhena — «O problema de Sócrates histórico e o Sócrates de Platão».

No seu percurso de qualidade, a Cosmos vai apresentar muito em breve, a reedição da célebre polémica dos anos 30, de Lopes Graça: «Caça aos Coelhos e outras polémicas». O visado é o compositor Ruy Coelho.

Do prof. Orlando Ribeiro, publicará a Cosmos, «A Universidade em Crise».

A transição do Mundo rural inglês para a revolução industrial é o tema de fundo da obra de Peter Lesselip, a ser publicada em breve — «O Mundo que nós perdemos».

Do romeno - quase - francês, Mircea Eliade, vai a Cosmos lançar o «O Tratado de História das Religiões». Nos últimos dois anos, Mirces Eliade tornou-se motivo de interesse dos estudantes portugueses. (Anterior a esta tradução fora já publicada nos «Livros do Brasil» «O Sagrado e o Profano»). Tal interesse deve-se em parte à nova cadeira da Faculdade de Letras de Lisboa, «Literatura e Mito», orientada por Maria Lúcia LePecki e em que Mirces Eliade é autor de consulta obrigatória.

Também a problemática brasileira é patente nos interesses editoriais da Cosmos. Assim, será brevemente publiicada a obra de Carlos Oberaker, «O

Vilhena: a qualidade

Movimento Emancipalista no Brasil». Dividida em duas partes, a primeira reflecte sobre o movimento autonomista, a última começa no grito de libertador do Ipiranga.

Para além deste projecto, mantém-se a colecção «Rumos do Mundo», onde, como continuação da obra de Fernando Braudel, «A Civilização Material e Capitalismo», será publicado o segundo livro — «Economia de Mercado e Capitalismo».

Para os estudantes de arquitectura, em especial, vai editar a Cosmos a obra de Aldo Osso, «A Arquitectura das Cidades».

Finalmente, a Cosmos, à semelhança de quase todas as editoras portuguesas, tem também a sua colecção de livros infantis.

Parceira: CAMILO «ETERNO»

A Parceria M. A. está neste momento, em autogestão, num esforço de recuperação económica, já conseguido em parte. Com a «eternidade» de Camilo e uma aposta no escritor português, a Parceria lança o seu programa editorial para os próximos meses. Juntamente com autores de aposta, joga livros comercialmente compensadores.

Assim, sairá ainda este mês «O Animal Imperial», de Lionel Tiger e Robin Fox. Tratando-se de uma obra de análise à evolução do homem, não terá sido estranho à sua escolha o sucesso entre nós de Desmond Morris, com a publicação do «Macaco Nu» e do «Zoo Humano» (Publicações Europa-América) que se transformaram em autênticos «best-sellers». De Paolo Mingati sairá ainda este ano a obra «Os Movimentos Políticos Árabes».

. De autores portugueses está para sair, de um momento para o outro, a reedição da «Gandaia», de Romeu Correia, agora com um novo título: «Os Tanoeiros»; de José Correia Tavares, o livro de poemas «Fim de Citação» (o segundo que o autor publica na Parceria); de Rui Nunes, «A Sauromaquia»; e de Júlio Conrado, «A Felicidade antes de 25 de Abril».

Camilo: a eternidade

De Venceslau Morais vai ser reeditado o primeiro volume da primeira série das «Cartas do Japão». De Camilo, várias são as reedições necessárias. Para já, à bica, temos mais uma edição de «A Queda de Um Anjo» e «Carlota Ângela».

O programa editorial da Parceria aponta ainda, a médio prazo, «O Pensamento Político de João XXIII» e «O que disse Gramsci», de A. Pozzolini.

Obras de «cartoon» de um autor português, sob o pseudónimo de Kira, vão ser lançadas até finais de 76 — «Tenho» e «Ser Poeta». De Giorgio Leonardi, apresenta a Parceria, o «Panorama da Cozinha Erótica».

Finalmente, a Parceria pensa lançar, talvez ainda este ano, a colecção juvenil «Como se faz», de carácter didáctico. Para já dois volumes: «Como se faz o vidro», «Como se faz o papel».

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Novembro de 1976, estes Caminhos-de-Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência na estação de Setúbal, para venda de jornais, artigos de escritório, brinquedos, bijuterias, tabacos, artigos para fumadores, discos e cassetes, pequenas lembranças de viagem e artigos próprios para uso de quem viaja, excepto alimentos e bebidas, e ainda de uma maneira geral, os vários artigos de venda habitual em estabelecimentos similares.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da instalação é de 12 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 2 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Setúbal

— Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO

— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, LISBOA-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência na estação de Setúbal».

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 25.º e alínea b) do Art.º 24.º, convoca-se a continuação da Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e ilhas iniciada em 8-10-76 — em Sessão Extraordinária:

DIA 19 DE NOVEMBRO DE 1976 ÀS 20.30 HORAS
DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1976 ÀS 14.30 HORAS

Na F. I. L. — FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto Único — **Revisão do Contrato Colectivo de Trabalho**

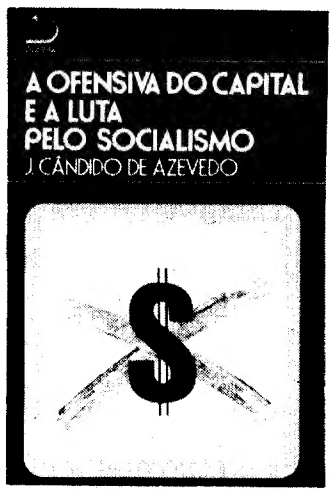
Lx 12-11-76.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Alberto Martinho Gonçalves

NOTA:
Para ingresso na sala da Assembleia Geral é obrigatória a apresentação do cartão de sócio efectivo do Sindicato ou, desde que exiba outro documento identificativo, credencial passada pelo Sindicato. Não serão atendidos casos de abonação por outros sócios.
— Todos os sócios devem preencher e assinar a folha de presenças à entrada.

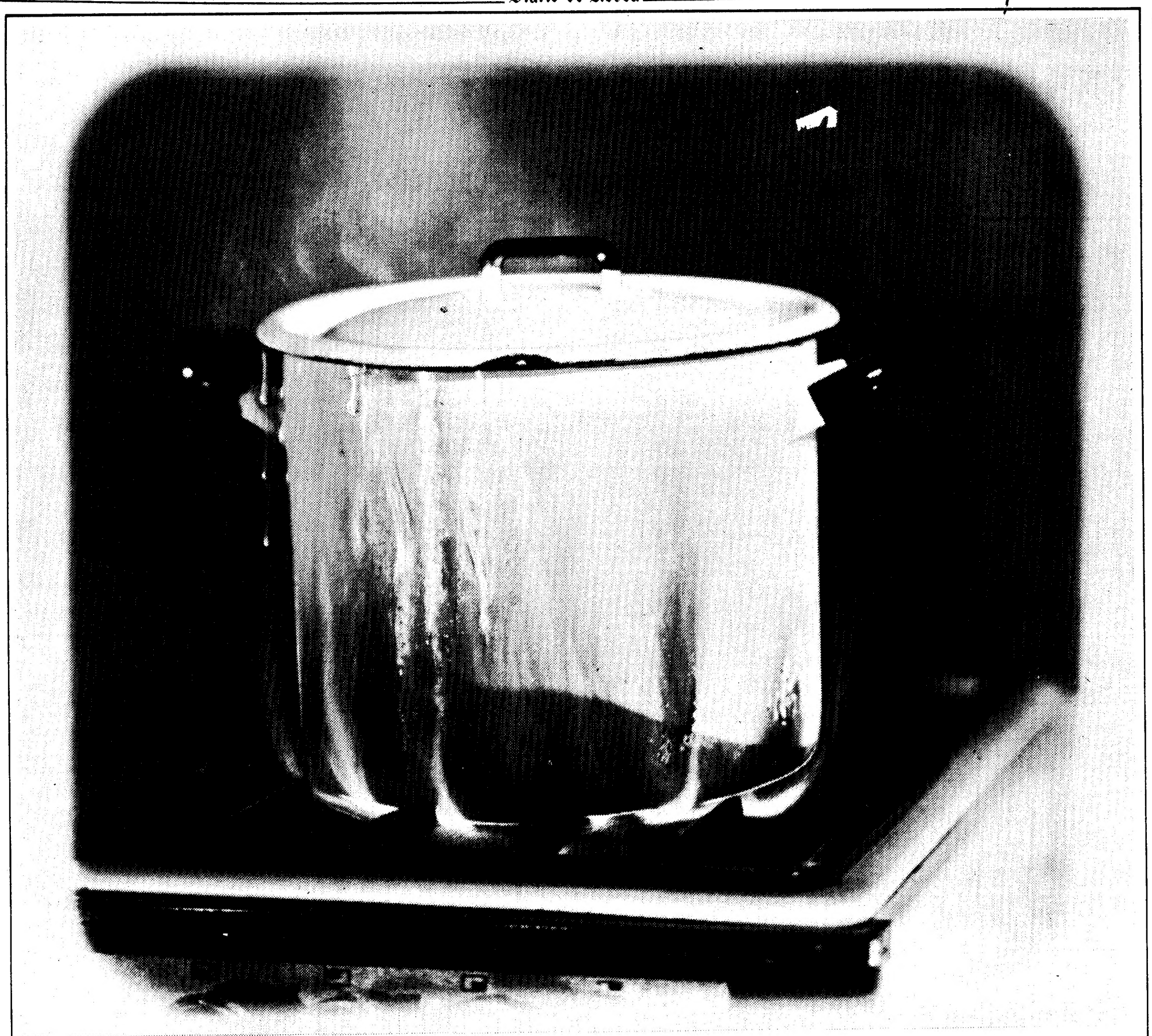
Lançado um livro de J. Cândido de Azevedo

. «A Ofensiva do Capital e a Luta pelo Socialismo», obra da autoria do nosso camarada de Redacção J. Cândido de Azevedo, encontra-se a partir de agora nas livrarias. Trata-se de um livro polémico sobre as grandes opções económicas que estão em jogo, hoje, em Portugal.



Este livro aborda alguns grandes temas da actualidade económica, como a ofensiva das forças da direita e do capital contra as conquistas da Revolução de Abril; a evolução da situação económica portuguesa desde 25 de Abril de 1974 e a actuação dos diversos Governos Privisórios; e, em grandes traços, a evolução do capitalismo português do 28 de Maio ao 25 de Abril.

Os interesses dos grupos monopolistas portugueses nas colónias é também um dos temas mais actuais abordados nesta obra, em que se avança na quantificação e na listagem desses interesses dos principais grupos monopolistas nas ex-colónias, interesses que explicam, em grande parte, a luta política e militar que as organizações ligadas ao capital internacional têm travado, naqueles territórios pelo seu controlo.



você não é capaz de gastar menos gás ?

Portugal não pode desperdiçar! A energia pode ser, ao mesmo tempo, um desperdício ou uma força no dia a dia. Todos sabemos que a nossa produção de combustíveis e energia eléctrica não chega. Logo, temos que importar, ou seja, que pagar. Em Dólares, em Francos, em Marcos, isto é, em divisas. Que são o nosso dinheiro mais caro. Há valores importantes que saem de Portugal! E, às vezes. só porque um cozido à portuguesa ferve demais! Só porque uma panela de pressão fica no armário e não é utilizada! Só porque se conversa com uma amiga ao telefone.. enquanto a carne assada vai perdendo o molho. É preciso ser capaz de gastar menos gás! E de várias maneiras:

NA COZINHA — Regule a chama do fogão de forma a não exceder o fundo do recipiente. Reduza a chama ao mínimo depois da água estar a ferver. Uma cozedura «furiosa» nunca melhorou os cozinhados... Evite utilizar o forno. Controle o tempo dos cozinhados.

NAS ÁGUAS QUENTES — Nos esquentadores de água quente regule a chama para que a água não saia a uma temperatura mais elevada do que o mínimo necessário. Dê preferência ao banho de chuveiro. Evite o banho de imersão. Não mantenha o esquentador sempre ligado, nem abra sistematicamente a torneira da água quente. Lavar as mãos com água fria nunca fez mal a ninguém...

NO AQUECIMENTO — Desligue os aquecedores que não forem imprescindíveis. Não exceda as temperaturas de 18° nas salas e 15° nos corredores. Preocupe-se com o isolamento das portas e janelas da sua casa durante o tempo frio. Lembre-se que o mínimo desperdício de combustível é um grande desperdício de divisas!

Portugal não pode gastar tanto

POUPE COMBUSTIVEL

76 BELARTE N5

... do P. S. luta pela consolidação das conquistas da Revolução e do regime democrático instituído numa Constituição que coloca claramente o socialismo como meta.

A perspectiva do socialismo desprende-se da nova realidade criada pelas transformações revolucionárias — repete ainda o mesmo documento.

A propósito da unidade, o secretário-geral do P. C. P., no discurso de encerramento dos trabalhos do Congresso, tornaria pública uma «proclamação solene dos comunistas» no sentido de desenvolverem todos os esforços para a unidade da classe operária e trabalhadora, para a manutenção da unidade sindical para o combate aos latifundiários e monopolistas, para a aliança do Povo e das Forças Armadas e para a aproximação de todos os democratas e antifascistas, nomeadamente a dos comunistas e socialistas. E, no campo da luta (mas não indissociável da unidade), indicaria dois objectivos prioritários: as eleições para as autarquias locais e o Congresso de todos os sindicatos.

Porém, não há excessivo optimismo nem menosprezo do inimigo nas teses discutidas neste Congresso e vertidas para resoluções que serão agora alvo de novos debates por forma a constituírem linha de acção de todos os militantes do Partido. Muito pelo contrário, os perigos que continuam a ameaçar a jovem democracia portuguesa foram outra constante dos relatórios e intervenções no Congresso. E Álvaro Cunhal, reconfirmado por unanimidade e aclamação no cargo de secretário-geral, expressaria esse sentimento ao avisar, no discurso de encerramento: **Dizemos aos socialistas e democratas que é perigoso deixar passar o tempo e avançar a reacção, acrescentando que o P. S. pode vir a pagar caro pela recusa na unidade de esquerda, pelo pactuar constante com a direita e reacção. O P. S. está a entrar num beco sem saída. É preciso que a alternativa não seja de direita. O P. C. P. indicou quais os caminhos, na certeza de que um Governo de esquerda se não pode construir sem o P. C. P. e muito menos contra ele** — era por um futuro melhor para aquelas crianças, onde não tivessem de passar os «sofrimentos» da actual geração que o P. C. P. sempre lutou e continuaria a lutar.

NOVOS ELEMENTOS EM ÓRGÃOS DIRECTIVOS

Este discurso de Álvaro Cunhal marcaria o termo da sétima e última sessão do VIII Congresso do P. C. P., sendo proferido depois de eleito o novo comité central — eleição reservada apenas aos delegados — e depois deste ter reunido separadamente para eleger a Comissão Política, o Secretariado do C. C. e o secretário-geral.

Com 54 elementos efectivos, e 36 suplentes, o novo C. C. conta com 44 operários, 22 empregados e 24 intelectuais, cuja eleição obteve a unanimidade dos 1.282 delegados. A média geral do novo C. C. é de 44,7 anos (48 anos de média no C. C. anterior).

É a seguinte a nova constituição do C. C. do P. C. P.:

Membros efectivos: Adelino Pereira da Silva, Albano Nunes, Alda Nogueira, Álvaro Cunhal, Américo Leal, Angelo Veloso, Dias Lourenço, António Gervásio, António Lopes, António Santo, Armando de Oliveira, Armando Monteiro Nogueira, Aurélio Santos, Aboím Inglês, Carlos Augusto Pinhão, Carlos Brito, Carlos Costa, Carlos Luís Figueira, Diniz Miranda, Domingos Abrantes, Ernesto dos Santos Afonso, Blanqui Teixeira, Fernando das Neves Teixeira, Francisco Lancinha, Francisco Miguel, Georgette Ferreira, Hipólito dos Santos, Horácio Rufino, Ilídio Esteves, Jaime Serra, Jaime Félix, Joaquim Gomes, Joaquim Pires Jorge, Jorge Araújo, José Bernardino, José Carlos Almeida, José Magro, José Casanova, José Pedro Soares, José Victoriano, Manuel Martins Pedro, Manuel Pereira, Margarida Tengarrinha, Marília Cabral, Maria da Piedade Morgadinho, Octávio Pato, Óscar Lopes, Raimundo Narciso, Raimundo Cabral, Rogério de Carvalho, Sérgio Vilarigues, Severiano Falcão, Sofia Ferreira e Victor da Silva.

Membros suplentes: Abílio Martins, Alvaro de Oliveira, António Brito, António Casmarrinha, António Abreu, Artur Pinto, Augusto de Sousa, Avelino ... José Manuel Miranda, José Cachochas, Manuel Vasco de Paiva, Maria Helena Medina, Maria Rosa Monteiro Rabiais, Osvaldo de Castro, Rogério Arraiolos e Zita Seabra.

A Comissão Política e o Secretariado do C. C., bem como o secretário-geral do P. C. P., foram eleitos por unanimidade na reunião do Comité Central. Para além de pequenas alterações nos dois primeiros órgãos de direcção, é de destacar também a maior importância que passa a ser atribuída à Comissão Política e ao próprio Secretariado, o que adapta o P. C. P. à estrutura da maioria dos P. C.'s europeus com responsabilidades de direcção governativa ou com grande implantação nas massas.

O Comité Central alargado respondendo às ovações de delegados e convidados

Destes órgãos ficou assim distribuída a sua composição:

Comissão Política: efectivos — Álvaro Cunhal, Dias Lourenço, António Gervásio, Carlos Brito, Carlos Costa, Fernando Blanqui Teixeira, Jaime Serra, José Vitoriano, Joaquim Gomes, Octávio Pato e Sérgio Vilarigues; **suplentes** — Ângelo Veloso e Dinis Miranda.

Secretariado do C. C.: Alvaro Cunhal, Carlos Costa, Domingos Abrantes, Joaquim Gomes, Jorge Araújo, Octávio Pa... Central ao Congresso em que se diz que «quanto aos organismos executivos do Comité Central, é de conservar uma Comissão Política e um Secretariado, embora levando a cabo uma reorganização interna de maneira a assegurar maior eficiência de trabalho».

A unanimidade verificada em torno da direcção do Partido, não só no que respeita à sua eleição, mas também nas manifestações de aplausos registadas ao longo dos trabalho, dão uma ideia da coesão do P. C. P. e desmentem especulações geradas nos últimos tempos, nomeadamente quanto à existência de «tendências» opostas dentro do Partido. Tendem ainda a demonstrar que as campanhas desencadeadas em torno do que se classificou como «necessidade de renovação» e «europeização» do P. C. P. não surtiram qualquer efeito entre a vasta massa dos seus militantes.

«A direcção do P. C. P. está unida como um bloco num colectivo revolucionário e fraternal» — diz, em resposta àquelas campanhas, o relatório do secretário-geral do P. C. P. acrescentando: «Quem decide da política e da direcção do P. C. P. são os comunistas e só eles».

... documento a que ... todos os militantes comunistas. Este documento, que se estende por 43 páginas, encontra-se, porém, «substancialmente enriquecido» em relação ao «original» (como destacou Carlos Brito) já que inclui numerosas alterações com base, não só em propostas de emenda elaboradas por organizações ou subscritas por militantes individualmente, como no relatório de Álvaro Cunhal.

«O «Projecto de Resolução» posto em confronto com o texto das «Teses» — diria Carlos Brito — testemunha a profundidade e a intensidade do trabalho preparatório do nosso VIII Congresso em que participaram activamente mais de 40 mil membros do Partido em mais de 2.300 assembleias e reuniões especiais, segundo os últimos relatórios. Testemunha a imensa reflexão colectiva e democrática dos comunistas portugueses sobre o passado e o futuro da Revolução na busca das soluções e dos caminhos que melhor sirvam os trabalhadores, o Povo, a Pátria portuguesa, o reforço das liberdades e do regime democrático, a consolidação das conquistas revolucionárias que alteraram profundamente as estruturas da nossa sociedade, abrindo caminho à transição ... «Partido», ... em decrescendo, ... capítulos: «O Desenvolvimento do Processo Revolucionário», «A Crise do Regime Fascista», o «Movimento Popular», e «As medidas que se impõem». Analisadas todas as alterações, por capítulos e subcapítulos, conclui-se que os temas a que o Partido consagrou maior atenção ao longo do debate prévio foram «Os Perigos para a Democracia», «Uma Política ao Serviço do Povo e do País» e a «Crise Político-Militar».

Além da «Resolução Política» foi ainda aprovado, separadamente, um outro documento intitulado «Medidas para a Defesa e Consolidação da Democracia», elaborado a partir das «Medidas de Emergência» apresentadas em Outubro como anexo às «Teses».

Estes dois documentos, conjuntamente com «As Tarefas do P. C. P. para a construção da democracia rumo ao socialismo», definidas no discurso inaugural de Álvaro Cunhal, passarão a ser os instrumentos orientadores do trabalho e acção dos comunistas portugueses para os próximos tempos. Na base de qualquer um deles, contudo, e para além da própria participação das organizações militantes comunistas, encontra-se o relatório de Álvaro Cunhal, «O Passado e o Futuro», que fornece as grandes linhas de orientação do P. C. P.

ACÇÃO IMEDIATA

Disse Octávio Pato no decurso dos trabalhos: «O nosso Congresso deve constituir o começo de uma nova arrancada para tornar o nosso Partido ainda mais poderoso».

Estas palavras do dirigente comunista deixam antever proximamente uma intensa actividade reorganizativa no interior do P. C. P. Para além da «interiorização» da linha política definida no Congresso, e expressa nos diversos documentos-guias, a qual dará origem a «novas e grandes reuniões e assembleias de célula e de organizações em todos os sectores», o trabalho no campo da organização («a grande arma dos partidos marxistas-leninistas») processar-se-á aos mais diferentes níveis.

«Colocar todo o trabalho do C. C. e dos seus organismos executivos ou intermediários à

Continua na pág. 9

"Defender as conquistas da Revolução é defender as liberdades"

«Não há antagonismo entre os camponeses de Cabo Delgado e os operários da C. U. F.; não há antagonismo entre os camponeses do Alentejo e os operários da Textáfrica!» gritou Armando Panguene, do Comité Central da Frelimo, ontem no Campo Pequeno, no comício do P. C. P., empolgando dezenas de milhares de pessoas que transbordavam, espectacularmente, para as imediações da praça.

O grande comício marcado pela tónica do internacionalismo proletário, pela solidariedade entre os povos, impressionou fortemente os delegados e convidados presentes, pela sólida coesão e capacidade organizativa e mobilizadora do P. C. P. Outra nota significativa do comício esteve no relevo dado às presenças das delegações da U. R. S. S., Vietname, M. P. L. A., Frelimo, P. A. I. G. C. e M. L. S. T. P., longamente saudadas pela multidão.

Aliás, o apoio constante do P. C. P. aos movimentos de libertação foi bastante sublinhado. *Panguene*: «O P. C. P. que sempre encabeçou uma luta corajosa contra o fascismo em Portugal, de igual modo apoiou, sem reservas, a luta heróica dos movimentos de libertação das então colónias portuguesas.» *Carlos Rocha* **(Dilowla»)** membro do Comité Central do M. P. L. A. e ministro do Planeamento de Angola: «Não existe em Portugal outro partido que, durante os anos do fascismo, possa apresentar uma folha de serviços ao povo português como o P. C.P. (...) Muitos dos jovens das colónias fizeram a sua aprendizagem política e militante nas fileiras do P. C. P.» *Nguen Hin Khien*, do C. C. do Partido dos Trabalhadores do Vietname, agradeceu igualmente ao «P. C. P., ao povo trabalhador e às forças progressistas de Portugal o apoio caloroso dado à luta patriótica do povo do Vietname contra a agressão americana».

Também a intervenção de Boris Ponomariov, membro do «bureau» político do P. C. U. S., frequentemente aplaudido, salientou a luta dos comunistas portugueses contra o fascismo, referindo ainda que o VIII Congresso revelou o P. C. P. como «responsável força nacional».

Ponomariov refutou, por outro lado, as campanhas da «propaganda burguesa contra a pátria de Lenine», mostrando com inúmeros exemplos o progresso económico e social da U. R. S. S. e a sua luta pela paz e cooperação internacionais. «Todas as obras de mentiras publicadas desde a Revolução de Outubro, contra a União Soviética, formariam uma grande biblioteca, com as páginas mais vergonhosas da história da humanidade», disse, ainda, o representante soviético.

«A defesa das liberdades, da democracia, confunde-se com a defesa das conquistas da Revolução», salientou por sua vez Álvaro Cunhal, ao encerrar as intervenções no comício. Vibrantemente aplaudido pelos muitos milhares de militantes e simpatizantes comunistas, o secretário-geral do P. C. P. acentuaria noutro ponto do seu improviso: «... á quem pense que a democracia portuguesa pode marchar no caminho do capitalismo. Como? Com os Melos e o Champalimaud? Não. A democracia portuguesa, para viver, tem de marchar rumo ao Socialismo.»

Continuação da pág. 8

altura das exigências políticas» será uma das tarefas mais urgentes, a qual abrangerá organismos como a Comissão Central de Organização, a Comissão Sindical, a Secção de Informação e Propaganda e a Secção Internacional, além das organizações autónomas U. J. C. e U. E. C. e todo o trabalho parlamentar. As Comissões da Reforma Agrária e do Trabalho Camponês serão igualmente abrangidas e mais comissões especializadas poderão ser criadas, como sejam uma Comissão de Quadros e uma Comissão de Fundos, além de outras que, a exemplo do que acontece com o C. C., poderão nascer em breve no âmbito das Direcções das Organizações Regionais.

Todo este projecto de reorganização aponta, evidentemente, para uma descentralização progressiva de variados aspectos da actividade partidária. «Essa descentralização é absolutamente necessária», frisou Octávio Pato adiantando, no entanto, que «convém não confundir descentralização e criação de organismos especializados com ideias que possam significar a criação de estruturas paralelas separadas ou independentes dos órgãos normais de direcção do Partido».

Esta ampliação da «máquina P. C.» («que existe e está em constante laboração» — como diria Octávio Pato) deverá exigir uma nova sede do Partido, já que a existente na António Serpa se mostra insuficiente dada a acumulação de serviços, sendo de «encarar uma campanha de fundos com o fim de solucionar esta importante tarefa».

«FORÇA, NORTE»

«Força, força Norte que a Revolução será mais forte», um dos «slogans» que repetidamente entoaram na sala do Congresso, correspondendo à directriz de que «a Revolução se ganha no Norte», perspectiva o que será a curto prazo um «ponto quente» da acção do P. C. P., nomeadamente para onde terá de apontar com mais certeza a «máquina» reorganizada.

Numerosas e dramáticas intervenções de pequenos agricultores e rendeiros do Norte puseram os delegados e convidados ao Congresso ante uma realidade que, mais para sul, por vezes se esquece: a da situação existente em 24 de Abril de 1974. Falando das dificuldades e dos problemas que enfrentam, do caciquismo reaccionário e do imobilismo de regiões de há muito votadas ao abandono, todos os oradores evocaram, contudo, pequenas conquistas que aos poucos vão alcançando e que começam a abrir o caminho a mais profundas alterações.

Operários nortenhos trouxeram, também, embora com outra dimensão, e outra força exemplos de realizações em curso que mostram que o Norte não é impremeável à democracia.

Uns e outros deixaram ver um trabalho pouco conhecido, embora já palpável nos resultados até aqui conseguidos nas realizações pré-eleitorais da «Povo Unido».

A «Frente Norte» do P. C. P., já aberta, será, segundo tudo indica, alargada e um dos sectores que mais exigirá no quadro da reorganização do Partido. Isto sem esquecer que as ilhas adjacentes, com a intervenção de dois delegados, também não estiveram ausentes neste Congresso.

Intensificar o combate à reacção nos seus principais redutos, é outra linha de actuação que ressalta do VIII Congresso.

AS CRÍTICAS

Quatro dísticos dominaram a sala onde decorreram os trabalhos do VIII Congresso do P. C. P.: Liberdade, Democracia, Reforma Agrária e Controlo Operário.

As quatro ideias neles contidas, juntamente com a unidade sindical, foram largamente tratadas como pontos fundamentais da política dos comunistas. E a partir deles, igualmente, surgiram as mais acesas críticas ao Partido Socialista pela via do Governo minoritário que formou, já que se trata de quatro conquistas da Revolução que o P. C. P. acusa a política governamental de pôr em causa. A par do «anticomunismo primário» da direcção do P. S. e da sua tendência para «se enfeudar ao imperialismo», eles constituiram a tónica central dos ataques movidos e que muitos observadores consideram como dos mais violentos já produzidos.

Para o P. C. P. há, no entanto, que estabelecer uma clara divisão entre as bases socialistas trabalhadoras — e com as quais a unidade vem sendo possível, segundo revelaram dados fornecidos nomeadamente quanto à participação ampla de socialistas nas listas da «Povo Unido», bem como em acções nos locais de trabalho — e a direcção daquele Partido, a qual é apresentada como o obstáculo principal a uma aproximação que dê forma à maioria de esquerda resultante da consulta eleitoral de Abril último e na qual os comunistas insistem.

Porém, para lá, da maior ou menor violência das críticas, há que registar a preocupação manifestada em não vedar o campo ao entendimento e à unidade, face ao perigo comum representado pelo avanço da reacção. A reter, ainda, a preocupação manifestada por Álvaro Cunhal pelo «beco sem saída em que o P. S. está a entrar» e ao «preço que isso pode custar», não apenas àquele Partido, mas a toda a Revolução Portuguesa.

A par do Governo, também a acção desagregadora do «esquerdismo» mereceu o repúdio do Congresso.

«O inimigo de classe não ataca apenas de fora a ideologia do proletariado revolucionário. Procura atacá-la **de dentro**, alterando-a «melhorando-a», «actualizando-a», roubando-lhe, em qualquer caso, os seus conceitos fundamentais. É necessário lutar simultaneamente contra o oportunismo de direita que procura tornar o marxismo uma arma inofensiva e contra o oportunismo esquerdista que cobre com o nome «marxista-leninista» o radicalismo pequeno-burguês», avisou Álvaro Cunhal no seu «Relatório», acrescentando: «O oportunismo esquerdista converge com o oportunismo de direita. No processo da Revolução Portuguesa, essa convergência leva a uma aliança (objectivamente considerada nuns casos e conscientemente decidida como directa cooperação noutros casos) entre as actividades esquerdistas e as actividades da reacção ou oportunistas de direita. As actividades esquerdistas assumem de forma crescente a missão de instrumento de provocação anticomunista ao serviço da direita e da extrema-direita».

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

P.S. elegeu corpos dirigentes

Reunida no sábado passado em Lisboa, expressamente para o efeito, a Comissão Política Nacional do PS elegeu os novos corpos dirigentes do partido: o presidente, o Secretariado Nacional, a Comissão Directiva, o director do órgão oficial do partido, e a Comissão Nacional de Fiscalização e Contas.

Presidente, António Macedo foi reeleito por aclamação. Para o Secretariado Nacional, havia uma única lista concorrente, incluindo os nomes de Arons de Carvalho, António Guterres, Maldonado Gonelha, António Reis, Edmundo Pedro, Marcelo Curto, Salgado Zenha, Jaime Gama, Catanho de Meneses, Manuel Alegre, Tito de Morais Sottomayor Cardia e Rui Mateus. Teve 102 votos a favor, 7 contra e 30 em branco.

Interrogado sobre se alguns dos elementos eleitos pela lista B para a Comissão Nacional do PS integravam os órgãos ora eleitos, António Reis disse: «segundo os estatutos do partido, o escrutínio para a eleição da Comissão Directiva e Secretariado Nacional é maioritário. O secretário-geral do partido, que apresentou a lista para o Secretariado Nacional e os elementos do antigo Secretarido Nacional que resolveram apresentar a lista para a Comissão Directiva entenderam que delas só deveriam constar elementos pertencentes à lista A, apresentada no Congresso Nacional».

Sobre aquela mesma questão, Carlos Lage afirmou ser «sensível, em princípio a que na Comissão Directiva deviam caber representantes da lista». «Eu mesmo — acrescentou — estava proposto para a única lista, mas renunciei exactamente por causa da forma de representação da lista B na Comissão Directiva. Dado que — disse ainda — o estatuto do partido ainda não está discutido e aprovado, o que será feito numa sessão extraordinária do Congresso em Janeiro, aquele órgão máximo do partido é que poderá decidir se terão representatividade ou não na Comissão Directiva do partido, que é um organismo eminentemente político, listas que eventualmente apareçam e que se reclamem de uma determinada sensibilidade».

Quanto à Comissão Directiva, foi eleita a única lista apresentada por 93 votos a favor, 18 contra e 28 votos brancos, composta pelos seguintes membros: António de Macedo, Alberto Andrade, Alberto Antunes, Alberto Oliveira e Silva, Álvaro Monteiro, António Barreto, António Campos, Cal Brandão, Costa e Melo, Costa Moreira, Cunha Coelho, Eurico Figueiredo Fernando Barroso, Fernando Mendes, Fernando Queirós, Ferreira Lima, Francisco Macedo, João Conceição, João Tito de Morais, José Leitão, José Nunes, Medeiros Ferreira, José Niza, José Rodrigues, Júlio Calha, Manuel Pires, Manuel Mendes, Mário Mesquita, Miguel Costa, Pedro Coelho, Raul Rego, Rosa Gomes, Rudolfo Crespo, Teresa Ambrósio e Teresa Portugal.

Mário Soares falando aos seus pares da Comissão Nacional

Para director do jornal «Portugal Socialista» foi eleito por aclamação Ribeiro Santos.

Os componentes da Comissão Nacional de Fiscalização de Contas (única lista apresentada) são os seguintes: Almerindo Marques, Lino Neto, Maria Mira de Melo e Vítor Constâncio.

Segundo um comunicado emitido no final da reunião, o secretário-geral Mário Soares fez uma exposição sobre a actual situação política que «concitou o aplauso unânime dos membros da Comissão Nacional». António Reis, no final, aos jornalistas: «O partido está unânime no apoio ao Governo e entende que não há qualquer outra alternativa para a resolução dos problemas políticos»

SOARES AO CONGRESSO DA J.S.

"Não queremos apoio incondicional"

. «Não queremos o apoio incondicional da J. S. Queremos algo de muito mais importante e que é o empenhamento da J. S. na construção de um Portugal socialista». Palavras de Mário Soares no II Congresso da Juventude Socialista, que ontem encerrou trabalhos numa escola aos Olivais, em Lisboa. Soares participava na sessão de encerramento, fez o elogio da J. S. pela sua activa intervenção na cena política portuguesa sobretudo de há dois anos e meio a esta parte e fez um apelo aos militantes no sentido de que a sua organização apoie o actual Governo. «Podem-se fazer muitas críticas ao P. S., mas a verdade é que nós vencemos todas as batalhas em que nos empenhámos» — disse Soares (...) — Estamos seguros de que vamos vencer a batalha em que estamos agora empenhados e que é a da resolução dos problemas económicos e sociais do povo português». Segundo Soares, que classificou de partidos conservadores o P. S. D. e o C. D. S., não existe qualquer alternativa para opor ao actual Governo. Falando do P. C. P., o secretário-geral do P. S. considerou que se este provocar uma crise, esta crise dará o poder à reacção.

LISTA «A» VENCEU

A fase final do Congresso da J. S. foi ocupada com eleições para os corpos dirigentes da organização. A Comissão Nacional, a Comissão de Controlo e Disciplina e ainda os representantes da J. S. na Comissão Nacional do P. S. Concorrentes duas listas, a A e a B, ganhou a primeira encabeçada por Alberto Arons de Carvalho e José Leitão. Na lista B, os primeiros nomes eram Henrique Fernandes e Maria Paz. A lista A preconizava um socialismo autogestionário mas parece identificar-se globalmente com a orientação actualmente predominante no P. S. A lista B, cuja sigla era «Por uma J. S. de massas em luta pelo socialismo», parece menos identificada com a direcção do Partido. A diferença entre os votos obtidos por cada lista foi apenas de cinco. Adoptado o método de Hondt, a lista vencida estará no entanto, e mercê da votação, largamente representada entre os 41 elementos que constituem a Comissão Política Nacional.

Nos trabalhos do Congresso participaram algumas delegações estrangeiras congéneres da J.S. e representantes de organizações juvenis portuguesas convidadas: a UEC, a UJC, a JSD, a UEDP e a ASJ.

CONCLUSÕES

. Dos trabalhos resultou uma plataforma programática que orientará a situação da J. S. nos próximos dois anos, depois do que reunirá outra vez o Congresso. Os diversos pontos aprovados foram-no depois de aturada discussão entre as duas linhas e dentre eles ressalta a perspectiva da J. S. acerca da situação política actual e das tarefas que a organização se impõe.

O texto denuncia os aspectos mais críticos da situação actual aponta para as necessidades de aumentar a produção, reduzir o absentismo, acabar com a sabotagem económica, resolver o problema do desemprego. Neste enquadramento, indica-se a necessidade de um novo modelo económico — «orientado não para o lucro, mas para a satisfação das necessidades colectivas que implica a criação de novos postos de trabalho, a reestruturação completa da actividade produtiva e a independência nacional».

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO
(indique um só curso)

CURSOS EM PORTUGUÊS

Rádio, Electrónica, TV — Secretariado — Cultura Geral
Desenho e Pintura — Electricidade — Corte e Costura
Relações Públicas — Fotografia — Vendas/Marketing
Inglês

CURSOS EM ESPANHOL

Técnico de Automóveis
Mecânico de Automóveis * Motores Diesel
Electricidade do Automóvel * Maquinaria Agrícola
Ajudante de Laboratório Químico
Auxiliar de Farmácia * Técnico de Plásticos
Desenhador Mecânico * Desenhador Projectista
Desenhador de Construção de Obras
Desenhador de Carpintaria e Marcenaria
Canalizador e Saneamento * Construtor de Obras

Peça o envio do livreto sobre o curso de GRÁTIS DL/15

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

cec Álvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

Trabalho

Progresso da legislação social

— segundo um estudo do B.I.T.

Cento e cinquenta e dois países e territórios introduziram mais de mil melhorias nas suas legislações sociais durante os últimos treze anos, indica um estudo do «Bureau International du Travail», o qual considera que estas melhorias se devem à sua acção.

O B.I.T., cuja assembleia reúne delegados dos Governos, do patronato e os sindicatos, elabora convenções e recomendações sociais internacionais, que os Estados devem em princípio integrar nas suas legislações.

O B.I.T. precisa que treze estados ratificaram cada um mais de 60 das 147 convenções sociais internacionais, mas que a média mundial é mais baixa: 50 na Europa, 35 na América Latina e Oceânia, 25 em Africa e 17 na Asia. Para o B.I.T., isso deve-se em muitos casos ao facto dos Governos «estarem confrontados com problemas nacionais urgentes que fazem passar para segundo plano as preocupações» sociais.

Isso deve-se, também, segundo o B.I.T., à obrigação, para qualquer Estado que tenha ratificado uma convenção, de dar conta da sua aplicação, sem o que pode ser acusado de não respeitar os seus compromissos, e publicamente condenado.

A assembleia anual do B.I.T. estuda todas as queixas que lhe chegam de diversas fontes quanto à aplicação das convenções sociais internacionais, do mesmo modo que o «Comité da Liberdade Sindical» examina qualquer queixa relativa a dificuldades encontradas por sindicalistas em qualquer ponto do mundo.

CONFERÊNCIA MUNDIAL

Trabalhadores dos meios audiovisuais contra intoxicação cultural americana

«A colonização cultural domina ainda em muitos países, e sobretudo na esfera da rádio e da televisão. Esta é mais uma razão para unir os esforços dos nossos sindicatos, independentemente das nossas tendências, reforçando a solidariedade entre todos nós.»

Esta é uma das afirmações contidas no manifesto da 1.ª Conferência Mundial da Federação Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Meios Audiovisuais, que decorreu de 11 a 17 de Outubro, na Casa Central dos Trabalhadores das Artes, em Moscovo, com a participação de 29 países (da Austrália ao Chile, passando pelo Japão e pela U. R. S. S.), das Federações Internacionais dos Artistas e dos Músicos e ainda da Organização Internacional do Trabalho.

Portugal esteve representado na conferência da FISTAV na qualidade de convidado (ainda não é membro da organização), por Jaime Menor Campos, presidente do Sindicato dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, representante também da Intersindical Nacional — confederação geral dos sindicatos portugueses, e pelo actor Rogério Paulo, presidente da mesa da assembleia geral do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos.

Como afirma Jaime Campos no seu relatório aos sócios do Sindicato a que preside a tónica geral dos trabalhadores foi «um ataque cerrado à intoxicação cultural feita pelo imperialismo norte-americano». Segundo se apurou, as produções estrangeiras em todos os países do mundo, excepto os países socialistas, atingem 60, 80 e às vezes 90 por cento das respectivas emissões, sendo a maior parte de origem norte-americana. Simultaneamente, nesses países, o desprezo pelas culturas nacionais é quase total.

«A situação dos países ditos do mundo livre é duma maneira geral muito má», prossegue o relatório. «As empresas utilizam na sua generalidade o trabalho a prazo para se escusarem a regalias sociais e compromissos de segurança no trabalho. A lista de desempregados é grande, facilitando assim, a lei da oferta e da procura».

Perante tal situação — conclui o presidente da direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações, — o acordo colectivo de trabalho da TV é um dos mais progressistas do mundo capitalista: «da nossa unidade resultará o efectivo cumprimento deste acordo em prol de uma TV que queremos pôr ao serviço do povo português e da cultura nacional.»

O MANIFESTO

O manifesto da conferência aprovado por unanimidade e aclamação, salienta a comunhão dos interesses essenciais dos participantes não só no que toca à defesa e melhoramento de condições de trabalho mas também no respeitante ao papel da televisão no desenvolvimento da cultura nacional e do intercâmbio nacional entre os povos. «A televisão pode ser utilizada tanto para o bem do homem como para o mal do mesmo» afirma-se no texto. «Esta conferência demonstrou a força dos nossos desejos comuns de trabalhar para que a Televisão e a Rádio difundam uma informação verdadeira e sejam o veículo crescente no desenvolvimento das nossas culturas nacionais, contribuam para o melhoramento da compreensão mútua e da ampliação do intercâmbio cultural no espírito da Acta Final da Conferência de Helsínquia, na base da igualdade e para o bem da cooperação entre os povos».

No final, o manifesto salienta que numa era em que a indústria e o comércio se internacionalizam e os intercâmbios entre os países na esfera da Rádio e da Televisão aumentam, a comunhão dos interesses e objectivos culturais dos trabalhadores daqueles meios de comunicação obrigam-nos a actuar conjuntamente e a ampliar os contactos entre os respectivos sindicatos.

OS INTERESSES DA TV PORTUGUESA

Como representante dum país convidado, Jaime Campos apresentou na conferência uma intervenção por escrito intitulada: «A situação social dos trabalhadores da única estação de televisão em Portugal».

Depois de traçar uma panorâmica dos meios de repressão sobre os trabalhadores da RTP no regime de Salazar-Caetano, à libertação do 25 de Abril e de novo as repressões e injustiças pós 25 de Novembro, de que resultou, entre outras injustiças, o despedimento de 23 trabalhadores da única estação de TV em Portugal, o representante português refere o acordo colectivo de trabalho destes trabalhadores, que classifica de bastante progressista. Salienta no entanto que este ACT não resolveu o problema da televisão como serviço público e como órgão de comunicação social «que deve estar ao serviço da democracia e da Cultura e das massas trabalhadoras».

Para elucidar o que tem sido a actividade da RTP neste campo, o autor do relato revela alguns números que passamos a transcrever pelo seu carácter elucidativo: «No período compreendido entre Janeiro e a primeira semana de Junho o tratamento dado aos problemas dos patrões e dos trabalhadores foi o seguinte: — À Confederação dos Agricultores Portugueses (C. A. P.) (organização que agrupa e defende os interesses dos latifundiários), 28 m e 14 s; — À Confederação dos Industriais Portugueses (C. I. P.) (organização que agrupa e defende os grandes capitalistas), 10 m e 11 s; totalizando portanto, 38 m e 25 s para as organizações patronais. No mesmo espaço de tempo: ao Movimento Associativo dos Rendeiros do Norte (M. A. R. N.) (Campesinato do Norte do País), 1m e 14s; à Confederação dos Sindicatos Portugueses — Intersindical Nacional, 11m e 44s. Em termos percentuais temos: Organizações Patronais: 77 por cento; Organizações dos Trabalhadores: 23 por cento».

PUB

Sindicato dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Oficiais Maquinistas da Marinha Mercante a reunir em 1.ª convocação e em sessão ordinária na sede do Sindicato, sita na Av. D. Carlos I, 101 - 1.º Esq.º em Lisboa, no próximo dia 30 de Novembro, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciação, discussão e aprovação do orçamento geral ordinário para o ano de 1977.

2 — Informação, apreciação e decisão sobre a análise de problemas financeiros pendentes.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocação, convoco, desde já, a mesma Assembleia Geral para reunir em segunda convocação, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos pelas 21 horás, deliberando com qualquer número de sócios presente.

O Presidente da Assembleia Geral

a) **Manuel Vicente Pereira**

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

TÁXIS CONCURSO

ATRIBUIÇÃO DE ALVARÁS PARA O CONCELHO DE AZAMBUJA

O SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, comunica a todos os seus associados que o CONCURSO para atribuição de ALVARÁS-TÁXIS no concelho de Azambuja (localidade de Quebradas — freguesia de Alcoentre) estará aberto no período de 15 a 30 de Novembro de 1976.

Nota. — Para outras informações dirige-te ao Sindicato.

Lisboa, 12 de Novembro de 1976

Pel'A DIRECÇÃO

NOTA OFICIOSA

A greve dos T.L.P.

Do Ministério dos Assuntos Sociais recebemos para publicação a seguinte nora oficiosa:

«1. No prosseguimento de uma campanha orquestrada e politicamente manipulada de agitação gratuita, sistematicamente conduzida no âmbito dos Telefones de Lisboa e Porto por uma escassa minoria liderada por uma autoconstituída comissão de luta que, de certo momento em diante, se auto-erigiu em comissão de trabalhadores, cujos membros deixaram de trabalhar profissionalmente na empresa para passarem a ser agitadores profissionais, anuncia-se para a próxima terça-feira, dia 16 do corrente mês, uma greve progressiva em todos os serviços dos TLP, desde que o Governo, até 15/11, não revogue o Decreto-Lei n.º ?//75, de 31/12.

2. Este diploma, aliás antecipando-se ao art.º 63.º da Constituição, que impôs ao Estado a organização, coordenação e subsídio de «um sistema de segurança social unificado» que «protegerá os cidadãos na doença, velhice, invalidez, viuvez e orfandade», determinou que as Caixas Sindicais de Previdência de empresa ainda existantes passassem a depositar à ordem da Caixa Nacional de Pensoes as contribuições relativas aos seus beneficiários. Por sua vez, a Caixa Nacional de Pensões transferiria para as instituições interessadas as importâncias a essas normas aplicáveis às Caixas de Previdência de forma alguma seria perturbado o funcionamento das Prestações de serviços médico-sociais e de pagamentos de pensões por invalidez, velhice, morte e sobrevivência processadas naquelas caixas sindicais, entre as quais se inclui a dos T.L.P.

3. Porém, em face de intensa agitação levada a cabo pela mesma pretensa comissão de trabalhadores dos TLP, reclamando a «aplicação proletária dos dinheiros segundo a vontade dos beneficiários» e a revogação do Decreto-Lei n.º 784/75, no último mês de Setembro, para que não pudessem legitimamente existir quaisquer dúvidas e dando cumprimento ao enunciado na alínea e) da nota oficiosa de 14/9/76 deste Ministério, o secretário de Estado da Segurança Social determinou que o cumprimento daquele diploma se fazia pela seguinte forma:

a) Os depósitos à ordem da Caixa Nacional de Pensoes seriam feitos na Caixa Geral de Depósitos em conta especial, de que é titular a Caixa de Previdência dos TLP.

b) No dia 20 de cada mês, a Caixa Geral de Depósitos transferiria para a conta da Caixa Nacional de Pensões apenas o excedente aos duodécimos para satisfação integral das necessidades da Caixa depositante, de modo a esta poder satisfazer imediata e directamente as prestações e pagamentos a todos os respectivos beneficiários.

c) A Caixa Nacional de Pensões, no caso de os depósitos feitos serem inferiores ao duodécimo transferiria para a conta da Caixa dos TLP na Caixa Geral de Depósitos o numerário indispensável a devida integração do duodécimo.

4. Neste regime, que de forma alguma prejudica quaisquer beneficiários das Caixas Sindicais da Previdência (TLP ou outras), antes lhes mantém e assegura os benefícios de que gozam sem qualquer deterioração, se tem vivido desde então e continuará a viver.

No entanto, movida por intuitos inconfessáveis de arrastar os trabalhadores para uma aventura irresponsável e tendo bem consciência da insignificante minoria que representava, a pretensa comissão de trabalhadores convocou para o Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, um plenário inter-empresas a que compareceram cerca de 1000 pessoas, não só dos TLP mas também da Companhia Nacional de Navegação-Mar «participantes com direito a voto) e empresas Carris, Cimenteiras, Grupo Previdente, Lusalite, CELCAT, Marinha Mercante, TAP, Tipógrafos, Soda-Póvoa, EPAL, Seguros e CRGE (assistentes sem voto), além de activistas políticos, onde foi decretada a mencionada greve.

Os resultados da votação, de braço no ar, foram: 275 a favor da greve e 163, contra, incluindo trabalhadores dos TLP e da CNN-MAR, sendo os restantes abstenções. Ora, os trabalhadores dos TLP são mais de 10.000.

De lamentar é que certos meios de imprensa e comunicação social empolassem o significado desta moção (que, em si, mesma, não teria qualquer importância, dado partir de apenas cerca de 2,7 por cento do pessoal) para anunciarem em grandes títulos, que os trabalhadores dos TLP iam entrar em greve, que iria iniciar-se no próximo dia 16 a greve dos TLP.

5. A greve anunciada não é legal nem corresponde a nenhum interesse efectivo dos trabalhadores, visando apenas manipulá-los em favor de uma campanha orquestrada de agitação contra o Governo. E ameaça abranger aspectos de sabotagem económica, ocasionando a danificação, por omissão de reparações e manutenções do material dos TLP, indispensável para a economia nacional.

O Governo não revogará o Decreto-Lei 784/75, como aliás, já foi peremptoriamente afirmado na nota oficiosa do Ministério dos Assuntos Sociais de 14-9-76, e responsabiliza os autores desta manobra de pressão de intimidação, pelo que os seus resultados representam de prejuízos para o País, que envereda pela construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

Confia na consciência dos verdadeiros trabalhadores, que saberão desmascarar e isolar este grupelho de provocadores.

E está atento a todas as acções que façam perigar a ordem democrática, afirmando o seu propósito de actuar energicamente para as anular.»

Trabalho

LEIS DO TRABALHO

Sindicatos pedem audiência aos órgãos do Poder

A comissão nacional mandatada pelos participantes no Encontro de dirigentes, delegados sindicais e comissões de trabalhadores sobre legislação do trabalho, realizado em Lisboa no dia 6, solicitou para amanhã as audiências necessárias para levar ao conhecimento dos órgãos do poder as conclusões então aprovadas.

Paralelamente, a comissão está a preparar as acções de apoio e fomento da «mais ampla discussão que as organizações representantivas dos trabalhadores irão desencadear, com vista à defesa, esclarecimento, discussão e análise das conclusões». Para esse efeito, preparam-se reuniões, comícios e outras acções, a nível de empresas, freguesias, concelhos e distritos, contando a comissão com grande adesão por parte dos trabalhadores.

Fazendo o balanço daquele encontro, o secretariado da Intersindical considera-o «uma clara e firme resposta dos trabalhadores não só às tentativas de recuperação capitalista da economia, de desrespeito pela Constituição e de retrocesso social, político e económico ensaiadas pelas forças inimigas das massas laboriosas, como também à passividade do Governo em contrariar essas acções antipatrióticas que, nalguns casos, assume mesmo posições claramente contrárias aos interesses das classes trabalhadoras».

Segundo números definitivos agora divulgados, consideravelmente superiores aos dados provisórios disponíveis no final do Encontro, nele participaram, ao todo, 5153 representantes dos trabalhadores. Assim, estiveram presentes 621 dirigentes sindicais, representando 156 sindicatos, 3155 delegados sindicais e 1377 membros de comissões de trabalhadores, representnado 711 860 trabalhadores de 2016 empresas de todo o País.

Esta ampla participação demonstra, segundo a Inter, «as preocupações dos trabalhadores e a sua determinação em opor uma barreira» às tentativas de recuperação capitalista e de retrocesso por parte das forças reaccionárias. Estão em causa a defesa das principais conquistas alcançadas e o lançamento das bases para novos avanços rumo a uma sociedade socialista, como estabelece a Constituição.

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO

A forma como decorreram os trabalhos do Encontro, dinamicamente e com intervenções numerosas mostrou mais uma vez que «os trabalhadores sabem, criativamente, encontrar as melhores respostas para os problemas». Atestam-no as conclusões para os dez temas abordados, que constituem «um valioso contributo para as soluções que urge levar à prática».

As acções agora em preparação, noticiadas pelo secretariado da Inter no comunicado à Imprensa que vimos referindo, inserem-se no trabalho de massas propugnado pelo Encontro, com vista ao alargamento e aprofundamento da unidade dos trabalhadores e ao reforço da sua organização, para defesa e consolidação das conquistas alcançadas, defesa da Constituição e construção de uma sociedade socialista.

As conclusões do Encontro Nacional sobre legislação do Trabalho versam, como noticiámos na altura, temos como a contratação colectiva, o direito à greve, o direito ao trabalho, segurança de emprego, controlo operário, segurança social, horário de trabalho, situação das empresas autogeridas e intervencionadas, trabalho doméstico e contratos a prazo. Dele saiu uma comissão (constituída pela comissão organizadora, por algumas uniões, federações e organizações de comissões de trabalhadores) encarregada de levar essas conclusões ao conhecimento dos órgãos do poder, desigandamente, Presidente da República, Conselho da Revolução, Comissão Constitucional, Assembleia da República e Governo. As respectivas audiências foram pedidas para amanhã.

Panificação decide amanhã continuação da luta

. A Federação dos Sindicatos da Panificação promove amanhã, às 10 horas, em Lisboa, um plenário para decidir a forma como os trabalhadores do sector irão conduzir a luta pela satisfação das suas reivindicações.

O plenário realiza-se na sequência das assembleias sindicais distritais ocorridas ontem por todo o país. Nessas assembleias os trabalhadores rejeitaram já as propostas salariais e de horário livre apresentada pela comissão técnica para o efeito nomeada pelo Ministério do Trabalho. Outra das questões debatidas pelos trabalhadores foi a publicação — adiada pelo MT — da portaria de regulamentação de trabalho do sector. No Porto, o plenário decidiu conceder ao MT um prazo até ao próximo dia 30, para saída da portaria.

«Os trabalhadores da Panificação não podem confiar, tantas vezes têm sido enganados por responsáveis do Governo, através de promessas demagógicas que enganam não só os trabalhadores da Panificação, mas todo o povo português», afirma em comunicado o secretariado da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins, ao referir os adiamentos de publicação da portaria. «Assim, depois de quase um mês de termos suspenso a greve, somos informados pelo sr. secretário de Estado do Comércio Interno, que a célebre portaria prometida dentro de dez dias, só poderá vir a sair para Janeiro...»

. «Nós trabalhadores da Panificação», prosseguem «queremos continuar a fazer pão para abastecer o povo consumidor de pão mas para tal precisamos da solidariedade de todos os trabalhadores que nos apoiem, pressionando o Governo para resolver a nossa miserável situação de explorados e escravizados pelo patronato reaccionário».

LEIRIA

Suspensos delegados sindicais na Caixa de Previdência

A suspensão dos dois delegados da União dos Sindicatos de Leiria na Comissão Administrativa da Caixa de Previdência daquele distrito, determinada pelo secretário de Estado da Segurança Social e comunicada por telegrama, é o tema de um comunicado daquela organização em que se afirma que deste modo se pretende iniciar um processo de afastamento dos representantes dos trabalhadores nas administrações das Caixas.

O documento, divulgado esta manhã, afirma que a decisão não contém fundamentação legal ou justificação para esta iniciativa que parece seguir-se a um despacho do eng.º Vítor Vasques, que impediu os dois delegados sindicais de tomarem posse dos cargos na Comissão de Gestão Médico-Social da Caixa de Leiria, o qual despacho violava o n.º 1, do Art.º 5, da Portaria 431/76, do Ministério dos Assuntos Sociais.

Por outro lado, deverá tal decisão estar também relacionada com o contencioso em aberto entre o presidente da C. A. da Caixa de Leiria, Vitorino Vieira Dias e o movimento sindical, na sequência do preenchimento de uma vaga de um técnico de Organização e Métodos, e que de acordo com as acusações da U.S.L. terá sido feita sem respeito pelas habilitações e aptidões dos candidatos ao lugar.

No entanto, como nos disseram esta manhã na União dos Sindicatos de Leiria, na sequência da entrega do processo respectivo feita pela União dos Sindicatos na Direcção-Geral da Previdência era de facto esperada a suspensão de «alguém», mas não dos dois delegados sindicais. Entretanto, estes continuam a comparecer diariamente na Caixa de Leiria, por entenderem que nada fizeram que justificasse a suspensão, que de acordo com o telegrama será seguida de inquérito.

No comunicado da União dos Sindicatos de Leiria hoje divulgado afirma-se que esta determinação do secretário de Estado da Segurança Social «é um desafio a todos nós e temos de lhes dar a devida resposta». Por isso, se pede a todos os trabalhadores que discutam com os delegados sindicais, nos locaisde trabalho, sobre as formas de luta a adoptar perante estes factos.

Nesta linha, em plenário que contou com a presença de 34 dirigentes e 150 delegados sindicais, foi aprovada uma moção em que se afirma que «arbitrariedades do presidente da C. A. (...) são prejudiciais aos trabalhadores» e que é «intenção do secretário de Estado da Segurança Social e do dr. Vieira Dias afastarem o movimento sindical da gestão da Caixa».

INFANTÁRIO EM SETÚBAL
DA SETENAVE

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL

ADMITE:

EDUCADORAS DE INFÂNCIA

EXIGE:

— Experiência de 3 anos na função, nomeadamente em funções de coordenação de todo o infantário.

OFERECE:

1 — Vencimento de acordo com normas em uso na Empresa.

2 — 13.º mês no fim do ano ou parte proporcional ao número de meses de trabalho.

3 — 1 mês de férias no ano imediato ao de admissão.

4 — 100 % de subsídio de férias.

As respostas com «curriculum» deverão ser dirigidas à SETENAVE SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL
Península da Mitrena — SETÚBAL

Que assinatura para o seu trabalho?

Quando um trabalhador põe nas suas tarefas o selo da competência profissional, por norma, sente orgulho na obra que executa e um legítimo prazer em poder afirmar «Eu fiz isto». A maioria dos trabalhadores, no entanto, não liga a sua assinatura pessoal ao trabalho feito, constituindo massa anónima a quem faltam estímulos.

Mas, para lá do orgulho de «fazer bem», podem-se encontrar estímulos preciosos, progredindo na própria profissão. É sempre possível trabalhar ainda melhor. Quer se seja professor ou simples ajudante de cozinha. Operário metalúrgico ou chefe de uma rede de vendas. Médico ou motorista. O progresso tem limites imprevisíveis. Mesmo no campo profissional.

Progresso na profissão quer dizer produzir mais e melhor. O que se traduz em riqueza para todos. Para o trabalhador, para a sociedade em que se integra. Para o país. O aumento e a melhoria da produção vão accionar a economia. Do combate ao desemprego à balança de pagamentos.

Que melhor «assinatura» se pode desejar para o trabalho que se faz? O orgulho e a satisfação de trabalhar bem para um Portugal melhor não carecem de outra «assinatura».

Portugal
a sua produção é a soma do nosso trabalho

Páginas Amarelas
um serviço público da IMPRIMARTE Listas Telefónicas

Nacional

CINCO DIAS NA BEIRA LITORAL (1)

"ENGUIAS" ENCARE

Os agricultores do vale do Mondego começaram a encarar a realidade. Submetidos aos caprichos do tempo e às imposições dos proprietários da terra, compreenderam que só organizados poderão demover os obstáculos que os impedem de melhorar as suas condições de vida. Embora num estado de consciencialização incipiente, vão ficando sensibilizados para os problemas e dispostos a travar uma dura batalha. Os sintomas detectados num contacto directo, permitem-nos concluir que os produtores de arroz do vale do Mondego introduziram no seu esquema de trabalho ideias que vêm abalar o conformismo **antigo**. Para já, criou-se a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montemor-o-Velho. Surgiram algumas cooperativas de comercialização, constituídas a partir dos ex-Grémios da Lavoura. Várias cooperativas de produção tentam arrancar. Para além da cooperativa do Barcouço a pioneira da Beira Litoral outras dão os primeiros passos, nomeadamente em Adões, Orentã, Montemor-o-Velho e Mira. É evidente que a consolidação do movimento camponês do Norte do País incomoda a reacção. Uma onda de boatos, forjada com base num pretexto irrisório, foi a maneira mais simples que a reacção encontrou para desmobilizar os componeses do vale do Mondego. Essa manobra, porém, não deu os frutos que as forças da direita esperavam. A intriga depressa foi desmontada. Desta vez, de uma forma muito primária, os saudosistas do passado aproveitaram-se da solidariedade dos trabalhadores agrícolas alentejanos, demonstrada através da ajuda traduzida no empréstimo de máquinas agrícolas aos camponeses do Baixo Mondego para agitarem a velha história de ocupação de terras. Claro que este boato alarmou alguns agricultores menos esclarecidos para quem a propriedade é ainda um princípio sagrado. Segundo a versão das forças reaccionárias, os seus operadores e os dois mecânicos alentejanos que se deslocaram ao vale do Mondego com as máquinas preparavam-se para ocupar conjuntamente com «os comunistas da zona» a Quinta da Foja.

Essa disparatada afirmação despertou o riso nas populações com os quais os alentejanos conviveram. Mas os trabalhadores da Quinta da Foja ficaram preocupados. Aconteceu uma situação um tanto insólita: trabalhadores rurais, aramados de caçadeira e acompanhados por patrulhas da G N R, exerceram durante várias noites uma vigilância cerrada para se defenderam daqueles que com eles trabalham a terra.

Esses homens que passaram noites de vigília com uma espingarda nas mãos não compreendem a importante ajuda que os trabalhadores agrícolas alentejanos prestaram aos agricultores do Baixo Mondego, que tinham o arroz por ceifar e sem máquinas para o fazer. Aliás, um dos grandes problemas dos produtores do arroz é a falta de máquinas. Até aqui têm estado sujeitos aos altos preços praticados pelos alugadores de máquinas os chamados «enguias». Há cinco anos atrás o agricultor alugava uma ceifeira por 500 escudos à hora. O ano passado custava-lhe 900 escudos. Este ano constava que os «enguias» pensavam levar 1200 escudos à hora. Inquietos com a seca que tinha assolado os campos do Baixo Mondego, os agricultores resolveram enviar uma delegação ao Alentejo no sentido de pedir às cooperativas que lhes «emprestassem» ceifeiras. Apesar das grandes dificuldades, as cooperativas «Primeiro de Maio» (Avis), «21 de Fevereiro» (Benavila), «Unidade do Ervedal» e o Comité da Reforma Agrária do Couço responderam ao apelo. Seis ceifeiras partiram a caminho de Coimbra, tendo uma delas ido a pé: 18 horas para chegar ao local. Duas ceifeiras foram para a Eireira, uma para Maiorca, uma para Montemor-o-Velho, uma para Meã do Campo e outra para Formoselha. Balanço da campanha: 400 horas de trabalho. Os 120 agricultores inscritos tiveram o seu arroz ceifado. Não se sabe ainda qual o preço do trabalho das máquinas, mas admite-se que não irá ultrapassar os 400 escudos por hora. O gesto fraternal dos operários agrícolas do Alentejo, além de ter evitado que os agricultores perdessem o arroz devido às cheias, fez com que os «enguias» fossem obrigados a baixar os preços do aluguer das máquinas. Um saldo muito positivo...

A LIGA ESCLARECE

A propósito deste assunto, a Liga de Montemor-o-Velho promoveu, no dia 30 de Outubro, uma conferência de Imprensa, em Coimbra, na qual foram debatidos os problemas que mais afectam os agricultores do Baixo Mondego. No âmbito das suas preocupações, inscrevem-se os prejuízos causados pela seca que, este ano, assolou todo o País. Os resultados da produção foram tão baixos que nem sequer, em muitos casos, deram para pagar as rendas e as despesas feitas com as culturas.

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Montemor tenciona dirigir-se aos órgãos do poder para que sejam atribuídas indemnizações aos agricultores das zonas afectadas. Exige também que seja instituído no próximo ano o seguro contra os acidentes do clima, direito esse consignado na Constituição. Exige ainda que o Governo tome as medidas necessárias para que seja cumprido o Artigo 8.º da Constituição, que prevê a redução proporcional das rendas.

No encontro com os representantes dos órgãos de Informação, os agricultores presentes referiram-se ao aumento do preço dos adubos, aumento que pode servir as manobras especulativas dos intermediários. A fim de se cortar essa possibilidade aos que exploram os agricultores, a Liga propõe a adopção da proposta aprovada numa reunião que teve lugar em Coimbra com a presença de trabalhadores do sector adubeiro e delegados de cooperativas.

Os participantes na reunião apresentaram uma sugestão pertinente: que os sacos de adubo trouxessem marcado no pano o preço do produto. A Liga alerta desde já os responsáveis do Governo para o facto de se poderem vir a registar dificuldades na aquisição da batata de semente e rações — tal como aconteceu o ano passado —, se os intermediários continuarem a dispor livremente desses produtos. Finalmente uma severa crítica à série de programas transmitidos pela TV Rural, da autoria do eng. Sousa Veloso, que focavam a necessidade de os agricultores se associarem. Muito bem! Ora nenhuma das organizações de agricultores existentes foram ouvidas nesses programas. As pessoas que apareceram na TV Rural a falar sobre os agricultores do Mondego não eram de maneira nenhuma as mais indicadas para o fazer. Primeiro porque com a lavoura tinham a ver muito pouco e depois... porque os agricultores não gostam de ver falar em seu nome aqueles que sempre os exploraram.

RENDEIROS EM LUTA

A Liga de Montemor-o-Velho nasceu precisamente no dia 21 de Dezembro de 1975, num encontro em que participaram 150 agricultores. Como disse António Cardoso, membro da Direcção da Liga, esta formou-se «porque os senhorios não queriam cumprir a Lei do Arrendamento Rural». E era preciso vencer. A Liga tem vindo a desenvolver uma intensa actividade não só no campo específico do Arrendamento Rural como na comercialização dos produtos agrícolas: arroz, leite, resinas, palha e rações. A Liga bate-se pela conquista de preços justos para esses produtos. E bate-se também firmemente pelo cumprimento da Lei de Arrendamento Rural. Nesse aspecto, pode afirmar-se que os resultados são positivos. Cerca de um milhar de contratos reduzidos a escrito provam a capacidade de luta da Liga de Montemor-o-Velho.

Ali, naquela zona, predominam os rendeiros. Cinquenta

A mão-de-obra feminina pesa sobremaneira na safra

INSTALADO NA AL. D. AFONSO HENRIQUES

(JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO)

O PÚBLICO CONTINUA A APLAUDIR COM GRANDE ENTUSIASMO
A NOVA COMPANHIA DO MAIOR E MAIS ALEGRE ESPECTÁCULO DO ANO

CIRCO MARIANO

O VOSSO CIRCO EMP. HENRY TONY

TODAS AS NOITES ÀS 21.30 H.

Venham ver em todos os espectáculos, a alegria das crianças e adultos

HEIDI • PEDRO • AVÔ ALP • YUKI

• DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS •

«OS ELIZABETH'S E CAMPOS FILHOS»

1.ª vez em Portugal vindos directamente de Inglaterra

«OS ELEFANTES BEBÉS»

IMPORTANTE: NO CIRCO MARIANO, O MAIS LUXUOSO DE PORTUGAL, NÃO CHOVE, AS CADEIRAS SÃO ESTOFADAS E TEM AQUECIMENTO GERAL

ATENÇÃO: PREÇOS ESPECIAIS PARA ESCOLAS, COLÉGIOS E ORGANIZAÇÕES DE FESTAS, CONTACTAR C/ HENRY TONY, Telefone 2911062 ou no CIRCO.

ESPECTÁCULOS TODAS AS NOITES, ÀS 21.30 HORAS • QUINTAS e SÁBADOS «MATINÉES» ÀS 16.30 HORAS • DOMINGOS e FERIADOS: 2 «MATINÉES», ÀS 15 e 18.00 HORAS

(AS BILHETEIRAS ABREM ÀS 17 HORAS. DIAS DE «MATINÉE», ÀS 11 HORAS) PARA TODOS

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES

CONVOCATÓRIA

Convocam-se as educadoras e auxiliares de educação da escola Paulo VI, sócias deste Sindicato, para um plenário nacional a realizar no dia 17 de Novembro pelas 21.30 horas no Clube Nacional de Natação (rua das Gaivotas, 2).

A ordem de trabalhos é a seguinte:

1 — Informações
2 — Discussão do problema da oficialização do curso

NOTA: A entrada far-se-á mediante a apresentação do cartão e quota

ASSINA: O SECRETARIADO DO SECTOR

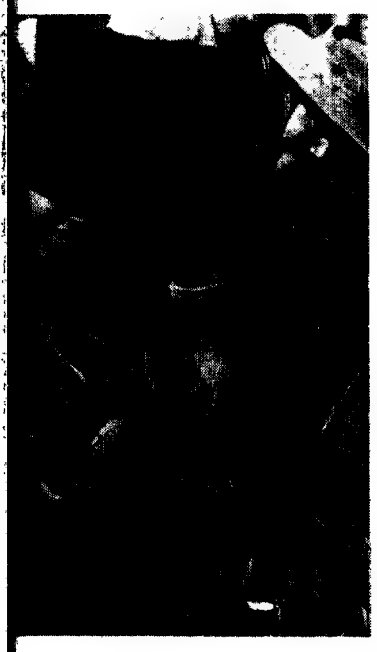
ECEM O ARROZ

Texto de LOURDES FÉRIA

por cento dos camponeses não têm um palmo de terra. A propriedade está muito dividida e nas mãos de pouca gente. Onde há rendeiros há senhorios. Os choques surgem inevitavelmente.

Eis um caso de infracção à Lei:

«Um senhorio (conta António Cardoso) **ocupou uma ter-**



do arroz em Portugal

ra que tinha arrendada. O senhorio, como o rendeiro se recusou a pagar a renda exigida por ele, ocupou a terra e semeou-a. O rendeiro não estava em falta, pois depositava as rendas na Caixa Geral de Depósitos».

Os rendeiros do Baixo Mondego costumavam pagar aos senhorios segundo a regra das **fangas**. Em arroz. Uma **fanga** corresponde a umas tantas **aguiadas**. Uma **aguiada** corresponde a cerca de 540 metros. Quem estabelece o preço das **fangas** são os senhorios — o que, como é óbvio, não favorece nada os rendeiros...

«O ano passado paguei 135 escudos por uma aguiada. Os senhorios, ao fazerem o preço às fangas, levaram-nos mais cinco tostões por cada quilo de arroz»...

O esquema de exploração dos agricultores do Baixo Mondego coincide com uma fórmula quase mafiosa. Há um senhorio (o «padrinho») que faz os preços — e os outros copiam a **moda**. Em Montemor-o-Velho, por exemplo, quem dita os preços é um senhorio poderoso, que exerce, também, funções de feitor de várias casas agrícolas.

OS «ENGUIAS»

É natural que brevemente surja uma cooperativa agrícola de produção em Montemor-o-Velho. Nesse projecto empenham-se os homens da Liga. Estando os agricultores associados, conseguem mais facilmente as máquinas. Uma ou duas máquinas, propriedade de futura cooperativa, podem fazer serviço para todos os sócios. Uma forma de se libertarem dos «enguias». Dos que lhes levam numa hora o trabalho de meses...

«Estou convencido que até os próprios 'enguias' não terão outro remédio se não pedir-nos para entrarem também na cooperativa, pois quando esta for uma realidade eles ficam para trás. O que vão fazer quando já não tiverem os agricultores para explorar?»

Todos os agricultores por nós contactados manifestaram a opinião unânime em relação aos «enguias»: são autênticos vampiros. Quando os agricultores tentavam contratar a máquina de algum particular para a lavra os «enguias» faziam chantagem, declarando que não ceifariam o arroz. A reacção dos «enguias» ao verem chegar as ceifeiras do Alentejo foi bastante curiosa. Houve quem comprasse espingardas na Figueira da Foz para se defender dos alentejanos «que lhes vinham roubar as máquinas». Os agricultores, no entanto, ressalvam o papel dos pequenos alugadores de máquinas no meio desta desenfreada exploração: **Alguns deles colaboraram connosco e ofereceram os seus préstimos aos trabalhadores alentejanos.**

BOATARIA

Os «enguias» e outros espalharam boatos. Que os alentejanos vinham roubar o arroz. Certos órgãos de Informação apressaram-se a fazer eco «do que constava» no Baixo Mondego. Assim, «O Dia» e a «Vida Mundial» anunciaram (com convicção) que iam começar as expropriações na zona do Mondego.

Espalharam que tinham chegado os dinamizadores do Alentejo para nos conduzir à ocupação da Quinta da Foja e da Quinta do Canal. Os trabalhadores do Alqueivão postaram-se noites a fio de caçadeira nas mãos ao lado da GNR. Este boato não aparece por acaso. Vai servir-lhes de desculpa por ainda não terem ceifado o arroz nessa quintas. Depois dizem que não tiveram tempo por que andaram a guardar as propriedades. E pedem indemnizações. Por outro lado, nós achamos estranho que a GNR tenha andado tão depressa. Quando os rendeiros precisam dela para se defenderem dos senhorios não aparecem... Isto aqui há gato! concluí António Cardoso.

CONVIDA-SE A TV RURAL

Os agricultores do Baixo Mondego estão muito zangados com o eng. Sousa Veloso. Parece que o responsável pela TV Rural se portou de uma maneira incorrecta.

Eu vi a TV Rural e fiquei bastante espantado de ver surgir no 'écran' o Serra Ramos, da Celbi, empresa de celulose não nacionalizada. Pois esse senhor disse que era pequeno agricultor. E mentira. Ele é um grande agricultor. O eng. Sousa Veloso também afirmou que havia uma Comissão de pessoas interessadas em salvar a agricultura. Ninguém conhece essa comissão fantasma. Acrescentou que já se tinham realizado várias reuniões em diverssas povoações, inclusivamente na Eireira. Ora eu sou da Eireira e não estou a par dessas reuniões. Se as fizeram foi em segredo. O eng. Sousa Veloso não entrevistou os elementos da Liga nem os pequenos agricultores. Limitou-se a ouvir engenheiros e estudantes no Alqueivão. Afinal que isenção é a dele? Perante isto pensamos que devemos convidar o responsável pela TV Rural a vir entrevistar os verdadeiros agricultores. Deve ouvir os pobres e não somente os ricos.

OS PREÇOS DO ARROZ

Os agricultores de Montemor-o-Velho decidiram enviar telegramas aos órgãos do Poder no sentido de fazerem pressão para uma rápida saída dos preços do arroz. A indefinição da política de preços na agricultura prejudica grandemente aqueles que trabalham a terra.

«Sabemos apenas que vai haver um subsídio de quatorze tostões para o arroz. Isso é vantajoso. Mas falta saber a percentagem de tabela da trinca (arroz partido). A não saída a público dessa tabela está a dificultar-nos a vida. Como não recebemos o dinheiro vai atrasar o pagamento das rendas e dos adubos...

Ano de seca, ano de fome. Para o arroz que cresce alagado em à gua, a seca é um contratempo terrível. **Tivemos muitos hectares que não chegaram a dar mil quilos de arroz e outros não deram nem um bago** diz António Cardoso. Os agricultores não são culpados dos caprichos do tempo. Eles trabalharam. Quem os indemniza? As cheias precoces de Outubro estragaram-lhes a palha. Se as máquinas não tivessem vindo do Alentejo também o arroz se perdia...

Enquanto o Governo não decidir ir para a frente com as obras de regularização do Mondego os agricultores estão sejeitos a perder tudo quanto investiram. Quem os indemniza?

Os produtores de arroz reclamam indemnizações ao Governo por causa das secas. Há campos muito afectados.

INFANTÁRIO EM SETÚBAL DA SETENAVE

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL

ADMITE:

COZINHEIRA

EXIGE:

- Conhecimento de todas as tarefas inerentes à função, nomeadamente confecção de alimentação para crianças.
- Experiência comprovada em infantários.

OFERECE:

1 Vencimento de acordo com normas em uso na Empresa.
2 13.º mês no fim do ano ou parte proporcional ao número de meses de trabalho.
3 1 mês de férias no ano imediato ao de admissão.
4 100 % de subsídio de férias.

As respostas com «curriculum» deverão ser dirigidas a SETENAVE SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL Península da Mitrena SETÚBAL

Força Aérea Portuguesa

apoio presente.

No transporte de feridos ou doentes. No socorro a náufragos. Sempre que se trate de salvar uma vida. Sempre que os serviços competentes necessitem de ajuda. Em terra ou no mar.

Com todas as possibilidades do seu equipamento, com o profissionalismo dos seus homens. Quando e onde necessário, Força Aérea Portuguesa: apoio presente.

FORÇA AÉREA PORTUGUESA-SOBRE A TERRA, SOBRE O MAR

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFICIOS E VESTUÁRIO DO SUL

COMUNICADO N.º 107
A LUTA CONTINUA

TÊXTEIS E ESTIVADORES — A MESMA LUTA PELA IMEDIATA REINTEGRAÇÃO DE LOPES E ROSAS!

Camaradas

Passamos a transcrever um ofício enviado pela Direcção do Sindicato dos Estivadores do Porto de Lisboa e Centro de Portugal, ao ministro do Trabalho, dr. Marcelo Curto, em 10 de Novembro deste ano

«Exm.º Senhor ministro do Trabalho

Tomámos conhecimento através do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis Lanifícios e Vestuário do Sul, que tinham sido despedidos da empresa Manuel Lopes Henriques os trabalhadores Manuel Lopes e António Rosas, respectivamente presidente da Direcção e presidente da Mesa da Assembleia Geral do referido Sindicato.

É realmente de lamentar que dentro de uma democracia e de um Governo que se intitula socialista se admitam decisões tão arbitrárias que só demonstram afinal que o «fascismo» continua latente e prestes a irromper novamente no País destruindo e aniquilando todas aquelas liberdades e regalias adquindas pelos trabalhadores após o 25 de Abril.

Não pode portanto esta direcção admitir que o País possa novamente ser absorvido por uma ditadura e, assim, decidiu, em completa e total solidariedade com estes trabalhadores e com todos aqueles que têm sido vítimas de situações idênticas, **iniciar a partir do dia 2 de Dezembro do ano corrente, um boicote total ao embarque e desembarque de mercadorias adstritas a produtos têxteis, caso não sejam até esta data readmitidos na empresa os referidos Directores Sindicais.**

Esperando sinceramente não ser necessário levar a efeito medidas tão drásticas, subscrevemo-nos com a maior consideração.»

Face a esta firme decisão de luta, por parte destes nossos camaradas, a direcção entende ser seu dever, fazer as seguintes considerações.

1. O que significa apoiar uma luta, mostram-no bem os camaradas estivadores. Apoiar uma luta não é apenas dizer que sim senhor, é saltar para o meio da liça, disposto a tudo. Foi isto que fizeram os nossos camaradas.

2. Quando a Direcção do Sindicato dos Estivadores foi contactada por esta Direcção para aderir à manifestação do dia 10, disse-nos que não o faria porque isso implicava parar o Porto de Lisboa, no que para já não estavam interessados. Uma posição destas seguida da carta enviada ao Ministério do Trabalho, que acima transcrevemos, só demonstra a coerência de posições destes camaradas.

3. O exemplo da Direcção do Sindicato dos Estivadores, será certamente, pensamos nós, seguido por outros trabalhadores e respectivas organizações de classe, que adoptarão as formas de luta necessárias, contra a tentativa de despedimento de M. LOPES e A. ROSAS e outros despedimentos, às suas próprias condições específicas.

Todas as formas de apoio devem ser canalizadas para a sede deste sindicato

A LUTA CONTINUA!
DESPEDIMENTOS, NÃO – DIREITO AO TRABALHO, SIM!
PELA REINTEGRAÇÃO IMEDIATA DE MANUEL LOPES E ANTÓNIO ROSAS!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa 12/11/76

A Direcção

PUB.

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

A TODOS OS TRABALHADORES
A TODOS OS SINDICATOS

1 — A CNOC, cumprindo o número 1 do Art.º 20.º do Regulamento do Congresso, enviou já a todos os Sindicatos, Uniões, Federações, os projectos de estatutos da INTERSINDICAL, programa de acção e lei sindical.

2 — A sua discussão terá de processar-se até ao dia 28 de Dezembro.

3 — Sugere-se que a discussão se processe de acordo com o seguinte método:

— Os sindicatos deverão promover plenários de delegados sindicais e comissões de trabalhadores, plenários por empresas ou por zonas com o fim de esclarecer e debater os problemas contidos nos documentos.

— Os trabalhadores deverão enviar para os seus sindicatos as suas propostas de alteração, aditamento ou recusa, havendo toda a conveniência em que elas indiquem a que documento dizem respeito e a que número se referem.

EXEMPLO: Proponho que no projecto de "Programa de Acção" o número 221 passe a ter a seguinte redacção:

. . . . . .

Posteriormente

Os Sindicatos deverão promover assembleias gerais com vista a serem discutidas e votadas todas as propostas de alteração definindo-se, assim, a posição democrática de cada Sindicato.

4 — Até ao dia 28 de Dezembro os Sindicatos deverão remeter à CNOC as propostas que hajam sido aprovadas pelos trabalhadores que representam.

— Exige no teu Sindicato os projectos de estatuto da INTERSINDICAL, programa de acção e da lei sindical.

— Promove e participa na sua discussão.

Lisboa, 12 de Novembro de 1976.

A COMISSÃO NACIONAL
ORGANIZADORA DO CONGRESSO

Nacional

Belém desmente jornais

A Presidência da República emitiu duas notas desmentindo notícias divulgadas pelos jornais «O Dia» e o «Expresso», relacionadas com o general Ramalho Eanes e com as Casas Civil e Militar do Presidente da República.

Assim, em relação a uma notícia divulgada pelo «Expresso», segundo a qual o general Eanes teria participado numa reunião de oficiais realizada em Óbidos, apresentada como inquietante, a Presidência da República qualificou tal informação como falsa, «cuja gravidade não se reduz pelo facto de ter sido dada de forma dubitativa». A nota esclarece ainda que «o Presidente da República dialoga com os militares nas respectivas unidades ou chama-os à sua presença, sendo censurável que qualquer órgão de informação admita outra forma de procedimento». A nota conclui afirmando que «o Expresso» atentou assim incompreensivelmente, contra o direito do público a uma informação verídica».

Uma outra nota refere que o Presidente da República autorizou que elementos das suas Casas Civil e Militar, quando convidados, estivessem presentes, como observadores, em Congresso de partidos políticos, nessas condições tendo ido ao Congresso do P.C.P. Por isso «não tem fundamento a notícia do jornal «O Dia» segundo a qual o P.R. estaria representado naquele Congresso pelo seu Chefe de Gabinete, que aliás nem sequer assistiu aos trabalhos».

Três jornalistas partem para Ankara

. Os jornalistas João Gomes (director do «Diário de Notícias»), Mega Ferreira («Expresso») e José Júdice (RTP) partiram ontem para a Turquia, onde ficarão cerca de uma semana, a convite do Governo daquele país.

No decurso da visita, serão recebidos pelo ministro dos Negócios Estrangeiros turco.

Do programa constam ainda visitas às cidades de Istambul, Izmir e Chipre, além da participação num programa de televisão e de contactos com a Associação de Jornalistas da Turquia.

"Zona Centro" em dificuldade?

. O que é que bloqueia a saída, imediata, do novo semanário «Zona Centro», que chegou a despertar alguma curiosidade? Registe-se que à tentativa de lançamento deste órgão de informação estão ligados esforços de empresas e indivíduos da região centro, nomeadamente o industrial e comerciante José Manuel Riscado e Vítor Ilharco, provável director do semanário, ambos naturais da Covilhã.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

REFERENDUM DIA 18-11-76

COMUNICADO

Os trabalhadores de escritório encontram-se a escassos dias de se poderem, uma vez mais, pronunciar livre e democraticamente acerca do presente momento que atravessa o movimento sindical português, que consideramos um dos mais críticos de sempre.

Em questão, o Congresso Sindical e a continuação ou não da nossa filiação na Inter. Quanto à primeira, os associados são chamados a pronunciar-se pelo Congresso, em adiantada fase de preparação, que a Direcção do Sindicato sempre denunciou como manobrado a bel-prazer pela linha de orientação político-sindical, do actual secretariado da Intersindical. Não acreditamos que a unidade dos trabalhadores possa ser construída, sob pressão de linhas minoritárias activistas, que actuando em Assembleias Gerais de Sindicatos, conseguiram vincular algumas direcções sindicais no alinhamento do 2.º Congresso da Intersindical.

Foi assim que algumas dezenas de Sindicatos estiveram presentes na última reunião geral, realizada na FIL. Se este «processo» conseguiu a presença de mais de duas centenas de direcções sindicais, ele não conseguirá impedir que centenas de milhares de trabalhadores continuem a não reconhecer qualquer legitimidade à Central Sindical «Reestruturada» ou a qualquer Secretariado eleito nestas circunstâncias.

O 2.º Congresso da Intersindical é a continuação do actual estado de cisão no seio dos trabalhadores, que se tem vindo a manter mais acentuadamente após o Congresso de Julho de 1975.

Se os trabalhadores se pronunciarem favoravelmente ao Relatório publicado pela Direcção, é a ratificação da posição que o Sindicato dos Escritórios de Lisboa tem vindo a assumir, isto é, o não alinhamento num Congresso Sindical sem que as condições mínimas da democraticidade do mesmo estejam asseguradas.

Ao defendermos a Carta Aberta, estamos todos a pronunciarmo-nos pela independência e autonomia dos Sindicatos, pela democracia sindical, pela Unidade do Movimento Sindical.

Não impomos «Unidade» padrão, para nós a verdadeira constrói-se no dia-a-dia a partir dos nossos locais de trabalho, através da discussão e no respeito pela democracia.

Na segunda questão, continuação ou não da filiação na Intersindical, a nossa posição é a de que, bater-nos-emos sempre por uma Única Central Sindical, que queremos, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE. Não reconhecemos nunca qualquer estrutura do Movimento Sindical com as características do monolitismo e da antidemocraticidade.

Temos o direito de exigir que os milhares de contos que anualmente o nosso Sindicato paga de quotização para a Intersindical sejam empregues num programa de acção que tenha a aceitação da maioria esmagadora das classes trabalhadoras deste País e sempre na defesa dos seus interesses.

Queremos garantias de livre discussão e participação de todos os trabalhadores do próximo Congresso.

Lisboa, 9.11.76

A DIRECÇÃO

PUB

Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins

COMUNICADO

A TODO O POVO TRABALHADOR

Nós, trabalhadores da Panificação, continuamos sem o nosso CCT. Porquê?

Não teremos nós, como trabalhadores que somos, os mesmos direitos das outras classes trabalhadoras portuguesas?

PARECE QUE NÃO!

Ao encetarmos formas de luta para forçar o patronato a assinar o nosso CCT logo aparece o Ministério do Trabalho com notas oficiosas fazendo promessas de portarias a breve prazo, sem no entanto, nada cumprir.

Recorremos à greve e de imediato se levanta na Televisão a voz enganadora do sr. ministro do Trabalho, e seu secretário, acusando os trabalhadores que não havia razão para greve, dado que dentro de oito a dez dias, seria publicada a portaria cujos estudos já estavam quase prontos, que a greve era uma greve política contra o Governo, no intuito de levantar os consumidores de pão contra os trabalhadores da Panificação e forçá-los a suspender a greve.

Isto, acompanhado de uma protecção ao patronato, para fabricar pão e vender por preços exorbitantes, como se verificou em todo o País, em nome de arranjar pão para as criancinhas, mas com o prático objectivo de encher mais os seus bolsos.

Assim, em nome da defesa do consumidor de pão, se mantém uma classe de trabalhadores, com chefes de família a ganhar 4300$00 mensais, apesar dos constantes aumentos no custo de vida.

Assim, depois de quase um mês de termos suspenso a greve, somos informados pelo sr. secretário de Estado do Comércio Interno, que a célebre portaria prometida dentro de 10 dias, só poderá vir a sair para Janeiro...

MAS QUAL JANEIRO?

Os trabalhadores da Panificação não podem confiar, tantas vezes têm sido enganados por responsáveis do Governo, através de promessas demagógicas que enganam não só os trabalhadores da Panificação, **MAS TODO O POVO PORTUGUÊS.**

Nós trabalhadores da Panificação, queremos continuar a fazer pão para abastecer o povo consumidor de pão, mas para tal, precisamos da solidariedade de todos os trabalhadores, que nos apoiem pressionando o Governo para resolver a nossa miserável situação de explorados e escravizados pelo patronato reaccionário.

Se assim não acontecer, mesmo que venhamos a sofrer a repressão, que esta mais uma vez não hesite em manchar as mãos no sangue dos trabalhadores, que legalmente lutam pela sobrevivência, levaremos à prática formas de luta capazes de levar de vencida os nossos inimigos e conseguirmos o CCT que permita a manutenção dos nossos lares e educação dos nossos filhos.

SÓ COM A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES PODEREMOS FAZER PARAR A EXPLORAÇÃO DOS QUE TRABALHAM NA PRODUÇÃO DA RIQUEZA NACIONAL.

SÓ UNIDOS NO MESMO OBJECTIVO PODEREMOS ACABAR COM OS EXPLORADORES E CRIAR UMA SOCIEDADE JUSTA EM PORTUGAL.

O SECRETARIADO

Nacional

A vingança do Cardeado

DIAS DE MELO

. De caixão à cova a carraspana daquela noite no botequim de mestre Augusto Bóia. Cantou, assobiou, dançou, pinchou. Veio a cair de borco contra uma parede do caminho, quando, depois de gaguejar, de voz babada e pastosa:

. — O compadre que ponha na conta — o Bóia o atirara para o olho da rua e lhe pregara com a porta na cara.

Contudo, por maior que fosse o carreto, nunca o Cardeado perdia por inteiro os sentidos: ficava sempre com a noção do que emborcara e da importância daquilo que gastara. Não com rigor absoluto, evidentemente. Mas com uma aproximação que se não arredava muito do exacto.

Por isso, dias decorridos, indo pelo Bóia na saga de lhe pagar, ficara pra asno ao ouvi-lo papejar, melado e um tudo nada fanhoso:

. — Ai senhora, pois é **tanto** que o Cardeado me deve...

Demora-se o Cardeado a olhá-lo, baixote, gorducho, a barriga de bombo a surrar o umbigo no lado de dentro da tábua do balcão; demorara-se a olhá-lo por trás das ondas de fumo espesso do cigarro a dançar-lhe diante dos olhos semicerrados; a olhá-lo e a dar voltas à cachimónia com cálculos apressados a fervilharem-lhe lá por dentro: «Foram tantos copos de aguardente... Foi isso. Pra menos que não pra mais. Mas vamos que fosse isso. Tantos copos a **tanto** por copo... Dois dava **tanto**... Três eram **tanto**... Quatro... Pois. É isso. Este filho duma grandecíssima cadela quer-me meter as patas na algibeira, mas...»

— O compadre não se terá enganado? E bebi muito. Sei que bebi muito. Agora o que nã bebi — isso não — foi o que o compadre quer que lhe pague.

Mestre Augusto Bóia enroupara-se de surpresa e revestira-se de inocência:

. — Ai senhora, eu não quero senão o meu rico trabalhinho...

O Cardeado («Como se fosse trabalho isso de tares aí a vender cachaça a um tarraço cma eu, uma pitada de açúcar e outra de farinha ratinhada no peso a qualquer criança que a venha mercar a mandalete da mãe»):

. — É nã sei se o compadre quer ou nã quer senão o sê trabalho. O que sei, é que me quer levar mais do que aquilo que gastei.

Mestre Augusto Bóia, num espanto:

. — Ai senhora, o que é que o Cardeado está dizendo?!

. — O que tou dizendo já o disse. O compadre que se pague — tirou da algibeira e atirou para o balcão uma nota ensebada de cinquenta escudos. — O compadre que se pague, que ê nã quero ficar a dever nada a ninguém. Antes ser roubado do que ser ladrão.

Mestre Augusto Bóia, a fazer-se desentendido, arrastara a pança até à gaveta do dinheiro e dera o troco ao Cardeado, falara brando, melífulo:

. — Ai senhora, eu nunca mais vendo nada fiado ao Cardeado...

— Pois nã vendas, barrigana!

. — Patifão! — rosnara, ofendido, o Bóia.

Fora-se o Cardeado, como se levasse um osso atravessado nos gorgomilhos. Um osso que lhe doía, quando por aí andava a cavar as terras de uns e de outros: «Nã havia de le ter pago». Um osso que lhe amargava, quando, por não ter outro de porta aberta, entrava no botequim de mestre Augusto Bóia, que logo indagava: «Ai senhora, o campadre traz dinheirinho?...» Um osso que o enraivecia, quando, à noite, ao domingo, nos dias de festa, já de **temperatura** a subir, se lembrava do Bóia: «Aquele barrigana!...» Um osso que, dentro de si, era um bicho, uma voz que não deixava, nem um momento, de lhe roer as entranhas: «Não havia de le ter pago, não havia não... Aquele corisco mangou-me. Mas deixa lá... Deixa lá, que ainda um dia... Tiro-lhe a desforra, lá isso é que tiro. É só beber uns tragos e começar a ficar **cardeado**...»

. E o dia da desforra chegou naquela tarde de vento duro, chuva rija, mar grosso a ribombar contra as penedias negras da costa brava como trovoada nunca interrompida.

Gingão, cabelos desalinhados, boné puxado para a nuca e caído para a orelha, froca surrada por cima da camisa esfiampada no tronco esgalgado, calças de cotim velho nas pernas escanzeladas, nos pés sem meias albarcas de coiro de porco amolecido pela humidade que lhe trespassava a véstia e enregelava as carnes, — o Cardeado entrou no botequim de mestre Augusto Bóia, encostou-se ao balcão, sacou do bolso de trás a carteira de pataco, contou notas, tilintou trocos, acendeu o cigarro entalada entre os lábios.

À vista das notas e ao tinir das moedas, mestre Augusto Bóia levantou-se do seu cadeirão búdico, ao fundo, ao lado da pipa, aproximou-se mansinho, afável, prestimoso:

. — Ai senhora, o Cardeado quer alguma coisinha?

. O Cardeado sorveu uma, duas, três fumaças importantes do seu cigarro solene:

. — O compadre que me deite um trago. Tá i um tempo...

— Ai senhora, um tempinho muito mauzinho — e mestre Augusto Bóia trouxe um copo, uma garrafa, desrolhou a garrafa, encheu o copo. — Muito mauzinho, este tempinho...

O Cardeado atirou ao chão a beata, que esmagou com a ponta da albarca, olhou por momentos para coisa nenhuma, empinou a aguardente sem pressas de maior. E mestre Augusto Bóia, solícito (o Cardeado com dinheiro...):

. — Ai senhora, não vai um traguinho mais?

. — Há-de ir, compadre, há-de ir. Mas com vagar. — Disse o Cardeado do alto da gravidade com que naquele dia se macaqueava. E sentou-se no caixote a servir de banco, contra a parede, ao lado da porta.

No outro lado do botequim, jogava-se animada partida de sueca, atentamente seguida pelos mirones, que observavam e julgavam, de pé, cada cartada feita.

Silêncio. De quando em quando, um estoiro no silêncio:

. — Pedaço de burro! Nã viste que ê cortava copas?

. — E nã viste que te tava a pedir paus?

. Assim barafustavam os parceiros que perdiam. Os mirones intervinham:

. — Tu, se nã te baldas nas copas, vocês ganhavam a mão.

— Se nã me baldo nas copas?! Se nã me baldo nas copas, eles puxavam a trunfo e nem o capote livrávamos!

. O Cardeado bispava, do seu canto, sem uma palavra, sem um gesto. De quando em quando, levantava-se, abeirava-se do balcão:

. — Mais um trago, compadre.

Mestre Augusto Bóia emborrachava-o santamente (aquele dinheiro que lhe vira e ouvira...).

O Cardeado **aquecia-se** conscientemente. Tinha de se pagar naquele dia da gatunagem do outro. Precisava era **aquecer** mais. Começar a ficar **cardeado**. Bem **cardeado**.

Lá fora, a boquinha da noite tombava, triste, cinzenta, negra. Doloroso o cair da chuva. Soturno o rugir do vento. Trágico o trovejar do mar contra as penedias.

Faltava a luz. Vinham as sombras. Não tardava a escuridão. Mestre Augusto Bóia acendia, com gestos rituais, o petromax, que descera do prego da trave, onde o tinha dependurado.

A sueca acalorava. O serão prometia meter-se pela noite dentro. No intervalo de cada partida, um ou outro jogador pedia:

. — Mais um copo.

— Cheiro ou madeira?

— Pra mim, cheiro.

— Pra mim, madeira.

E, de quando em quando, o Cardeado voltando ao balcão;

— Mais um trago, compadre.

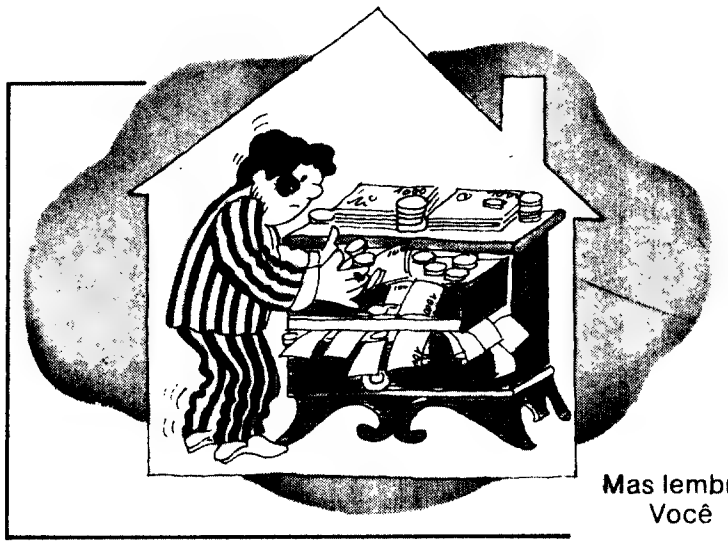
Mestre Augusto Bóia gostava daquilo. Os jogadores e mais os assistentes eram gente de contas limpas. O Cardeado vinha cheiinho de bagalhoiço. Já gaguejava:

. — Isto começa a ficar **cardeado**...

Já rouquejava os versinhos

Continua na pág 22

Qual o valor das suas economias para a economia do país?



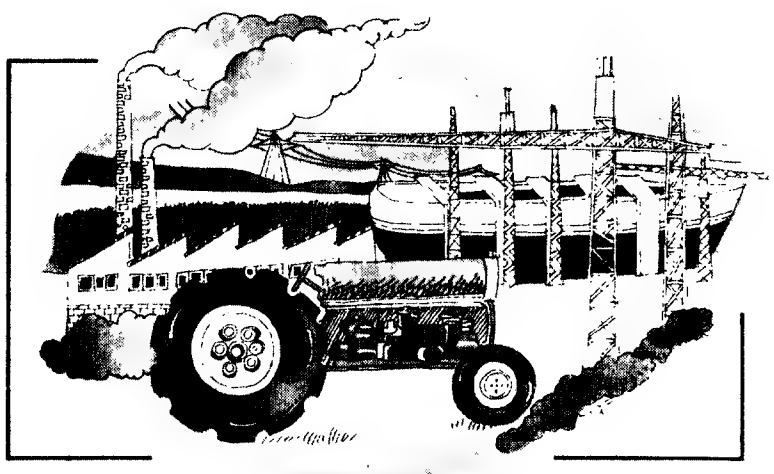
nenhum

Se guarda o seu "pé de meia" na gaveta da cómoda ou, até, numa caixa de sapatos em cima do guarda-fatos... O seu dinheiro é "dinheiro morto".

Já fez contas ao que deixa de ganhar?

E... se lho roubam?!

Enfim, V. lá sabe... Mas lembre-se de que assim, perde. Você e perdemos nós todos!



muito

... Quando confia o seu dinheiro ao Banco de Fomento Nacional! Porque, assim, V. tem a certeza de que ele vai ser investido na expansão da Economia do País. No apoio às actividades prioritárias. Na criação de novos empregos. E há mais vantagens para si também!

O Banco de Fomento garante ao seu dinheiro o juro máximo do mercado: 10,5% ao ano para depósitos a prazo.

Ganha Você. Ganha o País. Ganhamos todos.

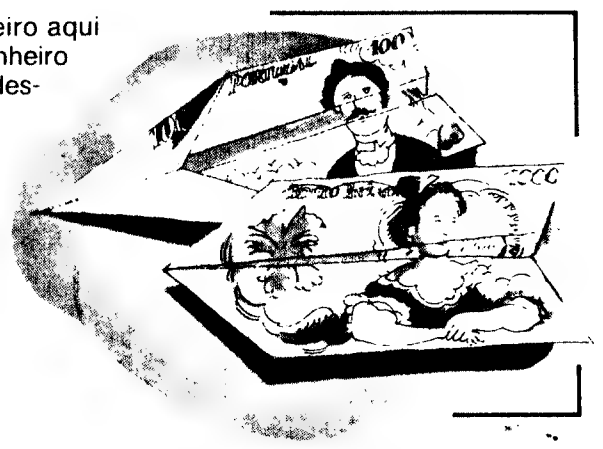
pouco

Se vai "arejando" o seu dinheiro aqui e além, o problema é seu. O dinheiro deve utilizar-se. Mas nunca desperdiçar-se...

As obras na casa, a aquisição de um terreno, a compra de jóias, defendem-no mais do que ter o dinheiro debaixo do colchão...

Mas serão as melhores soluções?

Que rendimento lhe dão?



Banco de Fomento Nacional

Para a economia de todos, as economias de cada um!

Sede Lisboa - Rua Mouzinho da Silveira 26

Delegações Aveiro Beja · Braga Bragança Castelo Branco Coimbra · Evora · Faro · Funchal Guarda Leiria Ponta Delgada Portalegre Porto Santarém · Setubal · Viana do Castelo · Vila Real Viseu

Nacional

O "APOIO" ÀS DONAS DE CASA

Electrodomésticos são considerados na sua maioria "artigos de luxo"

«As donas de casa, as mulheres trabalhadoras devem participar na Revolução, fazer parte das direcções dos Sindicatos, estar presente nas autarquias locais, etc.» ... afirmaram os políticos nas vésperas das eleições. Discursos estafados e que apenas revelam a «cobiça» dos dirigentes políticos pelos votos das mulheres que são, afinal, metade do eleitorado deste País.

Passam as eleições ou são lidos os Programas de Governo e ninguém mais pensa nas «donas de casa, nas mulheres trabalhadoras». Pelo contrário, é sobre elas que recaem todos os «erros» governamentais, todos os aumentos de custo de vida. Ainda que, por vezes indirectamente, são elas as mais afectadas. E nunca ouvidas.

As «donas de casa» vivem cada vez com maiores dificuldades. É frequente ver mulheres, a caminho da praça, a falar sozinhas. Vão a fazer «contas de cabeça». De dia para dia, os preços aumentam; as rendas de casa sao um pesadelo, os infantários «ninguém lhes pode chegar», o vestuário está carissimo e, agora, os electrodomésticos são «um luxo», se tivermos em conta as últimas decisões governamentais.

Com todos estes problemas, como podem as mulheres estar motivadas para a participação na vida política? Se trabalham em casa, embrutecidas entre as panelas e a limpeza que nunca se dá por feita, entre o marido que chega a casa e dá «ordens» para se vingar das «ordens» que recebeu durante todo o dia, e os filhos que gritam, como podem estas mulheres ter paciência para ir para reuniões? Como geralmente se realizam à noite, seria ainda necessário, na maioria dos casos, a «autorização do chefe de família». Mesmo para algumas mulheres, a desculpa é esta: «O meu marido está todo o dia fora de casa e, agora que ele chegou, é que eu vou sair?».

Também as mulheres trabalhadoras, ainda que uma percentagem mínima consiga a arranjar tempo, estão sobrecarregadas com os empregos, a lida da casa, o cuidar dos filhos...

«Prometeram tantas coisas às donas de casa. Foi só conversa» — desabafam algumas mulheres.

MÁQUINAS DE LAVAR: 23 CONTOS

Um dos auxiliares preciosos para as donas-de-casa é o equipamento doméstico. A máquina de lavar a roupa, o frigorífico, a máquina de lavar a loiça, o fogão, uma panela de pressão, são utensílios indispensáveis numa casa.

Estes artigos estão, na sua maioria, catalogados de «artigos de luxo». Mas artigos «de luxo» porquê? — perguntamos.

Será que se pretende o regresso das mulheres «ao tanque»? Corpos curvados durante horas e horas, montes de roupa suja ao lado que parece não ter fim e, no Inverno, a água gelada que corta as mãos!

. Será que o fogão a gás é perfeitamente dispensável numa cozinha e que teremos de recorrer ao carvão?

E isto que se parece querer fazer, se pensarmos nos preços dos electrodomésticos.

Uma máquina de lavar a roupa custa já quase 23 mil escudos. E vão aumentar brevemente. São os tais «artigos de luxo». Pagam taxas e mais taxas; sobretaxas e mais sobretaxas. E como é preciso restringir a importação, nada mais «inteligente» do que começar pelos electrodomésticos.

A menos que se pense que estes objectos apenas servem a burguesia e que esta pode pagar preços elevados e, então, estamos conversados. SÃO AS MULHERES TRABALHADORAS QUE MAIS PRECISAM DE UM BOM EQUIPAMENTO DOMÉSTICO — nunca é demais repetir. E estas não têm salários que possam súportar esses preços.

Os comerciantes do ramo de electrodomésticos apresentaram, agora, um protesto, contra as recentes medidas do Governo. Vão aparecer mais taxas sobre a importação. Fala-se em 60 por cento. Além disso, têm de deixar depositado permanentemente no Banco, metade do valor da importação. Por exemplo: se um comerciante importar cem mil contos de electrodomésticos, tem de ter no Banco «à ordem», 50 mil contos.

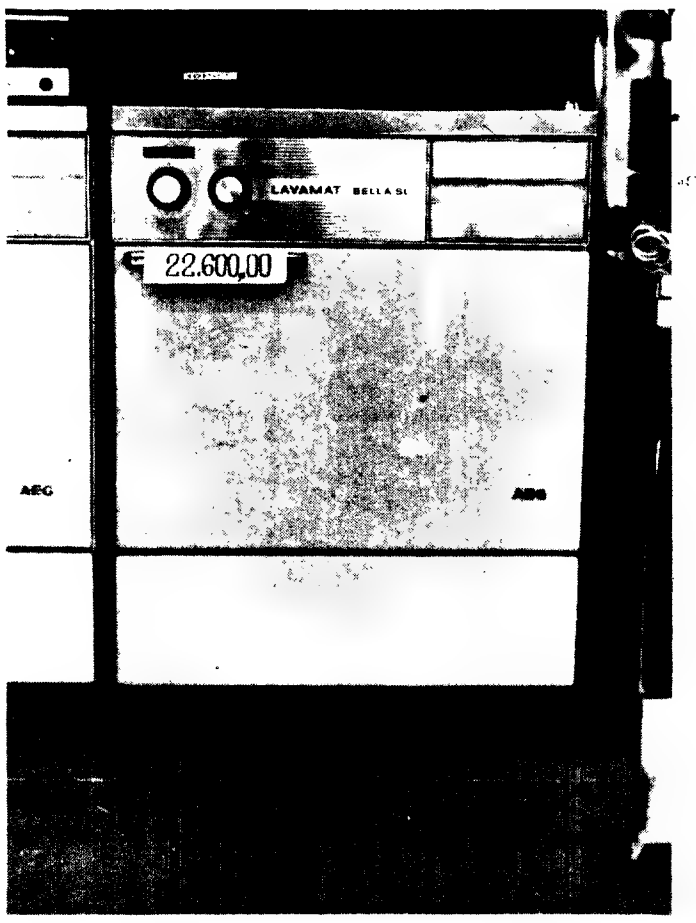
Como a maioria das casas não tem fundo de maneio ou estão falidas, das duas uma: ou não importam ou a legislação tem de ser alterada.

Não estamos a fazer a defesa dos comerciantes. Mas já sabemos de antemão o que vai acontecer: o consumidor irá pagar, por exemplo, por uma máquina de lavar, mais de 30 contos. E isso que nós contestamos!

QUAL CRÉDITO QUAL QUÊ!

Portanto, para as mulheres, a situação é esta: os artigos vão aumentar, as facilidades de pagamento diminuíram e, ainda por cima, já há e poderá acentuar-se a escassez no mercado. A produção nacional é diminuta.

Mas nem só as máquinas de lavar a roupa são consideradas objectos de «luxo». Uma panela, uma frigideira eléctrica custam mais de 2500 escudos e têm de ser pagas a pronto. «Objectos de luxo» também?



Uma máquina de lavar a roupa custa o que está marcado. Sem comentários

Os frigoríficos, como a fotografia documenta, estão na ordem dos 13 a 14 contos; igual preço para os fogões a gás. Quem pode lá chegar?

. Também as facilidades de pagamento foram drasticamente reduzidas. Dantes, com enormes sacrifícios, ao fim do mês, lá iam pagando as prestações. Agora, para a maioria dos artigos tem de se «entrar» com 50 por cento e o resto em prestações até 12 meses.

Uma máquina de lavar a loiça custa à volta de 25 contos. Para este objecto terá de pagar logo de entrada 50 por cento e o resto em seis prestações.

Olhando para os salários, nem é preciso tirar conclusões. O que se tira é a esperança de alguma vez poder comprar uma máquina de lavar a loiça.

Que se considerem «artigos de luxo» os aparelhos de alta fidelidade, concordamos absolutamente; que carros de 300 ou 400 contos sejam «artigos de luxo» aceitamos, até porque os trabalhadores nunca os poderiam comprar. Agora, que se paguem taxas e mais taxas por uma máquina de lavar, é que achamos um exagero.

Esperamos que estas medidas sejam alteradas. O ex-ministro das Finanças dr. Salgado Zenha, sabia do aumento de custo de vida pela mulher. Nós esperamos que a esposa do ministro responsável por estas decisões se lembre de comprar algum destes artigos. E que se queixe. Nós estamos aqui a fazê-lo.

PUB

AOS SÓCIOS DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS, DIA 16 DE NOVEMBRO, PELAS 21 HORAS NO SALÃO NOBRE DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

«DELIBERAÇÃO SOBRE AS POSIÇÕES A TOMAR PELA CLASSE, FACE AO COMPORTAMENTO DOS CORPOS GERENTES (REALIZAÇÃO DO REFERENDO)».

1 — No passado dia 2 de Novembro foi feito um requerimento, assinado por mais de 300 sócios, solicitando a convocação de uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 16 de Novembro de 1976;

2 — O Presidente da Mesa convocou, no acto de recepção do requerimento, os mandatários dos sócios requerentes para o dia 3, às 19 horas, a fim de proceder à análise conjunta do requerimento;

3 — A esta reunião não compareceu o Presidente da Mesa da Assembleia, fazendo-se substituir por um dos secretários e dois membros do Conselho Fiscalizador (!);

4 — Foi comunicado aos mandatários que a Assembleia requerida não teria lugar, a não ser que o resultado do referendo fosse desfavorável à posição da Direcção;

5 — Em virtude de tão escandaloso atentado à democracia e aos estatutos, os sócios requerentes convocam, em substituição da Assembleia Geral referida, uma Reunião Geral de Sócios com a Ordem de Trabalhos acima indicada;

6 — A identificação dos sócios será feita pelo cartão de sócio ou bilhete postal - convocatória do referendo do dia 18 de Novembro. Os sócios que ainda não tenham recebido o postal-convocatória, devem dirigir-se ao Sindicato, a fim de regularizarem a anomalia e poderem assinar a folha de presenças;

7 — Os requerentes, certos de que os sócios do Sindicato terão (como sempre tiveram desde que se respeite a vontade democrática) um comportamento digno, convidam os Sindicatos de Lisboa a fazerem-se representar, através de um elemento devidamente credenciado.

Lisboa, 10 de Novembro de 1976

Os mandatários dos subscritores

PUBLICIDADE

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão Extraordinária

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o Art.° 25.° dos Estatutos, convoca-se a continuação da Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas iniciada em 8 do corrente — em Sessão Extraordinária — para o dia 16 de Novembro, às 20 horas e 30 minutos, no Pavilhão dos Desportos.

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — *Admissões de Pessoal para a Banca*

Lisboa, 11 de Novembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Alberto Martinho Gonçalves

NOTA: Para ingresso na sala da Assembleia Geral é obrigatório a apresentação do cartão de sócio efectivo do Sindicato ou, desde que exiba outro documento identificativo, credencial passada pelo Sindicato; Não serão atendidos casos de abonação por outros sócios.
— Todos os sócios devem preencher e assinar a folha de presenças à entrada.

[illegible] passo crucial nas tentativas para levar a paz ao Líbano e que foi adiado por vários dias.

Os sírios actuam nos termos de um mandato da Liga Árabe e sob o comando pessoal do presidente Elias Sarkis do Líbano, que preparou o caminho para a entrada das tropas na cidade, ao efectuar cuidadosas negociações com as diversas facções em luta.

Os sírios tiveram uma recepção jubilosa no subúrbio muçulmano, controlado pelos progressistas, onde um dos seus tanques subiu e desceu a rua principal, com um oficial das forças de Damasco e um dirigente local no cimo do blindado, com os braços erguidos.

Cristãos nas áreas controladas pelos direitistas, a Leste de Beirute, observaram com muito maior calma a chegada [illegible]

Contudo [illegible] a força de manutenção [illegible] começou a avançar vindas dos subúrbios, tudo se achava calmo.

Cimeiras árabes na Arábia Saudita e no Egipto, no mês passado, elaboraram um plano de paz que inclui a presença de uma força de manutenção de paz de 30.000 homens.

Até agora, os sírios são o único elemento importante dessa força, embora vários camiões cheios de sudaneses, que pertencem ao contingente mais pequeno de observadores da Liga Árabe, que se encontra em Beirute desde Junho, começassem a entrar na cidade, vindos do seu acampamento no aeroporto.

Os sírios cercaram com uma grande força de tanques e artilharia os subúrbios de Beirute, na quarta-feira passada.

As forças que entraram hoje [illegible] em poder de [illegible] até ao aeroporto, no lado progressista da linha de confrontação.

Quando os sírios entravam na capital, desapareceram milicianos armados de ambas as facções. A maioria deles escondeu as armas e mudou para trajos civis.

Contudo, no velho centro comercial da cidade, que oferece um espectáculo de desolação e de ruínas, combatentes da «Frente de Rejeição», apoiada pelos iraquianos, andavam ainda armados e envergando uniformes de caqui.

Contudo, a despeito de rajadas esporádicas de metralhadora e da explosão de granadas, a atmosfera era de [illegible]

Brejnev inicia visita oficial à Jugoslávia

MOSCOVO, 15 (F.P. e R.) _ O secretário-geral do Partido Comunista da URSS, Leonid Brejnev, partiu esta manhã para Belgrado, aonde se desloca numa visita oficial à Jugoslávia.

Brejnev é acompanhado de uma importante delegação do P.C. soviético. Além de Andrei Gromiko, ministro dos Negócios Estrangeiros e membro do Politburo, a delegação inclui Constantin Katuchev, secretário do Comité Central, Constantin Russakov e Andrei Alexandrov, conselheiros de Brejnev, Nicolau Radionov, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e o director da agência oficial TASS, Leonid Zamiatine.

Esta visita é «uma importante contribuição ao desenvolvimento e ao enriquecimento da amizade e da cooperação entre a URSS e a Jugoslávia, à causa do desanuviamento internacional e da paz», escreve o «Pravda».

O órgão do PC soviético [illegible] também [illegible] desta visita, que «as conversações a alto nível [illegible] um instrumento eficaz universalmente reconhecido da política internacional».

Por sua vez o jornal semioficial jugoslavo «Borba» diz, num editorial assinalando a visita de Brejnev, que o desenvolvimento das relações soviético-jugoslavas se baseiam nos princípios da independência, soberania, integridade, [illegible] dade, não-interferência nos assuntos internos, respeito [illegible] diversas vias rumo ao socialismo, adoptadas por cada país, e pelas posições internacionais assumidas por Belgrado e Moscovo.

Fim à segregação na Igreja de Carter

PLAINS (GEOAGIA), 15 (F.P.) _ A Igreja Baptista do presidente eleito Jimmy Carter, em Plains, votou ontem a favor da admissão de todos os fiéis que o desejem, sem ter em conta a sua raça.

O caso da segregação praticada na Igreja de Carter teve grande repercussão na véspera das eleições presidenciais de 2 do corrente.

O pastor negro, Clennon King, de 60 anos, teve nesse dia o acesso à Igreja impedido, nos termos de um regulamento interno, que proibia a presença dos negros e dos militantes integracionistas.

A partir de então o pastor King voltou à carga todos os Domingos, lembrando que Jimmy Carter se tinha oposto ao regulamento discriminatório quando este foi adoptado em 1965.

França: ganhos da esquerda e vitória de Chirac

PARIS, 15 (R.) _ O antigo primeiro-ministro Jacques Chirac, que se demitiu após uma azeda disputa política com o presidente Valery Giscard D'Estaing, obteve hoje uma vitória impressionante numa eleição secundária para o Parlamento, logo ao primeiro escrutínio.

Contudo, quatro colegas do seu antigo governo não o conseguiram na série importante de eleições secundárias que registaram novos avanços dos socialistas, da oposição.

As sete consultas às urnas, em círculos desde a Margem Esquerda do Senado até Beaujolais, a região vinhateira, poderiam constituir uma indicação significativa dos resultados das eleições gerais, dentro de 16 meses.

Chirac, de 43 anos, ganhou no seu círculo eleitoral rural de Correze, arrebatando mais de 53 por cento dos sufrágios, ou seja, mais dois por cento do que na votação de 1973.

Nas outras eleições secundárias, os socialistas ganharam um lugar, o Governo manteve outro, e nenhum vencedor nítido surgiu nas restantes quatro, todas disputadas por ex-ministros, que serão decididas num segundo escrutínio, no próximo domingo.

Conhecendo-se já quase todos os resultados, parecia que os socialistas ganharam votos, tanto a candidatos governamentais como aos comunistas, seus aliados numa aliança eleitoral.

Dois dos quatro ministros obrigados a segundo escrutínio parecem correr sério perigo de perderem os lugares a favor da oposição.

O antigo subsecretário dos Negócios Estrangeiros, Bernard Destremau, membro do Partido Republicano Independente do presidente Giscard D'Estaing, ficou em segundo lugar, a seguir ao candidato comunista, em Versailles. Outro republicano independente, o ex-ministro do Turismo, Gerard Ducray, acha-se em dificuldade no Departamento do Rodano.

Um total de seis ex-ministros, incluindo Chirac, tenta recuperar os lugares no Parlamento que, por lei, tiveram, de abandonar quando entraram para o Governo de Chirac. Seguidamente todos perderam os seus cargos.

Apenas Chirac e o seu correligionário gaulista Jean Tiberi, em Paris, ganharam logo ao primeiro escrutínio.

A sétima eleição, ganha pelos socialistas, teve que efectuar-se, devido ao falecimento do deputado da maioria governamental que ocupava o lugar.

As consultas às urnas abrangeram uma vasta área de círculos eleitorais franceses. Um total de 400.000 eleitores tinha direito a voto, mas a afluência às urnas foi relativamente diminuta em todas as zonas, excepto em Correze e no Haute Loire.

Chirac ficou entusiasmado, após a sua impressionante vitória de que precisava desesperadamente para animar a cruzada para renovação da imagem do ainda influente, mas um tanto ultrapassado partido gaullista, em que está empenhado.

Registou-se diminuição da votação a favor dos comunistas e um aumento correspondente na dos socialistas no seu círculo eleitoral. Chirac não interpretou o facto como um sintoma importante de viragem política local ou nacional.

O porta-voz do Partido Socialista Claude Estiver, declarou que o êxito da oposição da esquerda ficará demonstrado pelo facto de que apenas dois de seis antigos ministros tinham conseguido recuperar o que eram considerados como lugares seguros do Governo.

Eleições no Brasil são plebiscito para Geisel

BRASILIA, 15 (F.P.) As eleições municipais brasileiras, que devem permitir hoje, segunda-feira, a 43 milhões de eleitores, renovar as direcções de 3950 municipalidades do país, apresentam-se, na opinião dos observadores, como um verdadeiro plebiscito para o presidente Geisel.

O chefe de Estado empenhou, com efeito, todo o seu prestígio nestas eleições que opõem o partido governamental, *Arena*, ao único partido legal da oposição: o Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.).

Para Geisel, que iniciou há dois anos um lento e difícil processo de normalização política, as eleições municipais devem também servir para reforçar os dois partidos a fim de permitir «a marcha gradual da democracia brasileira» e provar assim ao mundo que o Brasil «não é tão subdesenvolvido como isso».

De facto, o ARENA, segundo a opinião unânime dos observadores, está seguro de ganhar estas eleições. O partido governamental dispõe realmente de 29 000 dos 35 000 lugares municipais e conta, além disso, com 3350 câmaras municipais contra apenas 436 para o M.D.B.

Além do mais, a oposição democrática não apresenta nenhum candidato em cerca de 1400 municípios, o que dá logo ao ARENA cerca de 14 000 lugares.

Pelo contrário, é nos grandes centros urbanos, onde está fortemente implantado, que o M. D. B. deverá retirar votos ao partido governamental. A inflação galopante que ultrapassara os 45 por cento este ano e que causa um mal-estar crescente nas camadas laboriosas da população, fornece, segundo os observadores, um triunfo substancial aos representantes da oposição.

A inflação já fora considerada como a principal causa do avanço da oposição democrática nas eleições brasileiras de 1974. O ARENA, embora conservando a maioria absoluta tanto na Câmara (240 lugares do ARENA contra 160 do M. D. B.), como no Senado (46 contra 20), perdera então 80 lugares em benefício do Movimento Democrático Brasileiro.

Senadores recomendam revisão estratégica da N.A.T.O.

WASHINGTON, 15 (F. P.) Regressada de uma viagem de estudo na Europa Ocidental, uma missão senatorial americana recomenda, em relatório ontem publicado, uma profunda revisão de estratégia da NATO, a fim de que a Aliança Atlântica possa responder mais rapidamente, em caso de ataque soviético à Europa.

Os senadores preconizam nomeadamente o desenvolvimento das forças convencionais da NATO e a aproximação de unidades de combate e munições para junto das fronteiras soviéticas.

Segundo os senadores da Comissão a estratégia actual da NATO pressupõe a possibilidade de os serviços de espionagem detectaram a preparação de um ataque soviético três semanas antes de este ser desencadeado. A actual estratégia pressupõe igualmente que as forças europeias sejam capazes de aguentar esse ataque cerca de 60 dias, até que cheguem reforços suficientes dos Estados Unidos.

Os autores do relatório afirmam ainda que «a fraqueza da NATO poderia incitar a União Soviética e os Aliados do Pacto de Varsóvia a lançar uma invasão da Europa Ocidental com o auxílio de armas convencionais, de modo a alterar em escassas horas o equilíbrio mundial, antes de serem utilizadas as armas nucleares».

Assim, segundo os senadores da Comissão, deveriam levar-se a efeito esforços nos dois lados do Atlântico, no sentido de desenvolver a potência de fogo convencional da NATO, deslocar as forças para Leste e procurar a estandardização das armas e outros equipamentos.

ASSEMBLEIA DA NATO

WILLIAMSBURGO (VIRGINIA), 15 (FP) Cerca de 200 parlamentares em representação dos quinze países da Aliança Atlântica participarão de 14 a 19 do corrente em Williamsburgo na 22, a reunião anual da Assembleia da NATO.

Joseph Luns, secretário-geral da Organização Atlântica, usará da palavra na sessão de hoje, estando prevista no dia seguinte uma intervenção de Henry Kissinger. Será esse o primeiro discurso do secretário de Estado americano desde a derrota eleitoral do presidente Gerald Ford. Na lista dos oradores previstos figuram o vice-presidente Nelson Rockefeller e o secretário adjunto da Defesa, Robert Ellsworth.

Os trabalhos das diversas comissões económica, polílitica, militar, científica, educativa e cultural _ prosseguem hoje e amanhã, sendo as respectivas recomendações debatidas em sessão plenária nos três dias seguintes.

ADOQUE
A GRANDE CÉGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!
Hoje, às 20.30 e 22.30 h.
Domingos e feriados «Matinée» às 16 h.
Quarta-feira: Descanso da Companhia
5.° MÊS!
ÚLTIMAS!

Espectáculos

CASCAIS JAZZ-76

Faddis e Adams: os grandes do Festival

O trompete de Jon Faddis ataca as primeiras notas de «Sumertime». Antes já se exercitara em temas vários e aplaudidos. Eram, na altura, as 18 e 30 de ontem. Os cerca de cinco mil espectadores que quase enchiam o Pavilhão dos Desportos de Cascais entraram em polvorosa ratificando, com aplausos sobre aplausos, a actuação do jovem trompetista e do quinteto em que se integrava. O piano de John Hicks aguentou, depois, o tema dando-lhe suporte e fôlego até entrar em acção o sax-tenor de George Adams. Foi, então, o grande momento do «Cascais Jazz-76».

Embora pela via mais fácil — interpretação de músicas conhecidas da generalidade do público — os dois jovens afirmavam-se como as principais figuras do Sexto Festival de Cascais, já não dizemos em valor artístico absoluto, pois essas escolhas pertencem aos críticos da especialidade, mas em impacto no público em volume de aplausos, maciços e prolongados. Liberto das amarras de Gil Evans, realmente senhor de uma orquestra que é uma máquina de «jazz», mas onde não há lugar ao mínimo improviso, o trompete e sax de Faddis e Adams brilharam na noite, jovens a caminho da notoriedade no superpovoado universo da música negra.

A seu lado, apenas se poderá colocar, Muddy Waters, um veterano famoso dos «blues» que encerrou o 6.º Festival de Jazz ao ritmo das palmas da arquibancada e dos esboços de dança na plateia. Com eles, terminava em beleza, e bem vivo, o Festival. Também com Betty Carter, que cantara na véspera, com o «sax» de Sonny Rollins e do português Rão Kyao.

Talvez que a ausência das constelações de estrelas de edições anteriores — os Miles Davis, Ornette Coleman, Ponty, Duke Ellington, Kirk, B. B. King, Gillespie e outros — leve algumas pessoas a pensar que o Festival entrou em declínio e a sexta edição não mereceu as anteriores. Mas o público que acorreu a Cascais, sábado e domingo, afirmou o contrário pelo seu número e entusiasmo: o Cascais Jazz é para continuar.

DESTA VEZ, VILAS ADMITE CONTINUAR

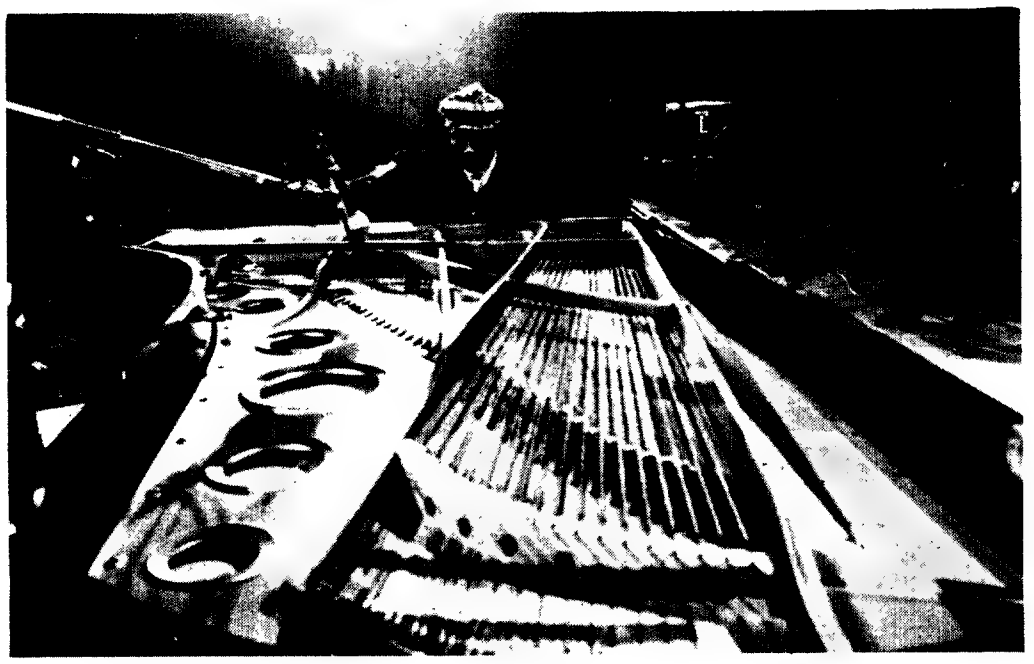
«A guerra acabou e ainda não estamos nas tréguas» declarava-nos Luis Vilas-Boas, organizador do Festival, ao concluirem-se as três jornadas de música em Cascais. «Ao contrário do que costumava dizer ao fim das anteriores edições, desta não digo que nunca mais. Teria pena de ficar por aqui. As condições de organização do Festival é que têm que ser completamente revistas para podermos continuar com a mesma qualidade artística. Há questões fundamentais a resolver desde a localização — Cascais pode deixar de servir — como a garantia a tempo e horas de que interessa ao País um festival como este. Se a Direcção-Geral do Turismo e da Acção Cultural acharem que vale a pena fazer um festival nestes moldes, com músicos de primeiro plano, então sim proponho-me continuar. De outra forma não.»

Soubémos em Cascais que o Festival deste ano deve ter orçado pelos 1500 contos. A presença do público foi animadora para o futuro, se bem que a sessão de sexta-feira se aproximasse do fiasco. Aliás, o próprio Vilas-Boas nos garantiu que a haver festival na próxima edição não se realizará a sessão das sextas-feiras.

Propriamente sobre o saldo artístico deste Festival, continuou Luis Vilas-Boas:

«A qualidade nem sempre é sinónimo dos nomes soantes e publicitados. Por exemplo: a cantora Betty Carter, que ninguém conhecia, é uma das primeiras na América. Julgo que o Festival agradou até aos críticos. Nós é que não queremos fazer um Festival sectário, só de uma corrente ou de uma faceta do «jazz». A música desdobra-se em muitas facetas e em cada festival procuramos dar amostras das facetas principais do «jazz», do «free» ao «swing», dos «blues» ao «rock». Julgo ser também importante não menosprezar o público e duvidar da sua sensibilidade. Desta vez viu-se que foram tão aplaudidos o trompete de Jon Faddis como a voz e a guitarra de Muddy Waters.

Muddy Waters durante a sua actuação de ontem à noite



Pinetop Perkins, pianista do grupo de Muddy Waters

Morreu Jean Gabin

PARIS, 15 (R, FP e «D.L.») — O famoso actor cinematográfico francês Jean Gabin, faleceu esta manhã no hospital americano de Neuilly, arredores de Paris. Tinha 72 anos.

Participando em mais de cem películas a partir de 1930 (com o seu primeiro filme «Chacun sa Chance») Jean Gabin foi sem dúvida dos maiores intérpretes do cinema francês. A sua película mais célebre foi, talvez, «Quai des Brumes», produzida em 1938.

Gabin, cujo verdadeiro nome era Jean Alexis Moncorge, viveu mais de cinquenta anos nos palcos do music-hall, do teatro e em telas do cinema.

Os dois maiores: Faddis (trompete) e Adams (sax-tenor)

TEATRO ABC
Telef. 36 67 45
SÉRGIO AZEVEDO
apresenta
Todos os dias 2 sessões
Às 20.30 e 22.45
Domingos e feriados
«Matinée» às 16 horas
(4.ª f. desc. da comp.)
A GRANDE E SENSACIONAL REVISTA DO MOMENTO!
EM 2.º MÊS ÊXITO!
«CADA COR SEU PALADAR»
UM ELENCO ULTRA POPULAR
com HERMÍNIA SILVA
NICOLAU BREYNER
RIBEIRINHO ★ VÍTOR MENDES ★ LURDES LIMA
VITOR MENDES
no Nicolaev
BALLET STAR DANCER'S
N/acons. a m. 18 anos

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
teatro da Cornucópia
Tambores na Noite
de Bertolt Brecht
A PARTIR DE AMANHÃ
todas as noites às 21.45, domingos às 18
Alta Austria
de Franz-Xaver Kroetz
NO INSTITUTO ALEMÃO
Campo dos Mártires da Pátria, 36/37
HOJE AS 21.30
dias 16, 18, 19 e 20 às 18.30

MODERNISMO E ARTE NEGRO-AFRICANA NO MUSEU DE ETNOLOGIA
Exposição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, Museu de Etnologia, Fundação Calouste Gulbenkian com a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros.
ABERTO DIARIAMENTE DAS 16 ÀS 21 HORAS
AO SÁBADO ENCERRA ÀS 24 HORAS
FECHA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS
AV. ILHA DA MADEIRA — RESTELO

INSTALADO NA
ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES
JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO)
CIRCO MARIANO
(O VOSSO CIRCO) EMP. HENRY TONY
A GRANDE ALEGRIA DAS CRIANÇAS E ADULTOS COM A SUA NOVA COMPANHIA
PREÇOS ESPECIAIS PARA ESCOLAS, COLÉGIOS E ORGANIZAÇÕES DE FESTAS
CONTACTAR: HENRY TONY NO CIRCO OU ATRAVÉS DO TELEF. 291 10 62

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 15 de Novembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e os donos dos volumes de que podem ainda retirá-los até ao dia 12 de Novembro, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito devem ser pagos aos Caminhos-de-Ferro os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Edifício da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nalgumas estações encontram-se afixados Avisos correspondentes ao referido leilão.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Dois jovens autores centenários

««ISTÓRIAS DE FIDALGOTES E ALCOVITEIRAS, PASTORES E JUDEUS, MAREANTES E OUTROS TRATANTES SEM ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES...» — textos de Gil Vicente e Ângelo Beolco (Ruzante). Colagem, Dramaturgia e Encenação: Hélder Costa. Assistentes de Encenação: Maria do Céu Guerra e António Anjos. Cenografia: Nuno Carinhas. Guarda-Roupa: Myriam Rativau. Colaboração Musical: Luís Pedro. Luz e Som: Carlos Galeiro. Intérpretes: Adelaide João, Manuel Marcelino, Aníbal Rodrigues, Fernanda Lapa, José Manuel Osório, Maria do Céu Guerra, António Anjos, Alexandre Melo; Grupo de Acção Teatral «A Barraca». Teatro do Atlético de Campolide. 10/1976.

Aqui está um espectáculo modesto, simples, despretensioso que, a nosso ver, constitui exemplo de um teatro que interessa ao público português: a leitura desinibida, sem complexos respeitaveis e respeitadores de clássicos capazes de falar ainda aos espectacores de hoje. Hélder Costa e a equipa de A Barraca conseguiram fazer o que não é vulgar: uma colagem sem hiatos e em que os diversos discursos surgem com uma mesma marca cénica. Foi necessário para isso cortar, reunir textos diversos, criar passagens entre as várias cenas, inventar, de forma a que o espectáculo tivesse a coesão, a unidade, a fluência que o caracterizam. Se a isso acrescentarmos a carga crítica que o espectáculo contém, e a alegria comunicativa que o atravessa, entender-se-á, por que dissemos ser este, a nosso ver, um espectáculo modelar.

Um outro aspecto, no entanto, interessa assinalar porque sem ele essa exemplaridade não poderia deixar de falhar: referimo-nos ao nível atingido pelos intérpretes que conseguiram fazer qualquer coisa que não é comum nem banal — tornar vivos textos clássicos que são normalmente pretexto para rituais maçadores que têm pouco a ver com um teatro vivo.

Num espaço definido por medas de palha e por panos de serapilheira que vão servir de pretexto para brincadeiras dos actures nas mudanças de cenas, os intérpretes marcam desde o início um ritmo **allegro** que se manterá até ao final, de acordo com as necessidades da acção. O espectáculo inicia-se com uma cena de amores desencontrados que um frade resolve a contendo de todos, de acordo com a divisa de que a boa vida, a boa comida, o bom vinho e o conforto são indispensáveis para bem amar a Deus. Desta cena campestre (feita com excertos do «Auto Pastoril Português» e da «Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela»), passa-se a uma cena de transição com o «Juíz da Beira», cena que permite a Adelaide João (Ana Dias) e José Manuel Osório (Escudeiro), dois belos trabalhos, e em especial no caso de Adelaide João que consegue uma notavel riqueza de registos mantendo uma sobriedade de processos que não deixa de ser igualmente notável. A cena baseada no «Auto da Índia» é um modelo de dramaturgia através do levantamento crítico, num tempo muito curto, das versões históricas dos Descobrimentos. Para se entender, no entanto, essa crítica, naturalmente caricatural no bom sentido, é preciso ter em conta que a chamada epopeia dos Descobrimentos é vista não através dos seus valores positivos mas dos seus bastidores, da engrenagem sinistra que os accionou, das personagens subalternas que, como muitas das mais importantes, se limitaram a tentar colher (leia-se: roubar) o mais possível. Por isso, o comportamento da mulher do **herói** (que aproveita a ausência do marido para abrir a cama aos seus amores) sintoniza-se com o comportamento do marido para quem a «aventura marítima» é pretexto para as consabidas roubalheiras.

De salientar, neste cena, um símbolo cuja força significante é evidente: a vela com uma cruz de Cristo surge simultaneamente como cabeceira de uma cama e lápide de um túmulo uma e outra servindo para sinalizar níveis diversos da aventura das Descobertas.

De realçar ainda, nesta cena em que Fernanda Lapa tem um bom trabalho, a forma como é feita a distribuição dos «dividendos» que chega até aos criados que são naturalmente os que recebem menos. Aliás, a marcação cénica da servidão dos criados é muito bem dada culminando no final quando o criado diz agarrando a mísera moeda: «Vida de cão tenho».

Um ponto comum entre «Auto da Índia» e a «Fada de Ruzante» que preenche a segunda parte: o comportamento das respectivas mulheres que se recusam a deixar-se embalar pela balada amoruda, porque a vida tem exigências materiais que não pode iludir-se.

A segunda parte começa, exactamente, com a repetição da frase do criado já citada. A passagem entre o nosso Gil Vicente e o italiano Ângelo Beolco (que foram contemporâneos) é dada por um artifício astucioso que pode ser discutido mas funciona sem problemas no respectivo contexto.

A transição é dada através da personagem de um soldado português que fazia parte da célebre Embaixada de D. Manuel ao Papa Leão X, a qual surge simbolizada por um engraçadíssimo elefante e por um pano pintado com as efígies das grandes personagens. O soldado encontra Ruzante que veio da guerra, e a «Fala» surge desse modo como um diálogo em que duas vítimas da guerra contam as suas mágoas. De salientar nesta cena o admirável trabalho de António Anjos em Ruzante (o actor precisa apenas de cuidar das entoações que tendem a monotonizar-se). Nesta cena, ainda, devemos sublinhar a forma extremamente fluida como guerras diversas (mas com causas e consequências semelhantes: a pilhagem) são envolvidas numa mesma denúncia factual, numa mesma crítica global. Hélder Costa, serviu-se de signos muito claros e de que não abusa: é o caso de Adelaide João que de repente muda uma canção para uma nota breve de um fado actual; é o caso da troca de piolhos entre Ruzante e Manuel; é o caso da orelha que este trás num frasco, recordação da guerra colonialista, que faz lembrar aquelas desgraças históricas recentes de que todos ouvimos falar.

Saudando o reaparecimento de Fernanda Lapa, que se integrou sem dificuldade neste tipo de teatro, não podemos deixar de chamar a atenção para o nível atingido pela equipa, e em especial por Adelaide João, António Anjos, Maria do Céu Guerra, José Manuel Osório, Manuel Marcelino.

O melhor elogio que poderemos fazer a este espectáculo consistirá em reconhecer-lhe a força comunicativa, o gozo, a alegria, o impacto crítico que definem a revista à portuguesa dos seus melhores momentos.

Sempre a Aprender

Você é jovem e todos os dias parecem trazer algo de novo. Você quer experimentar tudo o que é bom. É por isso que você experimenta os tampões Tampax desde a sua primeira menstruação

Eles dão-lhe a liberdade de fazer as coisas que você quer, todos os dias do mês. Você pode nadar, e até mesmo o mais reduzido bikini não revelará o seu segredo. Isto porque você usa tampões Tampax de uso interno. O que significa, também, que não há cheiros, ardor, irritação ou chumaços volumosos. Os tampões Tampax estão à venda em dois tipos de absorção. – regular e super – em embalagens normais de 10, ou em embalagens económicas de 40

Você pode estar no período e mesmo assim sentir-se confortável e segura. Isto é algo que vale a pena aprender

A protecção interna em que mais mulheres confiam

PEÇA UMA AMOSTRA A ANTONIO PACHECO AGOSTINHO, LDA R RODRIGUES SAMPAIO, 15 2 LISBOA

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

Em ALJUSTREL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE ALIANÇA

C. C. T. V. – GARAGENS

NÃO ÀS MANOBRAS DO PATRONATO!

Mais de três meses após o início das negociações, continuam por acordar todas as cláusulas salariais e está por fixar a retroactividade do Contrato Colectivo Trabalho Vertical. Perante as tentativas do patronato continuar a adiar a solução destes problemas de grande importância para todos os trabalhadores das garagens (dos mais explorados do proletariado português), os Sindicatos que fazem parte da Comissão Negociadora aprovaram um documento que entregaram aos representantes dos ministérios do Trabalho, da Indústria e do Comércio. É o seguinte esse documento:

A CNS,

Considerando que a ANAREC se recusa sistematicamente a negociar questões de ordem, directa ou indirectamente, pecuniária sem que obtenha da parte da Administração uma promessa de aumento das margens de comercialização,

Considerando que a CNS tem aceitado aguardar uma resposta da Administração às solicitações da Anarec — **independentemente de concordar ou não com tais solicitações** — desde que fique negociada a cláusula respeitante aos efeitos retroactivos da tabelas salarial,

Considerando que a última posição da ANAREC acerca desta questão — decorrente da reunião de 11 de Novembro deste ano — significa na prática que o patronato considera dependente essa questão do compromisso governamental de serem concedidos aos revendedores aumentos das margens de comercialização com efeitos retroactivos,

Considerando que a CNS entende ser a questão da retroactividade determinante do rumo destas negociações e julgando ser simplesmente dilatório este último argumento da ANAREC — até porque em nenhum sector se tem admitido que a retroactividade dos efeitos de ordem salarial seja suportado por agravamento, **com efeitos também retroactivos**, das margens de lucro do patronato,

Considerando que, a vencer tal posição do patronato, haveria que qualquer efeito retroactivo de tabelas salariais ser compensado com agravamentos **também retroactivos** da situação económico-financeira de utentes e de contribuintes e do erário público — e que a CNS recusa ser cúmplice de tal,

Considerando que os trabalhadores vêm esperando infrutiferamente desde 1 de Agosto de 1976 que a CNS lhes possa anunciar melhorias concretas efectivas da sua situação económica, entendendo os sindicatos que a fixação imediata da retroactividade da tabela salarial seria, neste campo, o mínimo exigível, mais de três meses após o início das negociações,

Resolve, solicitar à Administração, nomeadamente ao Ministério do Trabalho e aos Ministérios da Tutela, uma firme e clara atitude face a esta posição das entidades patronais,

Resolve também, nas assembleias de trabalhadores convocadas, informá-los do actual estado da revisão do CCT e dos entraves a essa revisão, convidando-os, como únicos interessados, a decidir da actuação a seguir.

SÓ AOS TRABALHADORES COMPETE DECIDIR!
CAMARADA, COMPARECE AOS PLENÁRIOS!

A COMISSÃO NEGOCIADORA

SINDICATO DAS GARAGENS DE LISBOA
SINDICATO DAS GARAGENS DO PORTO
SINDICATO DAS GARAGENS DE BRAGA
SINDICATO DAS GARAGENS DE AVEIRO
FEDERAÇÃO DOS ESCRITÓRIOS DO SUL E ILHAS

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

No cumprimento do parágrafo 1.º do Artigo 13.º dos Estatutos, convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no próximo **dia 25.11.76, pelas 21 horas,** no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Apreciar e deliberar sobre o Orçamento para 1977

NOTA: 1. Nos termos do Artigo 18.º dos Estatutos, a Assembleia terá início à hora marcada com a presença da maioria dos sócios ou 30 minutos depois com qualquer número.

2. A apresentação do cartão de sócio ou de qualquer documento identificativo é indispensável para a entrada no Pavilhão.

Lisboa, 11.11.76

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pacheco Gaspar

Televisão

Hoje

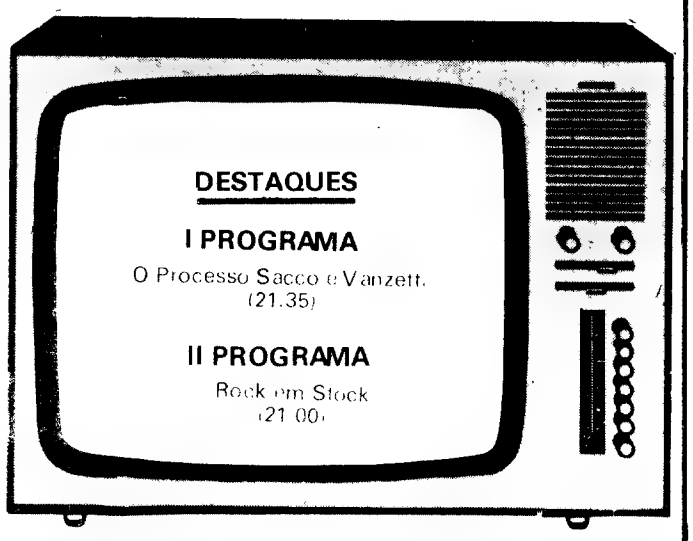
Abre-te Sésamo

I PROGRAMA

18.30 Abertura e **Janela Grande** Neste programa será tratado um tema muito actual «A máquina e o homem».
18.50 **Abre-te Sésamo** «A secretária desarrumada» com o Egas, o Becas e o Cocas, além de outros.
19.20 **Sonata Op. 10 de Beethoven** Pelo pianista V. Ashkanasy.
19.55 **Teledesporto**.
20.30 **Telejornal** 1.ª edição.
21.05 **O Sentido das Formas** O dr. Ferreira de Almeida fala-nos sobre o Mosteiro da Batalha.
21.35 **O Processo Sacco e Vanzetti** Autor Reginald Rose; Adaptador Herman Closson; Produtor R.T.B. (Radiotelevisão Belga); Realizador Paul Roland. Intérpretes: Richard Muller, Maurice Travail, José Jolet, André Gevrey, Georges Randax, Charles Tordsman, Eric Pradier, António Marenzo, etc..
22.55 **Telejornal**.
23.15 Fecho.

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.00 **Rock em Stock** João David Nunes e Jaime Fernandes comentam «Don't Look Back» (Eu sou Bob Dylan), o célebre filme-reportagem de Pennebaker, em que intervêm Joan Baez, Alan Price e Donovam. Producao de Nuno Martins.
22.35 **Encontro com a Alemanha** Documentário sobre as principais regiões germânicas, seu passado e presente, evocando palavras de Goethe.
23.20 Fecho



Amanha

I PROGRAMA

18.30. Abertura e Ratos e Ratolas-bonecos animados; **18.50**. Preco a palavra; **19.25**. Inglês a sorrir; **19.55** Telecinema Magazine de actualidades cinematográficas; **20.30**. Telejornal 1.ª Edição; **21.05**. Momento Político Programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social; **21.25**. O Detective Aristocrata; **22.15** Programa da Direcção de Informação; **23.15**. Telejornal 2.ª Edição; **23.30**. Fecho

II PROGRAMA

20.30. Abertura e Telejornal; **21.00**. Documentario Fogo no Ruhr; **21.50** A Última oportunidade do sr. Lever Lembrancas de Greene; **22.45** Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

AGORA QUE PODEMOS FALAR É QUE O GESTO É TUDO?

Tudo seria bom neste mundo se não fossem as palavras. Para fugir certamente à responsabilidade delas, é que nasceu o concurso «O Gesto e Tudo».

A rubrica tombou na monotonia e não há nada a fazer, o processo é totalmente comandado, não há possibilidade de uma bronca: as palavras vêm de cima, os participantes nada mais fazem do que traduzi-las em gestos. E de duas, uma: ou a frase é excessivamente fácil, e não dá espectáculo televisual, ou é excessivamente difícil e o telespectador, lançado na interpretação, sente-se frustrado e desarma.

A dificuldade aumenta com a impossibilidade prática de exprimir tempos ou modos verbais, artigos, preposições, etc. O mesmo acontece com certos adjectivos, certos plurais. Nenhum mimo do mundo, o melhor ele fosse, poderia representar por gestos frases como: *É leve o fardo no ombro alheio* ou *a sopa e os amores, os primeiros são os melhores* ou ainda *o macaco e lindo aos olhos da mãe*.

Os mimos exprimem, por gestos, sentimentos, emoções e não palavras. Só por mero acaso o concorrente poderia descobrir o *lindo, os amores, o leve o alheio*.

Tudo seria diferente se, no concurso, o mimo tivesse a liberdade de exprimir uma situação (que ele previamente definiria perante o juri) a ser traduzida, com maior ou menor aproximação, pelos outros concorrentes.

Mas isso daria *liberdade* de expressão e de escolha. E nós sabemos quanto a liberdade é perigosa...

Resultado: esta miséria de monotonia de um cão de que sou o rabo sujeito a trela. Possa matar o tempo.

Matar o tempo que estranha expressão na TV de um país onde todo o tempo é pouco para viver, para compreender...

O PICA-PAU DO TERROR

Na RTP prometeu-se mais consideração pela criança. Mais carinho, mais amor e outros sentimentos do estilo.

Estava eu ontem à espera do navio, quando me salta aos olhos aquele episódio do Pica-pau: assalto a um banco, bombas de dinamite, explosões, perseguições policiais, dentes arreganhados, os diabos propriamente ditos no inferno propriamente dito, com os caldeirões da sacristia tradicional, uma angústia, o medo, o pânico, enfim: as delícias da vida americana em *digest* para as criancinhas.

Pobres delas! Pobres das crianças ianques que, além de ver estas coisas na televisão, têm de as viver na realidade. Só que, na realidade, o «gangster» é outro. O pica-pau serve para fazer a ponte.

A PROPÓSITO

A propósito: será a esta angústia; a este gangsterismo de emoções; a esta realidade de manicómio; ao desemprego que atinge 10 milhões de trabalhadores; à perseguição, à marginalização, à prisão de homens e mulheres progressistas; a esta miséria a que estão condenados milhões de americanos será a isto a que no congresso da Juventude Socialista, segundo o Telejornal se chamou *a repressão soviética?*

INTRIGAS

O mais curioso é que o mecanismo do *citamos* nem sempre funciona nos meandros do Lumiar. Deve ser por causa da chuva, ou do reumatismo.

Não citou no caso apontado. Como não citou quando a respeito do congresso da Juventude Social-Democrata (que pena! tão novinhos e já naquela vida!) fizeram referências indignas a Ponomariov e à União Soviética.

Como sempre, de sorriso em riste, a imagem de Sá Carneiro, acre. Tino deveria ter o *Telejornal* quando organiza as suas reportagens e as suas palavras.

Se não, pode pensar-se que a RTP é, cada vez mais, sinceramente anticomunista. Seria lamentável. Estamos fartos de calúnias e de intrigas. Basta! Isso era em 24 de Abril de 1974.

A NOITE DO CARDIA

Não se esqueceu a dita reportagem de sublinhar um dado precioso: a alta consideração em que a Juventude carneirista tem a obra realizada pelo dr. Cardia.

Está a ver, doutor, está a ver que os méritos de cada qual acabam mais tarde ou mais certo por ser reconhecidos...

... á anos, se alguém lhe lesse esta sina na palma da mão, você não acreditaria. Dê cá a mão que lhe leio a sina completa. Por este andar, nem você imagina quem o vai aplaudir daqui a uns tempos. Ou se calhar até imagina...

CHÁ CANASTA?

O CDS não gosta da Reforma Agrária. Não morre de amores pelo artigo 97 da Constituição. Compreende-se. O contrário é que seria para admirar.

Vimos ontem o seu deputado na Assembleia da República investir contra a Reforma Agrária. E também assistimos a uma reportagem sobre a reunião da sua Comissão Nacional, em Braga.

Certamente que a *Televisão* se equivocou. As imagens davam a ideia de um chá-canasta, mas em masculino. Vejam lá isso. A menos que se use deste modo nas «oposições civilizadas».

(COM)PRESSÕES...

Preso em 1948, o criminoso nazi Kajler, foi posto em liberdade. Protestos populares em Roma. O **Telejornal** diz-nos que a libertação, ordenada pelas autoridades, se deve a pressões do Governo da Alemanha Federal, onde as actividades nazis têm aumentado consideravelmente.

O Governo da Alemanha Federal, portanto, consegue que seja posto em liberdade um criminoso nazi daquele tamanho calibre. Qualquer cidadão pode imaginar do que não serão capazes essas e outras pressões.

Em absoluto respeito pela «independência nacional», está claro...

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Novembro de 1976, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do Restaurante e cantina da estação de Entroncamento.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 80 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 13 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Entroncamento
- Santarém
- Abrantes
- Torre das Vargens
- Serviço Comercial da Região Norte
  PORTO (SÃO BENTO)
- Serviço Comercial da Região Centro
  LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
- Serviço Comercial da Região Sul
  BARREIRO
- Serviço Comercial de Passageiros
  Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
  LISBOA - 2

Às propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do Restaurante e Cantina da estação de Entroncamento»

Lisboa, 26 de Outubro de 1976.

★ NOVA! ★ NOVA! ★
FABULOSA COMPANHIA!

2ª Olimpíada de Circo
TODAS AS NOITES, às 21.45
Sábados «matinée» às 16 horas
Domingos 2 «matinées»: 14.30 h. e 17.15 horas
OS CANDIDATOS AO OSCAR 1976
120-ARTISTAS EM PISTA-120
O Italiano Monti em Moto Rolante !
A Polaca Kasklina no Mastro do Diabo !
STONYS — Triplo salto mortal !
PERCHIS — Atracção ginástica !
ALCARAS — Tapete voador !
METALIS—Grandes em Malabares !
OLIMPICS—Arte Natural Circense !
JATARINO — Ilusionista ladrão !
40 - ANIMAIS - 40
2 — PARELHAS DE PALHAÇOS — 2
★ STEEL ★
O Acrobata fabuloso ! Salto mortal de 30 metros ! Da cúpula do Coliseu para a pista. Inacreditável ! Só vendo !

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

Desporto

Ora agora jogas tu, ora jogas tu mais eu

Desta vez por causa do Portugal-Dinamarca, doutras vezes por razões nem sempre oportunas, o Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão foi mais uma vez interrompido, disputando-se, entretanto, a 9.ª jornada dos «nacionais» das 2.ª e 3.ª Divisões.

A propósito do próximo encontro internacional da equipa portuguesa, chega hoje a Lisboa a equipa da Dinamarca que, segundo afirmam os especialistas, será a mais forte de sempre, apesar da ausência de Monten Olsen e de Benny Nielsen, que têm de regressar ao seu clube, o Racing White da Bélgica.

Sabe-se, entretanto que, dos 16 jogadores que compõem a selecção, fazem parte 14 profissionais e dois amadores.

Quanto à equipa portuguesa, Chalana, como se sabe, foi convocado e Pedroto, marcou para hoje o último treino (de conjunto). Quarta-feira tiraremos conclusões.

Voltemos ao futebol do último fim-de-semana.

Desta vez, foram a 2.ª e 3.ª Divisões que jogaram, mas como a Taça de Portugal se disputa paralelamente aos nacionais, já tem acontecido o contrário: jogam os primodivisionários e interrompem-se os outros campeonatos.

Para provas que se pretendem de regularidade...

Treino da selecção: José Mendes «afasta» sob a vigilância de Toni

II DIVISÃO

Resultados verificados:

Zona Norte: Penafiel-Famalicão, 1-0; Salgueiros-Gil Vicente, 0-3; Espinho-U. de Lamas, 1-2; Paços de Ferreira-Régua, 6-0; Vila Real-Vilanovense, 0-0; Fafe-Chaves, 0-0; Riopele-Tirsense, 1-0; Lourosa-Paredes, 1-0:

Zona Centro: Marinhense-Alva, 1-0; Portalegrense-Sanjoanense, 1-0; Torriense-União de Tomar, 2-1; Caldas-União de Coimbra, 2-0; Ac. Viseu-Peniche, 2-4; Feirense-União de Santarém, 3-2; Sp. Covilhã-Estrela, 0-0; Torres Novas-União de Leiria, 0-0.

Zona Sul: Barreirense-Odivelas, 1-0; Lusitano-Olhanense, 1-0; Sesimbra-Sintrense, 1-0; Alcochetense-Almada, 1-1; U. Montemor-Marítimo, 0-1; Farense-Vasco da Gama, 1-2; Oriental-Juventude, 2-0; Esperança-CUF, 0-1.

Os primeiros classificados: Na Zona Norte o Fafe ocupa o primeiro lugar com um ponto (apenas) mais que três equipas(Riopele, Paços de Ferreira e Lourosa). Na Zona Centro o Feirense comanda, com uma certa tranquilidade, (mais 4 pontos que o Peniche, União de Coimbra e Portalegrense). No Sul, o comandante é das ilhas. O Marítimo está um ponto à frente do Vasco da Gama.

III DIVISÃO:

Os primeiros classificados: Monção e D. Aves (14 pontos) na ZonaA; Infesta e Lordelo (14 pontos) na Zona B; Mangualde (15 p.) na Zona C; Marrazes e Alcobaça (13 p.) na D; Cova da Piedade (15 p.) na E e Amora (16 p.) na Zona F.

PORTUGAL

ANDEBOL

A contar para a segunda eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças, o F. C. Porto, perdeu ontem, no Pavilhão das Antas, por 18-26 contra o Marselha.

BASQUETEBOL

O CACO desistiu do campeonato lisboeta de basquetebol, para juvenis. Entretanto, o pavilhão do Liceu Nacional de Almada, vistoriado pelos federativos, foi aprovado para a prática oficial da modalidade.

BOXE

Ao curso de treinadores de boxe (3.º grau) candidataram-se 27 entusiastas, principiando as aulas (sob patrocínio federativo) a 15 do corrente.

FUTEBOL

Para apresentação de Eusébio aos seus adeptos, o Beira-Mar disputou ontem um encontro de futebol com o Feirense, perante enorme assistência.

O clube aveirense venceu por 3-1 (golos de Abel, Guedes e Sobral pelo B. Mar e de Amândio pelo Feirense), «estando» Eusébio em dois dos golos marcados pela sua equipa e realizando uma boa exibição.

JUDO

«Taça de Portugal», em Judo, a 28 do corrente, nas instalações do Ginásio Clube Português.

OLIMPISMO

Ernesto Matos Soares, antigo dirigente de Judo e secretário-adjunto do Comité Olímpico Português, foi eleito membro do Comité Executivo do COI, para o próximo quadriénio.

UNIVERSITÁRIO

O CDUL promove o 1.º «Torneio Regional Universitário Inter-Escolas», aceitando (até 30 do corrente) inscrições de praticantes de basquetebol, andebol, voleibol, futebol (de cinco e de onze), xadrez, natação, esgrima e atletismo.

VOLEIBOL

A 6 de Dezembro tem lugar a assembleia geral de clubes inscritos na Associação de Voleibol de Lisboa, para discussão e aprovação do relatório de contas e **relatório moral** das épocas 71-73, e discussão e aprovação de contas das gerências referentes aos anos 73-76.

Na segunda mão da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus da modalidade, o Leixões perdeu com o Leipzig por 3-0 (1-15,0-15 e 2-15).

TOTOBOLA
boletim com 13

1	Penafiel - Famalicão	1	
2	Espinho - União Lamas		2
3	Fafe - Chaves	X	
4	Lourosa - Paredes	1	
5	Portalegrense - Sanjoan.	1	
6	Torriense - União Tomar	1	
7	Caldas - União Coimbra	1	
8	Acadêm. Viseu - Peniche		2
9	T. Novas - U. Leiria	X	
10	U. Montemor - Marítimo		2
11	Farense-Vasco da Gama		2
12	Oriental - Juventude	1	
13	Esperança Lages - CUF		2

EM CAIXA

APRECIAÇÃO

O treinador francês Lucien Muller, técnico do Saragoça, aprecia assim o ex-sportinguista Bastos:

— **Acho que Bastos tem boas condições, mas é um jogador que, nem nos jogos nem nos treinos, gosta de se esforçar demasiado. Creio que lhe falta um pouco de sentido profissional.**

DESILUSÃO

Em Saragoça, terra de «majas»: Jordão em litígio aberto com o paraguaio Arrua. O angolano já chegou a pedir a rescisão de contrato: a directoria preferiu afastar (momentaneamente) Arrua da chefia da turma. Em . equipa que não faz golos, todos discutem e ninguém tem razão.

DO JORNAL DO «SPORTING»

«Apesar da sangria havida na equipa principal de futebol, do Sporting em 1975-76 e de alguns dos profissionais do Benfica se terem oferecido ao Sporting, em condições favoráveis, o nosso clube não encetou, por não querer no âmbito do acordo tácito citado, qualquer negociação.»

FUTURO

O médio benfiquista José Luís não se deslumbra com o dinheiro ganho em trabalhos de chuto: frequenta o 3.º ano comercial da Escola Alfredo da Silva (Barreiro) e não quer ouvir falar em parar os estudos.

Hamilton : depoimento corrosivo

EXPLOSIVO

Hamilton Marques, um dos melhores massagistas que (até hoje) destilaram pelo desporto português, é entrevistado pelo jornalista Cruz dos Santos, em «A Bola». Sem papas na língua, diz coisas como:

. «O sr. coordenador da selecção nacional pode verificar, na contabilidade federativa, que eu até tinha prémios na selecção, enquanto no Benfica os não tinha. Portanto que espécie de influências poderia eu exercer junto dos jogadores?

«Francamente, não sei. Posso garantir, apenas, que quer na selecção, quer no Benfica, sempre fui, única e exclusivamente, enfermeiro-massagista. Nada mais do que isso. E daí as minhas dúvidas e interrogações, para não ter de pensar que, na selecção, passou a haver alguma coisa com que eu e meu tio não concordaríamos e que tornaria incómoda a nossa presença».

Fala-se de «doping». Hamilton Marques é incisivo:

«Sim, penso que ha, relamente, «doping» no futebol português, porque sei de equipas que, em regra, se treinam pouco e chegam aos jogos evidenciando uma preparação física excelente e que não pode corresponder à verdade do trabalho feito ao longo da semana.

Em relação ao clube que serviu durante 16 anos, o sobrinho de Manuel Marques afirma:

«Quando ingressei no Benfica, sabia que me esperavam dificuldades, mas não podia contar com as que me foram criadas por dois elementos ligados ao Departamento Médico do clube, um deles já aposentado e, o outro, o meu actual substituto. Fizeram-me a vida negra, porque se completavam muito bem, nas suas maneiras de ser e de proceder.»

Mais adiante, diz:

«Não tenho dúvidas em revelar os meus vencimentos, até para desfazer a ideia, criada nalguns, de que sai do Benfica porque já tinha as algibeiras cheias. Em Março de 1974, o meu ordenado era de oito contos. Depois, foi aumentado em mil e quinhentos escudos, tal como o foram os de todos os meus colegas. E nunca tive prémios de jogos, nem mesmo nas competições europeias. Só tinha sessenta por cento do prémio dos jogadores nos jogos particulares e, de há três ou quatro anos para cá, dois meses de ordenado pela conquista de Campeonatos Nacionais, prémio este que, antes, era só de um mês e mesmo esse, muitas vezes esmolado, autenticamente.

«Nunca exigi qualquer aumento de ordenado, apesar de não ter folgas e de haver sacrificado as férias em muitos anos, limitando-as só a dez ou quinze dias, mesmo só a quatro uma das vezes.»

- *Lavagem completa estrada (para verificação de todos os orgãos à vista).*
- *Lavagem exterior do motor.*
- *Limpeza dos contactos da placa, rotor, bobine e terminais de velas.*
- *Limpeza de platinados e controle de pressão da mola e respectiva afinação.*
- *Afinar folga de válvulas, nos motores com válvula na culasse.*
- *Limpeza e ensaio de velas à máquina e seu calibre.*
- *Reaperto de todos os contactos eléctricos.*
- *Afinar regimen de carga e regulador de voltagem.*
- *Focagem de faróis à altura indicada na Fábrica.*
- *Examinar se há folgas na suspensão e seu reaperto.*
- *Examinar se há folgas na direcção e seu reaperto.*
- *Ajustar o sector de direcção.*
- *Desmontar e montar as rodas e limpar travões.*
- *Examinar estado dos retentores e lavar cubos e meter massa nova, se necessário.*
- *Desmontar e montar o carburador, limpeza, nivelamento e afinação.*
- *Limpar filtro da bomba de gasolina.*
- *Limpar filtro de ar do carburador.*
- *Aperto Geral.*
- *Limpar bornes da bateria e aplicar massa nos mesmos.*
- *Lubrificação geral.*
- *Experiência na estrada.*
- *Apresentação, ao cliente, do relatório das avarias ou correcções que se notem necessárias, incluindo preço e prazo para os trabalhos a efectuar.*

OS CLIENTES PODEM ASSISTIR ÀS REPARAÇÕES

VISITE-NOS

COTAL - A Rua Artilharia Um, 105-A Tel. 68 3131

LISBOA - 1

COTAL - B. Rua dos Lusíadas, 113-A Tel. 63 10 57

LISBOA - 3

UMA REALIDADE QUE SE TEM QUERIDO ESCONDER

AS LUTAS DE CLASSES NA U.R.S.S.

CHARLES BETTELHEIM

O MAIS SÉRIO, REALISTA E PERTURBADOR ESTUDO DUMA SOCIEDADE DITA SEM CLASSES

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Geral

Formada Cooperativa "Ou vai ou raxa"

Foi publicado no «Diário da República», II Série, n.º 263, o certificado da escritura da «Unidade Colectiva de Produção Agro-Pecuária **OU Vai Ou Raxa**, SCARL», lavrada no 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Beja.

O capital é variável e ilimitado, no mínimo de 1000 escudos, e representado por acções nominativas de 100 escudos cada uma, capital mínimo de cada sócio.

A cooperativa, que considerará sócio todo e qualquer indivíduo admitido pela assembleia geral, tem como objecto a cultura da terra com finalidades agrícolas, silvícolas ou pecuárias, visando a intensificação da produção através do aumento das quantidades produzidas e da redução dos custos de produção. Outro objectivo, é «o incremento constante da produtividade do trabalho e a implantação dos princípios de gestão democrática, tudo como meio para elevar permanentemente o nível de vida dos associados e para implantar e desenvolver as novas relações de produção».

O próprio nome desta unidade colectiva de produção, sugere a determinação dos seus associados: ou vai ou raxa...

CONGRESSO DAS AGÊNCIAS DE VIAGEM
"Retornados devem abandonar hotéis"

PÓVOA DE VARZIM, 15 — «A imediata necessidade de revogar a recente limitação legal de saída de divisas situada nos sete contos por pessoa e por ano», foi uma das propostas aprovadas no II Congresso das Agências de Viagens e Turismo que, durante dois dias, decorreu num hotel desta vila, sob a presidência do director-geral do Turismo, dr. Cristiano de Freitas, e com a participação de cerca de 200 técnicos e empresários ligados, directa ou indirectamente ao sector.

«Reiterar junto das autoridades oficiais competentes o imperativo de, a curto prazo, libertar as unidades hoteleiras da ocupação pelos desalojados, em ordem a não hipotecar capacidades receptoras, como acontece em regiões que constituem o ponto de destino de certas motivações turísticas, como por exemplo Fátima, no caso do turismo religioso», foi outra das propostas aprovadas pelos congressitas.

Foi, por outro lado, destacada a necessidade de «recomendar ao Governo a devolução, como é de justiça, do Palácio Foz à Secretaria de Estado do Turismo, com a atribuição de outras instalações ao organismo ali a funcionar», que, ao caso, é a Secretaria de Estado da Comunicação Social.

A vingança do Cardeado

Continuação da pág. 15

de uma cantiga que andava na moda. Já dava caricatos passos de dança. E foi já a cantar, e foi já a dançar sua dança muito pinchadinha que o Cardeado se chegou novamente ao balcão:

— Compadre, mais um trago.

— Ai senhora, tudo o que o compadre quiser...

Em começando assim a ficar **cardeado**, em começando assim a cantar e a dançar, — então é que ele lhe chegava...

O petromax, dependurado no prego do tirante, borrifava de luz pessoas e coisas. As sombras roçavam pelas paredes, encolhiam-se pelos cantos.

O Cardeado, lá consigo: «Vai ser agora».

Empinou, bateu o copo vazio na tábua do balcão, olhou muito nos olhos a caraça redonda de mestre Augusto Bóia:

— Olha, compadre, vou-me embora. E, quanto à despesa, o compadre que ponha no role.

Mestre Augusto Bóia, de boca aberta:

— Ai senhora, no role?!

— Sim, compadre. No role em que marcou a outra. E reze-lhe por alma, que...

O Cardeado meteu-se à noite, enrodilhado no negrume da tempestade.

Mestre Augusto Bóia deixou pender os braços molancachos e arrancou da arca do peito um suspiro profundo:

— Ai!...

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease-sousa

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/264526/264556. 264521/264946

COLISEU
Tel. 361997
2.ª OLIMPÍADA DE CIRCO!
120 artistas em pista, 2 parelhas de palhaços, 40 animais
Todas as noites às 21.30
Sábados matinée às 16 horas
Domingos 2 matinées às 14.30 e 17.15
Para todos

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons 23/4 %		275$	
Cons 3 %		300$	
Cons 3 1/2 %		350$	
Centenários		800$	
Tes 5 %		840$	
Tes. 10 %	500$	500$	505$
Extern. 1.ª s.		450$	
Extern. 1.ª c.		450$	
Extern. 3.ª s.			
Extern. 3.ª c.		500$	
Caut. 3.ª			
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx 6 %		720$	
C.M.L. 5 3/4 %		770$	
C.P. 5 1/2 % 67		650$	
C.P. 5 1/2 % 68		620$	
C.P. 5 1/2 % 69		620$	
Corr. 5 3/4 %		780$	
Metr. 5 3/4 %		810$	
Tur. 5 3/4 %		860$	
C.P. 6 3/4 %		820$	
ELÉCTRICAS			
G. 5 % 58		665$	680$
G. 5 % 59		660$	690$
G. 5 % 62			
G. 5 % 63			
G. 5 % 64			
G. 5 % 65			
G. 6 % 67		730$	
G. 6 % 69		720$	
G. 7 %		850$	900$
H.E.A.A. 5 %		610$	
H.E.C. 5 %		620$	
H.E.C. 6 %	760$	760$	
H.E.D. 5 %		590$	
H.E.D. 6 %	770$	770$	
H.E.N.P. 5 %		700$	
H.E.S.E. 5 %			
H.E.S.E. 6 %	720$	720$	730$
H.E.Z. 5 % 57		600$	
H.E.Zez 6 %		750$	
N. Elec. 5 %		620$	
N. Elec. 6 %		700$	
Termoel. 5 %		585$	
U.E.P. 5 % 60			
U.E.P. 5 % 63		780$	
U.E.P. 6 %		700$	
U.E.P. 7 %		720$	730$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % 56		700$	
A.P.T. 5 % 58		670$	
Lisnave 6 %	750$	750$	
Nitratos 60		620$	
Pet. 2.ª e 3.ª		850$	
Sacor 7 %		825$	
Sacor 5 % 54			
Sacor 5 % 60		750$	
Sid. 5 % 2.ª		620$	
Sid. 5 % 3.ª		620$	
Sid. 5 % 4.ª		620$	
Socel 5 %			
R. Fabril 67		720$	
R. Fabril 68		710$	
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %			500$
Rev. 5 % 57			
Rev. 5 % 59-60			
Moçambique 5 %			
Sonefe 5 %			
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico			
F.I.D.E.S.			

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	9º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	7º
FARO	11º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 17,6º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.40	3,5 m	2.03	1,7 m
21.34	3,3 m	14.56	1,6 m
Dia 16			
10.03	3,5 m	3.25	1,7 m
22.50	3,5 m	16.12	1,5 m
Dia 17			
		4.39	1,5 m
11.15	3,7 m	17.16	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

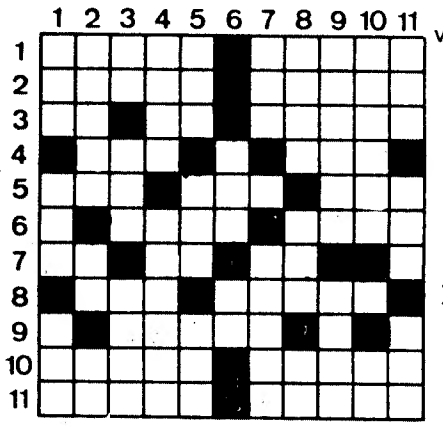
Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco, formação de geada pela madrugada nalguns locais a norte do Tejo.

AMANHÃ
NASCER AS 7.20
OCASO AS 17.23

DIA 21 — DIA 28 — DIA 6 — DIA 14

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11608



HORIZONTAIS

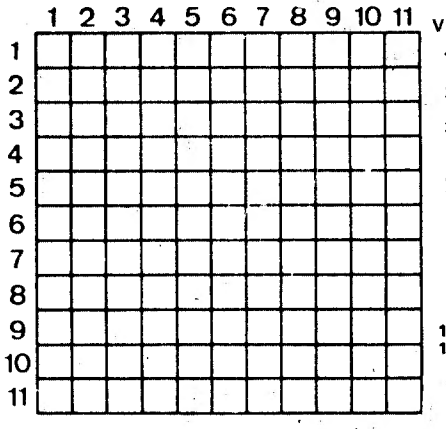
1 Pátrio. Apelido.
2 Aconselha. Deus grego e romano também chamado Febo.
3 A sono das crianças. Artigo definido. Dês urros.
4 Cabelos brancos. Artigo definido. Eia!
5 Rio da Escócia. O vencimento diário de um soldado. Nome de mulher.
6 Vou para fora. Paixão.
7 Pronome pessoal. Satélite de Júpiter. Cento e um em romano.
8 Oceano. O mesmo que ananas.
9 Bosques.
10 Freguesia do concelho da Covilhã. Planta gramínea utilizada para o fabrico do pão.
11 Palmeiras da Amazónia. Tostar.

VERTICAIS:

1 Recusa. Possuir. Religião.
2 Atrai. Preposição. Batráquio.
3 Pronome pesssoal. Suspiros. Gostar muito de.
4 Pegas. Desvairada.
5 Pêlos de certos animais. Nome de vários papas. Bigorna de aço sem hastes.
6 Rezo. Em a.
7 Ruim. Apelido.
8 Irra! Rio de França. Reis.
9 Voltam. Erva doce.
10 Encerado. Gálio (s. q.).
11 Solitários. Apelido. Maior.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7668



HORIZONTAIS

1 Chefe etíope. Aqui está. Forma apocopada e proclítica de vale.
2 Pronome pessoal. Crómio (s.q.) Carta de jogar. Rádio (s.q.)
3 Ilha da Suécia, Província de Calmar, no mar Báltico.
4 Tapas. Vagas.
5 Nome científico do pato. Dá oiro a.
6 Nesse lugar. Um cento. Letra grega.
7 Poisara no mar (o avião).
8 Nota musical. Acomete. Senhor.
9 Magnetiza. Esmonca.
10 Onda. Que não chegou a medrar.
11 Estimas. Lavramos.

VERTICAIS

1 Capim rasteiro. Cidade de Espanha.
2 Ouro (s.q.). Eia! Gostam muito de.
3 Freguesia do concelho de Torres Novas. Nome de letra.
4 Partidos. Irmãs.
5 Estavas. No Oriente, espécie de pombo.
6 Nome de fruto. Basta.
7 Rio que banha Setúbal. Nome de fruto.
8 Sinal (ant.). Rapa.
9 Acrescentara. Preposiçãoooo.
10 Atmosfera. Anel. Tamanco.
11 Capital do Tibete. Tribo indígena brasileira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11607

HORIZONTAIS:
1 Aca. Remavam.
2 Caria. Amali.
3 ABRE. O. OLHO.
4 Iru. Sol.
5 Sadismo. Aso.
6 Ansa. Br.
7 At. Aarão. EC.
8 QUE. Mês. Ala.
9 Urra. Iriar.
10 Ecara. Le. In.
11 Más. Amara.

VERTICAIS:
1 Acais. Aquém.
2 Cabra. Turca.
3 Arruda. Eras.
4 Ié. Ina. Ar.
5 Ra. ASSAM. Aa.
6 Maré.
7 Má. Dó. Asila.
8 Amo. Bo. Rer.
9 Valsar. Aí.
10 Alhos. Elai.
11 Miolo. CARNE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7667

HORIZONTAIS:
1 Sr. Moída. Ta.
2 Oiã. Uma. Vós.
3 Meda. Pila.
4 Vim. Ala.
5 Recorra.
6 Er. Marão. Rã.
7 Mês. Tal. Sol.
8 Maçã. Amada.
9 Dama. Acab.
10 Irosa. Arada.
11 Aasen. Sarar.

VERTICAIS:
1 Som. Sem. Dia
2 Riev. Remara.
3 Adir. Samos.
4 Amem. Case.
5 Ou. Cata. An.
6 Implora.
7 Dá. Rala. As.
8 Pàro. Marã.
9 Vila Sacar.
10 Tola. Rodada.
11 Asa. Malabar.

Provérbio: ABRE O OLHO QUE ASSAM CARNE.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1
ATÉ às 22 HORAS

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9 D/E (Tel. 711780).

AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 288-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio (Tel. 763016); Cardeira, Avenida Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Avenida da República) (Tel. 43495).

AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193).

BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606).

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (Tel. 68660).

CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

RATO
Soares, Avenida Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Bairrão, Rua Prior Crato, 25 (Tel. 661321)

ALVALADE
Lusitana, Avenida da Roma, 18-A (Tel. 725443); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (Tel. 721409).

AVENIDAS NOVS
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36/42 (Tel. 41961/54672).

BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (Tel. 321534)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).

BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 28 (Tel. 326575)

CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel 663643).

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438)

LAPA
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (Tel. 661251)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Tel. 791131)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-88395).

SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333)

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão 30/32 (Tel. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T.2113161)

ALCABIDECHE
Carvalho. Até às 22 horas

PORTO SALVO
Porto Salvo. Até às 21 horas

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas

OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas

NOVA OEIRAS
Leal. Até às 21 horas

CARCAVELOS
Central. Até às 24 e das 0 às 9 horas

S.DOMINGOS DE RANA
Godinho de Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; Junqueiro. Até às 21 horas

MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Até às 21 horas

AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314). Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Loesp, R.Hangar, 3 (T.380008). Até às 21 horas

CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 21 horas; Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589). Até às 22 horas; Campos, R.Elias Garcia, 185 (T.930072). Até às 22 horas; Caibel, R.António Sardinha, 23-D (T.938551). Até às 22 horas

DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231). Até às 22 horas

VENDA NOVA
Gerassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161). Toda a noite

QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117)

CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Tel. 940781)

MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)

ALMADA
Central, R.de Olivença, 11 (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2973035)

COVA DA PIEDADE
Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)

SESIMBRA
Lello, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (T.22488); Louro, R.Frei António Chagas, 24-A (T.24491)

SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

Nau Vitória. R.Nau Vitória, 723 Ordem da Trindade. R.Heróis e Mártires de Angola: Confiança. R.de Santa Catarina, 960 Antas. Av. Fernão de Magalhães, 1076 Antiga Porta do Olival. Campo Mártires da Pátria, 122. Ferreira. P.D.Afonso V, 55-B: Lousada. L.do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE
Alves da Silva. Av. da Boavista, 1016 Azevedo. R.d Azevedo, 136 Gomes Ferreira. R. Maria Guimarães, 449. Falcão. R.de Santo Ildefonso, 61

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil (Tel. 74821).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

CIRCO MARIANO
Alameda D. Afonso Henriques
21.30 (6 anos)

LAURA ALVES
20.30, 22.45
«Vamos Trocar de Mulheres»

VARIEDADES
20.30, 22.45 (18 anos)
«Isto é que me Dói»

A-B-C
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»

ADÓQUE
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«2.ª Olimpíada de Circo»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Loucuras Porno»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (18 anos)
«O Império dos Sentidos»

SATÉLITE
21.45 (13 anos)
«Matrimónio»

CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Vício de Matar»

CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Wester porno»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«O Homem que queria ser Rei»

EUROPA
21.15 (10 anos)
«Os Glorisos Malucos das Máquinas Voadoras»

RESTELO
21.15 (18 anos)
«O Porteiro da Noite»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Batalha de Neretva»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O Cow-Boy da Meia Noite»

PROMOTORA
19.00 (18 anos)
«Caça Perversa»

ROYAL
21.15 (18 anos)
«O Dever Conjugal»

PARIS
21.15 (18 anos)
«Yakuza»

OLÍMPIA
21.00 (13 anos)
«O Meu Nome é Ninguém»

VOX
21.15 (18 anos)
«Os Teatros Eróticos de Paris»

PALÁCIO FOZ
21.00 (18 anos)
«A Selva da Alta Costura»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Não Há Azar»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«Este Já Está... Venha Outro»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Aflie Darling»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Garganta Funda»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (6 anos)
«Kasablan»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Teatros Eróticos de Paris»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Eram Todos Filhos da Mãe»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.16 (18 anos)
«Rollerball»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

SALÃO BEBÉ
21.15 (18 anos)
«Em Nome do Pai»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Não há Azar»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Prostituição Clandestina»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Criado»

JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«O Homem de Hong-Kong»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Western Porno»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«OURO»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«A 7.ª Alvorada»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Filha de Ryan»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«E Tudo o Vento Levou»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Os Revoltados do Cano»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amante»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Spartacus»

cinemas ● cinemas ● cinemas

ALVALADE
T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15

Luis de Funés em
AS FÉRIAS GRANDES
Um filme de Jean Giraut
7.ª semana
Para todos

APOLO 70
T.763319 — 14,16.30,19 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos) VittorioGassman,AlessandroMomo Agostina Belli
PERFUME DE MULHER
3.ª Semana
Um filme de Dino Risi
Hoje às 24,00 horas — Grupo D (M. 18 anos)
JULIETA DOS ESPIRITOS

AVIS
T.47183 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
27.ª semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

BERNA
T.778098 — 14.00, 17.30, 21.00

A mais espectacular obra que o cinema realizou
SPARTACUS
2.ª semana
Um filme de Stanley Kubrick
Grupo B (10 anos)

CAMÕES/QUINTA
T.795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

«O filme sensação» Festival de Cannes 1976
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
A obra-prima de Nagisa Oshima
2.ª semana
Interdito a menores de 18 anos
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CASINO ESTORIL
T.264996 264996 — 17.00, 21.15

Grupo A/M. 6 anos
KASABLAN

CASTIL
T.530194

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
UM AMOR COMO O NOSSO
Um filme de Andrée Marchand
4.ª Semana
(Este filme pode ser considerado pornográfico)

CONDES
T.322523

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Num ambiente escaldante...
OURO
3.ª Semana
C/Roger More, Susannah York, Rav Milland

ECO
Tel. 320768 — 14,16.30,19 e 21.15

Robert Taylor, Elizabeth Taylor Joan Fontaine em
IVANHOE
um filme de Richard Thorpe
Para todos

ESTÚDIO
T.779095 34 — 15, 17, 19 e 21.15

O filme sensação do Festival de Cannes 76
O IMPERIO DOS SENTIDOS
A obra-prima de Nagisa Oshima
Interdito a menores de 18 anos

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos
MEU DEUS AO QUE EU CHEGUEI!
4.ª semana
com Laura Antonelli

IMPÉRIO
Tel. 555134 5 — 15.15, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
Michael York/Susannah York Trevor Howars
A HONRA DO REGIMENTO
Um filme de Michael Anderson Colorido

LONDRES
Tel. 601313 — 14,16.30,19 e 21.30

Não acons. m. 13 anos
A FLAUTA MÁGICA
Atenção: o filme é exibido logo no início da sessão

MUNDIAL
Tel.538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores 18 anos
COMO, QUANDO E COM QUEM?
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

[illegible]
Sessões: 15.00, 18.00, 21.00
RESTAURADORES
CicloCinematográficoO REALISMO NOCINEMAAMERICANO — 1.ªSérie
«A SELVA DA ALTA COSTURA»
Realizador: Robert Aldrich e Vicent Sherman (Estados Unidos, 1956)
Bilhetes: Esc. 5$00
Não acons. a men. de 18 anos
IniciativadaDirecçãoGeraldaAcção Cultural

Em S. MARTINHO DO PORTO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ ROSA

NIMAS
Tel. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
5.º mês de lotações esgotadas
O Chile de Allende e Pinochet

ODEON
Tel. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a menores 18 anos
Em 24.ª semana de enchentes
O PECADO SERVE-SE QUENTE

PATHÉ
Tel. 821933 — 15, 18,21.15 e 24

Uma dimensão exacta de amor, com mistura de pecado e inocência!
AAINA
4.ª Semana
Um filme de K. Balachander
Não acons. a menores de 13 anos

POLITEAMA
Tel. 329805 — 14.15, 16.30, 19.00,21.30

Interdito men. 18 anos
Em 4.ª semana êxito total
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
(Cont. cenas eventualmente chocantes)

RESTELO
T.610375 — Às 21.00

Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
3.ª Semana

ROMA
Tel. 727778 — Às 15.30, 18.30, 21.15

«César et Rosalie»
com Yves Montand, Romy Schneider

ROXY
Tel. 48560 — 14.15,16.30,18.45 21.15

Robert Taylor, Elizabeth Taylor, Joan Fontaine em
IVANHOE
Um five de Richard Thorpe
Para todos

S. JORGE
Tel. 864153 — 15.15, 18.15, 21.15

O mais espectacular filme do nosso tempo!
ROLLERBALL
De Norman Jurrison Com James Caan.
3.ª Semana

TIVOLI
Tel. 570595 — 15.15, 18,30 e 21.15

Das profundezas do oceano surge o mais grandioso de todos os filmes!
20.000 LÉGUAS SUBMARINAS
um filme de Richard Fleischer
2.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

UNIVERSAL
Tel. 774402 — 15.00 e 21.00

Int. men. 18 anos
A MÃE E A PUTA
Às 18.30 Int. men. 18 anos
MARIDOS

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 — 21.15

Int. a menores de 18 anos
OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM

1.º Programa

18.00: Música variada; **17.00:** Música popular; **17.30:** Orquestras; **18.00:** Música portuguesa; **19.00:** Falar de História; **19.35:** Música variada; **20.00:** Jornal da noite; **20.30:** Instrumentistas; **21.00:** Contraponto — editorial — apontamento de teatro; **00.00:** Último jornal; **00.15:** Jazz; **00.30:** Canções da Europa; **01.00:** Música na noite.

2.º Programa

18.00: Intercâmbio musical; **17.00:** Quinzena espanhola; **17.30:** Solos de cravo; **18.00:** «Brasiliana», n.º 3, gladosia, de Ramadés Gnatalli; **18.30:** Música de câmara; **19.15:** A ópera cómica em um acto «O Casamento do Diabo», de Gluck; **20.00:** Concerto em ré menor, para dois pianos e orquestra, de Poulenc; **20.50:** Uma obra para violoncelo, de Sylvano Bussoti; **21.00:** O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00:** Música de órgão; **22.30:** Orquestras de câmara; **23.00:** Solos de piano, por Alicia de Larrocha; **23.40:** Intercâmbio musical; **01.00:** Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.15:** Casos ao acaso; **16.40:** Mulher, agora e aqui; **17.10:** Prevenção e saúde; **17.30:** Teatro em variante; **18.00:** Emissão regional — contacto; **21.00:** Música, só música; **21.30:** Quando o telefone toca; **23.01:** Nocturno; **23.06:** Hora luterana; **00.15:** Pequena enciclopédia radiofónica; **00.30:** Imprevisto; **02.00:** Fecho.

3.º Programa
Local (187 m)

18.00: Emissão local — entardecer; **19.30:** Romance de uma cidade (repetição); **21.00:** Fecho.

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

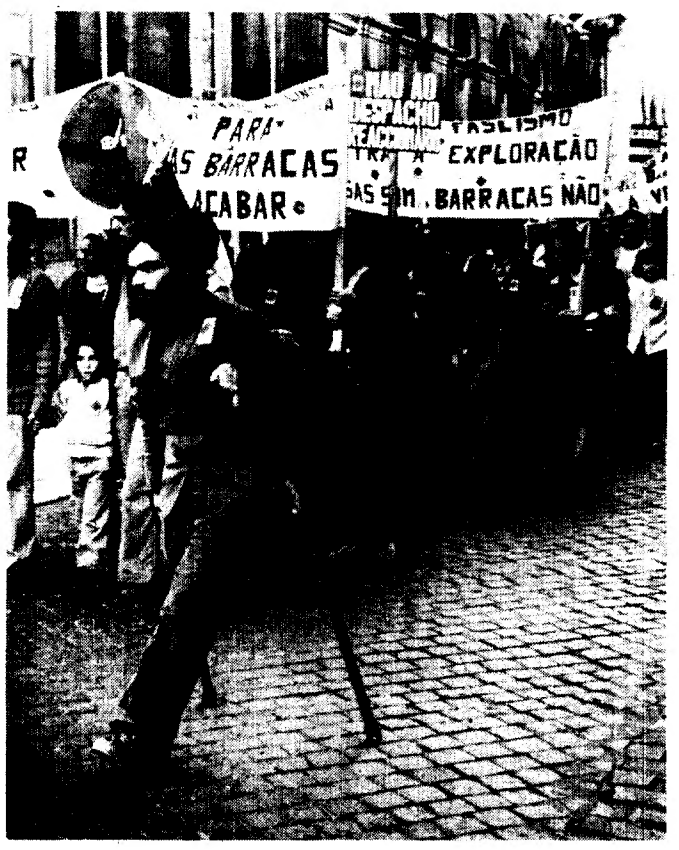
19.00: Em órbita; **20.00:** Programa da noite; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma; **02.00:** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00:** Aelos; **18.15:** Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30:** Transissão do terço; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00:** Objectivo; **20.53:** Apelos; **21.05:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas vivos; **23.05:** Trifónico; **23.30:** Estante giratória; **00.00:** Meditando; **02.00:** Encerramento da estação.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.I.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 329271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL



Alguns milhares de moradores dos bairros de lata das zonas de Lisboa e arredores de Setúbal manifestaram-se, sábado, contra o despacho ministerial de 28/10 que corta as verbas ao S.A.A.L. e desvia para a competência das autarquias locais os atributos deste serviço.

Após a concentração no Terreiro do Paço, os manifestantes dirigiram-se para o Ministério da Habitação, onde foi reivindicada uma política habitacional que ponha termo à existência de barracas. A manifestação, que se seguiu a outras já realizadas em Porto e em Setúbal, foi convocada por intercomissões e interassociações de moradores de bairros de lata de Lisboa e arredores de Setúbal.

Conselhos das Armas: pretende-se violar legalidade nas eleições

Aproxima-se a data em que deverão ter lugar as eleições para os Conselhos das Armas. Sobre este assunto foi distribuída uma circular, emanada do Estado-Maior do Exército, assinada pelo general Vasco Vieira. Essa circular que, por ordem do CEME, tem sido comunicada aos serviços e unidades pelos oficiais-generais, directores das Armas, retira o direito de serem eleitores e elegíveis para os respectivos Conselhos aos oficiais que tenham um auto pendente. Estão neste caso não só oficiais implicados nos acontecimentos de 11 de Março, como oficiais referidos nos vários relatórios (ou partes de relatório) sobre os acontecimentos de 25 de Novembro.

O Regulamento do Conselho das Armas, no seu título IV, sobre Eleições, é taxativo:

1 — «São considerados elegíveis todos os oficiais do Quadro Permanente no activo da Arma ou Serviço para lugares destinados a oficiais no Conselho». Por outro lado, o ponto 3/1 do mesmo Regulamento prescreve: «O voto é obrigatório. Todo o oficial ou sargento do Quadro Permanente deve votar para a eleição do seu Conselho, para que este tenha verdadeiramente representatividade nas missões que lhe são cometidas».

A discriminação que atinge os oficiais que tenham autos pendentes (o que, aliás não pode ser considerado como uma situação de inculpação) desrespeita a letra e o alcance destes preceitos do Regulamento do Conselho das Armas e viola a própria legalidade constitucional. Ninguém militar ou civil, pode ser privado dos seus direitos a não ser por decisão judicial.

E foi esta razão — a do respeito pela legalidade e pelas garantias constitucionais — que determinou que se tenha reconhecido ao major Otelo Saraiva de Carvalho, pessoalmente objecto de vários autos e referido em vários relatórios, o direito de se candidatar à Presidência da República no uso pleno das suas prerrogativas de cidadão eleitor e elegível.

A circular emanada do CEME viola a legalidade do país e poderá, na prática, contribuir para um avanço da «direita militar». Nos meios militares reina uma certa preocupação e muitos oficiais não compreendem um critério que não é legal e é manifestamente contrário ao adoptado em relação à candidatura do major Otelo. Chega-se ao ponto incompreensível, e injustificável do major Otelo Saraiva de Carvalho, em virtude de um auto pendente, não ser eleitor ou elegível para o Conselho da Arma e ter conservado a sua capacidade de eleitor e o seu direito a ser eleito para a Presidência da República.

11 DE MARÇO

C. R. vai contestar decisão do juiz

● Supremo Militar profere acórdão dentro de 15 dias

..O Conselho da Revolução vai contestar o despacho dos juízes encarregados da instrução dos processos respeitantes ao 11 de Março, segundo o qual aquela rebelião teria sido «legítima, constitucionalmente lícita e até representado o cumprimento de um dever».

Segundo a mesma fonte, a divulgação do teor do despacho deve-se, não a nenhuma fuga de informações, mas sim ao facto de os processos terem deixado de estar em segredo de justiça, podendo ser consultados pelos advogados dos acusados.

O despacho que iliba parcialmente os implicados, considera também que se tinham verificado frequentes violações das normas constitucionais e do Programa do Movimento das Forças Armadas, dentro das quais se salientariam a posse do general Costa Gomes, como Presidente da República, depois da demissão de Spínola.

Segundo o mesmo despacho só é considerado crime o roubo dos dois helicópteros, que transportaram Spínola e alguns dos oficiais golpistas para Talavera de la Reine, em Espanha e ainda a deserção dos militares que então estavam no activo.

Esta decisão do juíz-instrutor foi considerada pela nossa fonte como incompreensível, já que, havendo causa de justificação para um golpe de Estado, por maioria de razão ela serviria para «desculpar» o desvio de dois helicópteros.

Ao abrigo de disposições do Regulamento do Serviço da Polícia Judiciária Militar, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 285/76, do Conselho da Revolução, o superintendente daquela Polícia, tenente-coronel Costa Neves vai elaborar um parecer contestando a decisão dos juízes. Segundo o Art.º 27.º daquela diploma, a entidade responsável pela P. J. M. poderá, quando discordar dos juízes-instrutores apensar parecer fundamentado aos autos e enviá-los para o Supremo Tribunal Militar, que terá a última palavra.

Foi isso que o Conselho da Revolução decidiu, através do tenente-coronel Costa Neves, cabendo agora ao Supremo, presidido pelo vice-almirante Tierno Bagulho proferir dentro em breve a decisão final.

Segundo afirmou ainda a nossa fonte a isenção até agora demonstrada pelo Supremo Tribunal Militar permite supôr que a lei será aplicada com todo o rigor, não se permitindo a impunidade de um acto que mereceu a unânime condenação do povo português, de quase todas as correntes políticas, das Forças Armadas e que, relembramos provocou uma última, durante o bombardeamento do Ralis.

Bomba em casa de Lopes Cardoso

Continuação da pág. 1

vidros espalhados pela cozinha e pela sala ao lado onde a família toma, normalmente entre as 7 e as 8 horas, o pequeno almoço. A escada de serviço ficara cortada em duas partes. A explosão tinha alertado todo o prédio e os moradores em volta, e ao que parece, segundo informações recolhidas no local, em vasta área de Lisboa.

A encarregada do prédio diria, mais tarde, que poucos minutos antes vira sair da casa um indivíduo com um casaco acastanhado e de boné. Uma inquilina do prédio n.º 45 confirmaria a afirmação da porteira, acrescentando mais dois pormenores ao indivíduo em questão: que aparentava ter entre 30 e 40 anos e se apresentava com barbas.

Admite-se que o engenho, ali colocado já depois da porteira ter recolhido o lixo, isto é, entre as 7 e 30 e as 7 e 35, tenha sido posto no balde de zinco de Lopes Cardoso, de que se encontravam alguns fragmentos dispersos após o rebentamento. De harmonia com a habitual movimentação, àquela hora, no prédio, a explosão teria atingido, além do casal Lopes Cardoso, os vizinhos do lado esquerdo, que por mero acaso foram pernoitar ontem, a Oeiras. Mas uma outra pessoa se pode dar por feliz: a empregada de Lopes Cardoso, que esta manhã, àquela hora, ali deveria estar.

Com as lágrimas nos olhos, Maria Isa Ferreira Santos disse-nos que na passada sexta-feira prometera estar ali por volta das 7 horas para começar a sua faina diária. Faltou, todavia, a água na Amadora, onde reside, pelo que se atrasou. «Veja bem», afirmou-nos, «que se não tivesse corrido como eu esperava... É que eu costumo começar o meu trabalho pela cozinha».

O ambiente, no prédio e nas artérias vizinhas, era de viva indignação e repulsa. Pudemos testemunhar esse facto, bem como as reacções provocadas em diversos sectores. Os prejuízos são significativos e, nestas circunstâncias, não estão cobertos pelo seguro.

«Se o objectivo é intimidar-me para que não actue na Assembleia da República como o fiz, de acordo com a Constituição e o programa do Governo, como ministro da Agricultura, enganam-se redondamente», adiantou ainda Lopes Cardoso ao repórter do «D L». Lamentando a impunidade com que os bombistas vêm actuando, o ex-titular do MAP, ao responder a outras questões formuladas pelos jornalistas, observaria: «Espero que essas e outras perguntas possam ser feitas aos bombistas, sinal de que estariam todos presos».

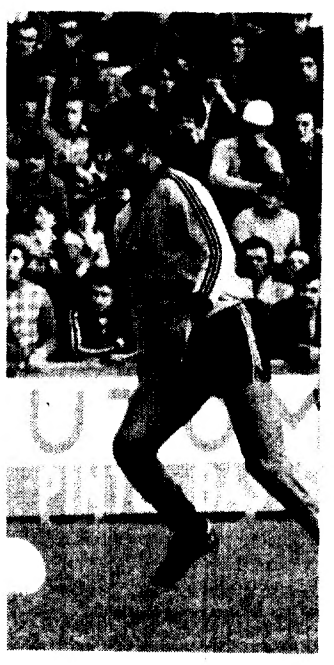
Veloso em Lisboa

E esperado hoje em Lisboa, vindo num avião militar, o brigadeiro Pires Veloso, comandante da R. M. N., que vem terminar a convalescença na sua casa de S. João do Estoril.

Continuação da pág. 1

tra da destruição e da morte. A «liberdade do terrorismo» é o corolário dos terroristas em liberdade. O Governo e o Conselho da Revolução têm que dar uma explicação ao País. Devem assumir as suas responsabilidades na defesa da «ordem constitucional», da segurança das pessoas e bens. A Democracia não pode estar desarmada perante os seus inimigos, não pode aceitar a bomba como argumento político. As libertações que desafiam a sensibilidade dos portugueses e a razão política, deram o seu fruto.

Por irresponsabilidade, por incúria, por indiferença, o «terrorismo» continua.



Setenta minutos de uma grande exibição (tantos quantos esteve em campo), passes decisivos para a obtenção de dois golos na vitória da sua equipa sobre o Feirense (3-1), Eusébio, estreou-se, ontem, pelo Beira-Mar a contento de todos os que na cidade de Aveiro contribuíram para o regresso do excelente jogador ao futebol profissional. Eusébio ainda teria tempo para marcar um golo que o árbitro anulou (dizem que injustificadamente) e para dar ao grupo de Aveiro uma dimensão futebolística diferente, bastante para melhor. Na imagem, um momento da estreia do futebolista que ganhou fama mundial ao serviço do Benfica e da selecção portuguesa e que ainda recentemente venceu o campeonato norte-americano com a camisola dos «Toronto Metros»

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MES ANTERIOR: 40 930 EXS

Nota

OS ALMOÇOS E AS VIAGENS

Lemos no «Jornal de Notícias» de hoje:

. «Pegando em notícias divulgadas discretamente pelos jornais «O País» e pelo «Diário de Lisboa» estamos em condições de assegurar que «um conselheiro da Revolução se teria encontrado com Holden Roberto».

Efectivamente, depois de no dia 29 de Outubro ter realizado vários contactos em Paris, o conselheiro da Revolução, major da Força Aérea Canto e Castro manteve conversações em Bruxelas com o líder da FNLA, Holden Roberto, com quem almoçou no dia 30.

Segundo informações que colhemos, Roberto deslocou-se à capital belga para ali contactar comerciantes de armamento e mercenários com vista à prossecução da luta contra o regime de Agostinho Neto. Aproveitando a sua estadia na Europa, o dirigente da FNLA fez declarações aos jornalistas e contactou diversos dirigentes políticos com vista a uma recolha de auxílio para a guerrilha que desenvolve em Angola.

Canto e Castro terá mantido longas conversações com Holden Roberto, com quem foi visto no dia 30 num restaurante português da Rua Debousquet.

Entretanto, especula-se com a aquisição de uma esquadrilha de aviões «Hercules-130» pela Força Aérea Portuguesa. Técnicos militares manifestam-se contra o negócio realizado com a firma americana «Lockeed» considerando que a aquisição de tais aeronaves não tem, nas actuais circunstâncias, qualquer justificação.

. . . .

O custo dos primeiros dois aviões ronda os 700 mil contos e a rede de assistência que é necessário montar para a sua conservação fará ultrapassar as despesas a mais de 1 milhão de contos. Até que ponto isto ultrapassará as especulações continua a ser uma incógnita. Como o é a viagem que Morais e Silva agora realizou aos Estados Unidos...»

SECOL
VÁ A
LONDRES
DE
26 a 29 NOV.
POR
4.300$00
Contacte-nos pelos telef. 324484 ou 369838
SECOL
Agência de Viagens
Rua do Arsenal, 134